




Coleção
Documentos
101

A CAMPANHA PRESIDENCIAL DE 1921-1922 NAS CARICATURAS DE O MALHO

CENTRO DE
LITERATURAS
E CULTURAS
LUSÓFONAS
E EUROPEIAS

CLEPUL
Faculdade de Letras da
Universidade de Lisboa

FCT
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia



FRANCISCO DAS NEVES ALVES

A CAMPANHA PRESIDENCIAL
DE 1921-1922 NAS CARICATURAS
DE *O MALHO*





Conselho Editorial

Alvaro Santos Simões Junior (Universidade Estadual Paulista – Assis)

António Ventura (Universidade de Lisboa)

Beatriz Weigert (Universidade de Évora)

Carlos Alexandre Baumgarten (PUCRS)

Ernesto Rodrigues (CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Francisco Topa (Universidade do Porto)

Gilda Santos (Real Gabinete Português de Leitura)

Isabel Lousada (Universidade Nova de Lisboa)

Isabel Lustosa (Fundação Casa de Rui Barbosa)

João Relvão Caetano (Cátedra Infante Dom Henrique – CIDH)

José Eduardo Franco (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Maria Aparecida Ribeiro (Universidade de Coimbra)

Maria Cristina Firmino Santos (Universidade de Évora)

Maria Eunice Moreira (PUCRS)

Tania Regina de Luca (UNESP)

Vania Pinheiro Chaves (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Virgínia Camilotti (UNIMEP)

Francisco das Neves Alves

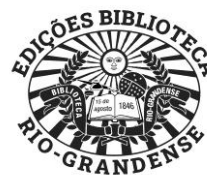
A CAMPANHA PRESIDENCIAL DE 1921-1922 NAS CARICATURAS DE *O MALHO*



- 101 -



UIDB/00077/2020



Lisboa / Rio Grande
2025

Ficha Técnica

Título: A campanha presidencial de 1921-1922 nas caricaturas de *O Malho*

Autor: Francisco das Neves Alves

Coleção Documentos, 101

Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira

Capa: O MALHO. Rio de Janeiro, 31 dez. 1921.

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande, Janeiro de 2025

ISBN – 978-65-89557-91-3

O autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de duzentos livros.

ÍNDICE

A candidatura oficial, a Reação Republicana e *O Malho* / 9

As caricaturas de *O Malho* e a campanha presidencial de 1921-1922 / 23

A CANDIDATURA OFICIAL, A
REAÇÃO REPUBLICANA E
O MALHO

A República Brasileira, superando as crises de sua fase inicial, consolidou-se a partir de um modelo político oligárquico, o qual teve por características básicas o predomínio dos dois Estados economicamente mais poderosos – São Paulo e Minas Gerais. Tal liderança permitiu que ambos utilizassem largamente o aparelho do Estado em benefício próprio. Dessa forma, esse sistema “café-com-leite”, muitas vezes apresentado como sólido, monolítico e imune a contestações, deparou-se com algumas crises políticas, principalmente no que tange a determinadas sucessões presidenciais, momentos em que, várias vezes, as oligarquias denominadas de periféricas buscariam desalojar as oligarquias centrais do poder. A partir da década de 1920, os movimentos oposicionistas das oligarquias dissidentes seriam agravados pelo eclodir de rebeliões vinculadas à jovem oficialidade, contestadora do *status quo*. Tais elementos contribuíram para aprofundar as contradições das estruturas oligárquicas, levando ao declínio da República Velha.

Nesse quadro, Rio Grande do Sul, Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro, Estados que correspondiam, “respectivamente como o terceiro, quarto, quinto e sexto, em importância eleitoral”, ficando atrás apenas de “São Paulo e Minas Gerais”¹, uniram-se como uma frente de oposição. A cabeça da chapa oposicionista coube à figura do fluminense Nilo Peçanha, que abandonara a candidatura Bernardes, ficando o baiano J. J. Seabra como candidato a vice. Formava-se, assim, a Reação Republicana, com a decisiva participação gaúcha,

¹ FAUSTO, Boris. A crise dos anos vinte e a Revolução de 1930. In: FAUSTO, Boris. *História geral da civilização brasileira*. 2.ed. São Paulo: DIFEL, 1978. p 408.

em uma frente que viria a constituir notório exemplo de oposição entre oligarquias periféricas e centrais. A formação da Reação Republicana adveio não só de questões de fundo político, mas também se originou de fatores vinculados à economia, uma vez que, “na base desta oposição”, estiveram “os interesses econômicos” das oligarquias periféricas, muitas vezes “contrários aos esquemas de valorização do café, que aumentavam a inflação e a instabilidade financeira”².

Em suas propostas, a Reação Republicana exigia o saneamento financeiro, espelhando-se na política econômica outrora empregada por Campos Sales no combate à inflação. A frente oposicionista acusava o “imperialismo” dos Estados centrais, essencialmente no que se referia à política de valorização do café, não defendendo a suspensão desta e sim a expansão de planos protecionistas para produtos de outros Estados, além da colocação de infraestrutura, principalmente transporte, voltados praticamente apenas para os Estados que compunham a Reação. Assim, os dissidentes passaram a autoproclamar-se como defensores de propalados princípios democráticos e detentores da aceitação por parte da opinião pública, afirmando, enfim, que os ideais republicanos seriam exatamente aqueles coincidentes com suas propostas. Dessa maneira, os elementos vinculados à Reação Republicana definiam-se como herdeiros de uma política considerada como “pura”, em detrimento daqueles que eram considerados como “políticos profissionais”, que detinham o poder no sistema café-com-leite.

² FORJAZ, Maria Cecília Spina. *Tenentismo e política*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. p. 39.

A candidatura de Nilo Peçanha deveria aparecer desse modo como uma alternativa, traduzindo uma realidade de crescente contestação e descontentamento, com a forma como se processava o jogo político, reduzido ao arbítrio de poucas pessoas”³. Apesar de ser uma disputa intra-oligárquica, “a campanha demonstrou que existia no país uma vontade de mudança, embora difusa, a qual o candidato – Nilo Peçanha – tentou capitalizar em seu favor”⁴. Dessa maneira, mesmo que os dois grupos em disputa representassem os interesses da elite econômica, o conteúdo oposicionista da Reação Republicana chegou a atingir outros segmentos sociais. Assim, “o movimento das oligarquias não-cafeeiras” ganharia “significativamente o apoio da classe média urbana, cujas expressões adotam uma plataforma liberal, necessária à derrubada da política dos governadores”⁵.

Nesse quadro, os jovens oficiais que passavam a articular-se e manifestar sua insatisfação com o modelo político em vigor na república oligárquica passaram a apoiar a Reação Republicana, depositando na mesma suas expectativas por transformações. O discurso supostamente “democrático” da oposição parecia coincidir com as principais reivindicações do movimento que viria a ser conhecido como tenentismo, principalmente no que se referia a uma “modernização” na política eleitoral, considerada retrógrada e defasada. Para os

³ SODRÉ, Nelson Werneck. *O tenentismo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985. p. 16.

⁴ VIZENTINI, Paulo Gilberto Fagundes. *A crise dos anos 20*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1992. p. 20.

⁵ MERCADANTE, Paulo. *Militares & civis: a ética e o compromisso*. Rio de Janeiro: Zahar, s/data. p. 198.

tenentes, “as sensibilidades dominantes não possuíam delicadeza para compreender as consequências desta política de esmagamento e opressão”. Ainda segundo eles, “a miopia partidária cerrava os olhos para a evolução universal, aparentando desconhecer a evidência do acanhadíssimo sistema eleitoral” brasileiro⁶. Porém, já em 1922, com a vitória situacionista na eleição presidencial, ficaria evidenciada a falta de identidade entre os interesses das oligarquias dissidentes e as aspirações das classes médias e dos jovens militares.

Durante a década de 1920 afluíram diversos movimentos militares que traduziam a insatisfação de setores de tal categoria com a situação dominante. O governo de Epitácio Pessoa despertou mais ainda a oposição dos militares, principalmente pela acusação de um certo civilismo, tendo inclusive nomeado dois civis – Pandiá Calógeras no Ministério da Guerra e Raul Soares no da Marinha – para pastas tradicionalmente ocupadas por militares. Tal posição afastava-os também do candidato governista e “a candidatura de Nilo Peçanha, por ser de oposição à candidatura oficial de Bernardes”, poderia contar com o “apoio dos militares, particularmente daqueles que começavam a cuidar de uma intervenção armada no processo político”⁷.

A oposição dos militares para com Bernardes ficaria ainda mais acirrada com a publicação das denominadas “cartas falsas”, nas quais o candidato teria

⁶ SANTA ROSA, Virgínio. *O sentido do tenentismo*. Rio de Janeiro: Alfa-Ômega, 1976. p. 38.

⁷ SODRÉ, Nelson Werneck. *História militar do Brasil*. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. p. 211.

ofendido a figura de Hermes da Fonseca, chamando-o de “sargento sem compostura” e “canalha” que “precisa de uma reprimenda para entrar na disciplina”⁸, além de atingir o Exército como um todo. A questão da autenticidade das referidas cartas foi significativamente discutida, chegando-se, mais tarde, à confirmação de sua falsidade. Para os militares, porém, a conclusão seria outra, de modo que “no Exército e na Armada, 80% dos oficiais estavam convencidos” de que Bernardes “era culpado, enquanto 10% defendiam a convicção oposta e os 10% restantes agiam por interesse egoísta, sabendo perfeitamente”, que se tratava de “uma manobra eleitoral imoral e indigna”⁹.

Nesse quadro, o apoio de setores militares à candidatura de Nilo Peçanha levaria, em alguns casos, ao extremismo de afirmar que a vitória seria obtida de qualquer modo, fosse ou não legal. Assim, setores mais radicais das forças armadas fizeram circular entre as diversas guarnições militares dos Estados mensagem destinada aos “camaradas”. Tal comunicado demarcava que “a nossa moção significa não votarmos no nosso inimigo Artur Bernardes que não será governo porque dissolverá o Exército”, já que “conhecemos seu desejo incontido de vingança, a sua arrogância e violência, apoiado nos negociatas de São Paulo, nos régulos estaduais” e “no conluio político desgraçadamente” embasado “na ambição dos generais”. Ainda de acordo com o manifesto, “capitães e tenentes, bem como os sargentos estão todos unidos e bem

⁸ CARONE, Edgard. *A Primeira República: texto e contexto*. 4.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988. p. 57.

⁹ CALÓGERAS, João Pandiá. *Formação histórica do Brasil*. 8.ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1980. p. 362.

orientados, aguardando o momento para agir”, vindo a garantir que, se Bernardes fosse eleito, “impediremos o seu reconhecimento pelo Congresso” e, “se for reconhecido, impediremos a sua posse de qualquer modo”. Finalmente, afiançava que “em 15 de novembro, não haverá governo; tomaremos conta do Sr. Bernardes, vivo ou morto, e então daremos posse ao Sr. Nilo ou proclamaremos um ditador”¹⁰.

Optava assim a jovem oficialidade pela insurreição, caso necessário, como forma de impedir a vitória ou a posse do candidato governista. Entretanto, o triunfo nas eleições de março de 1922 foi de Bernardes, diante do que a oposição ainda tentaria a formação de um “tribunal de honra”, que substituiria o Congresso no processo de apuração, sendo esta a última tentativa de vencer a máquina eleitoral reinante, o que não foi obtido. Frente a tal circunstância, “a situação de revolta contra o candidato vitorioso e as oligarquias que o sustentam” tornou-se “cada vez mais radical”, em um quadro pelo qual, “apesar do clima tenso”, existia “ambiguidade de posições” entre “as oligarquias dissidentes e a alta oficialidade”, que só pretendiam “pressionar legalmente contra o grupo dominante”, ao passo que, “a baixa oficialidade pensa de maneira contrária”, pretendendo “passar da legalidade à ilegalidade” e “da pressão à revolução”¹¹. A partir daí se daria uma cisão entre os militares, com sua opção

¹⁰ FORJAZ, 1977, p. 44-45.

¹¹ CARONE, Edgard. *O tenentismo*. São Paulo: DIFEL, 1975. p. 29.

pelo caminho armado e a oligarquia dissidente, que sustentaria a perspectiva de que a oposição restringira-se apenas ao campo político-partidário-eleitoral¹².

A imprensa teria um papel preponderante na divulgação do processo eleitoral que colocou frente a frente situacionistas e oposicionistas. Nessa época, o jornalismo brasileiro passava por uma etapa de transformação, com uma tendência de progressos qualitativos, quantitativos e técnicos. Começaram a circular ou tiveram recrudescimento em suas edições diversos gêneros jornalísticos, dentre eles as revistas ilustradas que caíram no gosto do público leitor¹³. Em meio a tais magazines, um gênero extremamente popular foi aquele cujo norte editorial também se dedicou à crítica, à ironia, à sátira, ao sarcasmo e

¹² Contextualização adaptada a partir de: ALVES, Francisco das Neves Alves. O PRR, a Reação Republicana e a Revolta Militar de 1922. In: *Biblos*, v. 6, p. 159-176, 1994.

¹³ Sobre a evolução dessa conjuntura de evolução das revistas, ver: CAMARGO, Susana (coord.). *A revista no Brasil*. São Paulo: Editora Abril, 2000.; COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.; ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.; LUCA, Tania Regina de. *Leituras, projetos e (re)vista(s) do Brasil (1916-1944)*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.; LUCA, Tania Regina de. Tipologia de revistas no Brasil das primeiras décadas do século XX. In: MELO, Ana Amélia M. C. de. & OLIVEIRA, Irenísia Torres de. *Aproximações cultura e política*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013.; MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2008.; MAUAD, Ana Maria. O olho da História: fotojornalismo e a invenção do Brasil contemporâneo. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos P.; MOREL, Marco & FERREIRA, Tania Maria Bessone da C. (orgs.). *História e imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A; Faperj, 2006.; SCALZO, Marília. *Jornalismo de revista*. 4.ed. São Paulo: Contexto, 2016. SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

a jocosidade, com a publicação das revistas ilustrado-humorísticas, que ganharam notoriedade a partir da associação de textos normalmente mais diretos e incisivos com a imagem expressa por meio da fotografia e da arte caricatural¹⁴. Dentre estas, uma das que mais teve destaque foi a carioca *O Malho* e *Careta*, editada no Rio de Janeiro, mas distribuída em grande parte do país. Em suas páginas, o periódico repercutiu os episódios que marcaram a sucessão presidencial de 1921-1922, notadamente por meio de suas caricaturas, e o estudo de tais inserções é o objetivo deste livro.

O Malho foi uma das mais importantes revistas ilustradas com abordagem satírico-humorística publicadas no Brasil. Editado no Rio de Janeiro entre 1902 e a primeira metade da década de 1950, o periódico obteve ampla popularidade entre o público leitor, vindo a ser distribuído em grande parte do país. Desde o início associou o texto à imagem, com abundante reprodução fotográfica e o uso em significativa escala da arte caricatural, por meio da qual expressava seu espírito crítico, irônico e jocoso, notadamente no campo político, em que teve uma atuação marcante. Em suas páginas colaboração próceres da literatura e da caricatura nacional, mantendo ao longo de sua existência uma abordagem popular em suas construções textuais e caricaturais. Em termos de campanhas políticas presidenciais, estabeleceu uma postura abertamente

¹⁴ A respeito do periodismo ilustrado-humorístico, ver: LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.; LUSTOSA, Isabel. Humor e política na Primeira República. In: *Revista USP*, set., out. e nov. 1989, p. 53-64.; e SALIBA, Elias Thomé. A dimensão cômica da vida privada na República. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3, p. 290-334.

antagônica para com as dissidências formadas à época da República Velha, contrapondo-se aos candidatos opositores na Campanha Civilista, na Reação Republicana e na Aliança Liberal.

Segundo a publicação ilustrado-humorística, “o grupo político que se convencionou chamar dissidência não vê outro recurso para estabelecer o preparado da luta eleitora em que se vai emprenhar”, que não seja “a perturbação permanente”. Assim, considerava que os dissidentes pretendiam promover “a inversão das praxes constitucionais, a anarquia nas relações políticas que devem existir entre os três poderes regulares e máximos do regime”, além do “caos desesperado das paixões partidárias insopitadas, a raiva, o ódio, o rancor a serviço de um mau patriotismo”, o qual, “não ferindo a ninguém, individualmente, sacrifica no fim os interesses coletivos da nação”. Os apoiadores “do *nilismo*” eram apontados como “atores” de uma “comédia ridícula”, sendo “cavalheiros mais ou menos conhecidos”, que “nunca falam o que sentem no íntimo, limitando as suas palavras ocas e retumbantes às conveniências das situações em que se encontram acidentalmente”. Seriam eles ainda “uma espécie de marionetes das próprias posições, batidas e rebatidas pelo vendaval dos ciúmes e dos despeitos”. Argumentava também que “a dissidência não traçou nenhum programa de ação parlamentar, nem sequer explicou lisamente porque é que se divorciava dos amigos e companheiros da véspera, para formar o bloco de oposição”, que ameaçava “os moinhos de vento criados na sua imaginação”. Apontava igualmente que a dissidência tinha “o

gosto da politicagem” e, “como não tem o que fazer, grita, berra e gesticula, com o intuito exclusivo de perturbar”¹⁵.

Enquanto Artur Bernardes era descrito como o “futuro Presidente da República”, por contar com amplo apoio popular¹⁶, na concepção de *O Malho*, Nilo Peçanha seria o “chefe supremo da aventura barulhenta”¹⁷, aparecendo ainda como um personagem “dominado pela vaidade e pela ambição”¹⁸. Era também chamado como “o candidato da comédia dissidente”, pois constituiria “o político brasileiro que mais sabe contentar as plateias”, pois “ele embrulha, divertindo, fazendo rir”, tendo “passes mágicos incomparáveis”, de maneira que “a gente ouve o que ele diz, não acredita, mas não pode deixar de reconhecer que o homem tem muita graça”. De acordo com tal perspectiva, Nilo seria igualmente um “estadista mirabolante”, que, como candidato, escalaria “os Estados brasileiros para explicar a sua traição aos amigos da véspera e pregar democracia de conversa fiada”, além de ter “iludido, trapaceado, mentido, falseado e traído a serviço incondicional das suas formidáveis ambições”. O candidato oposicionista era qualificado como inapto para suas ambições, já que, “pelas suas tradições, está aquém desse alto posto, máxime neste momento, que é decisivo e que reclama alguém que tenha todas as condições de capacidade para enfrentá-lo”¹⁹. Na mesma linha, a candidatura de Peçanha “à suprema

¹⁵ O MALHO. Rio de Janeiro, 10 set. 1921.

¹⁶ O MALHO. Rio de Janeiro, 22 out. 1921.

¹⁷ O MALHO. Rio de Janeiro, 10 set. 1921.

¹⁸ O MALHO. Rio de Janeiro, 24 set. 1921.

¹⁹ O MALHO. Rio de Janeiro, 1º out. 1921.

magistratura da nação” era apontada como “um estorvo ao livre e esclarecido debate com que o eleitorado brasileiro” teria “de escolher quem deva subir para esse posto de máxima representação”²⁰. A folha humorística chegava a dizer que, “íntimamente, o Sr. Nilo Peçanha deve estar convencido da nulidade do seu esforço, no terreno das urnas”²¹.

Às vésperas da eleição, o periódico ressaltava que “o rumo da campanha” empregado por “Nilo Peçanha, demagogo retardatário” e “velho conspirador”, seria o de apelar não só para as urnas, como também para os quartéis, uma vez que pressentira ser “a sua derrota inevitável e iniludível”. Considerava que o opositorista, como “homem fatal, não devia mais sair do ridículo, em que as contingências da vida o colocaram para vir pleitear a suprema investidura da Presidência da República”. Segundo o semanário, sabedor de seu insucesso junto ao eleitorado, Nilo “insinua-se pela caserna e prepara a mazorca para ver se, sobre os destroços da ordem pública, consegue triunfar”. Diante disso, apontava que, “o povo brasileiro, pelo órgão legítimo da sua soberania, que é o corpo do eleitorado nacional, há de responder à audácia”, vindo a conjeturar que “o eleito não será o velho mágico da politicagem indígena” e sim, em referência a Artur Bernardes, “aquele, cujo passado na política e na administração de há muito já se recomendou à estima dos seus concidadãos”²².

²⁰ O MALHO. Rio de Janeiro, 22 out. 1921.

²¹ O MALHO. Rio de Janeiro, 5 nov. 1921.

²² O MALHO. Rio de Janeiro, 25 fev. 1922.

Passado o processo eleitoral, a revista declarava que a vitória de Bernardes não deixara “dúvidas a ninguém que estivesse acompanhando, de alma serena e pensar refletido, o desenrolar dos acontecimentos políticos” durante os meses em que se desenrolou a campanha. Ao passo que Nilo Peçanha era considerado como o “candidato da sua própria vaidade, do seu egoísmo e da sua felonía”, o vencedor era descrito como o candidato que contara com o entendimento da nação, “na sua iniludível soberania manifestada nas urnas livres”. De acordo com a folha ilustrada, findo o pleito eleitoral, o país precisaria, “no ano do centenário da independência, reafirmar ao mundo civilizado o grau de progresso a que temos atingido com a nossa cultura jurídica e os nossos sentimentos de povo civilizado”²³. Em tal ocasião, o semanário decretava “o fim do *nilismo*”, explicitando que “esta última aventura política em que se meteu Nilo Peçanha deve ter sido uma grande e eloquente lição”, pois, “nunca na sua vida de fogo-fátuo do regime sofreu tamanha e tão cruel decepção”. De acordo com tal perspectiva, determinava que “a derrota tremenda que o eleitorado brasileiro impôs” a Nilo, “sob o olhar vigilante da opinião, é um castigo merecido”, já que “o *nilismo* nasceu do despeito e da ambição” e haveria “de morrer vingado pela cólera do destino, antes de nos precipitar na anarquia, porque este é o prêmio dos traidores”²⁴. As tentativas de rever o resultado eleitoral por parte do candidato dissidente eram vistas como ridículas pelo hebdomadário, vindo a ser qualificadas como “uma reles pilhéria de palhaço

²³ O MALHO. Rio de Janeiro, 4 mar. 1922.

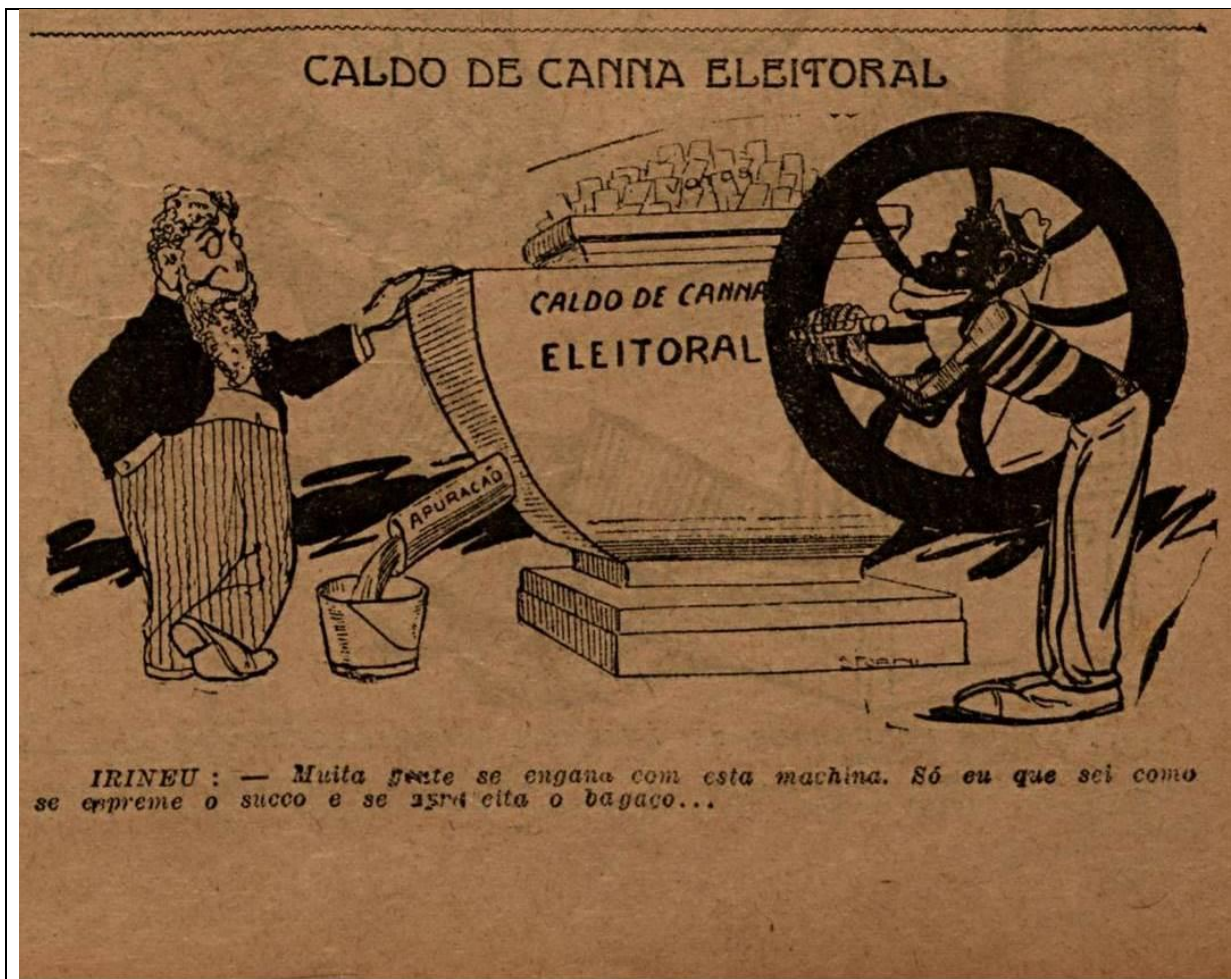
²⁴ O MALHO. Rio de Janeiro, 11 mar. 1922.

sovado” e “sintoma evidente de que, antes mesmo de cair o pano sobre a pantomina, o clown será retirado do palco, a pedido da assistência”²⁵. Tal postura antagônica para com o que denominava de “*nilismo*” e em apoio a Artur Bernardes ficaram bem demarcadas na produção caricatural publicada pelo magazine ilustrado.

²⁵ O MALHO. Rio de Janeiro, 8 abr. 1922.

AS CARICATURAS DE *O MALHO* E A
CAMPANHA PRESIDENCIAL DE
1921-1922

Ainda que praticasse largamente a crítica de costumes e a social, a política foi um tema central e recorrente nas páginas de *O Malho*, que acompanhou o cenário político, partidário e ideológico brasileiro desde os primórdios do século XX até a década de 1950. Suas posturas de tom crítico chegaram a custar caro para os seus destinos editoriais, como foi o caso da campanha que promoveu contra a Aliança Liberal e a Revolução de 1930, uma vez que, com a vitória de tal movimento, as oficinas do periódico foram alvo de empastelamento e sua circulação ficou interrompida por vários meses. Antes disso, no início dos anos 1930, com a crise oligárquica que gerou a formação da dissidência denominada Reação Republicana, o semanário se opôs a tal frente e apoiou a candidatura oficial. Este estudo, por meio de fichas de leitura, observa a posição do hebdomadário expressa por meio da arte caricatural frente à disputa presidencial de 1921 e 1922, apoiando o candidato governista Artur Bernardes e antagonizando o opositor Nilo Peçanha.



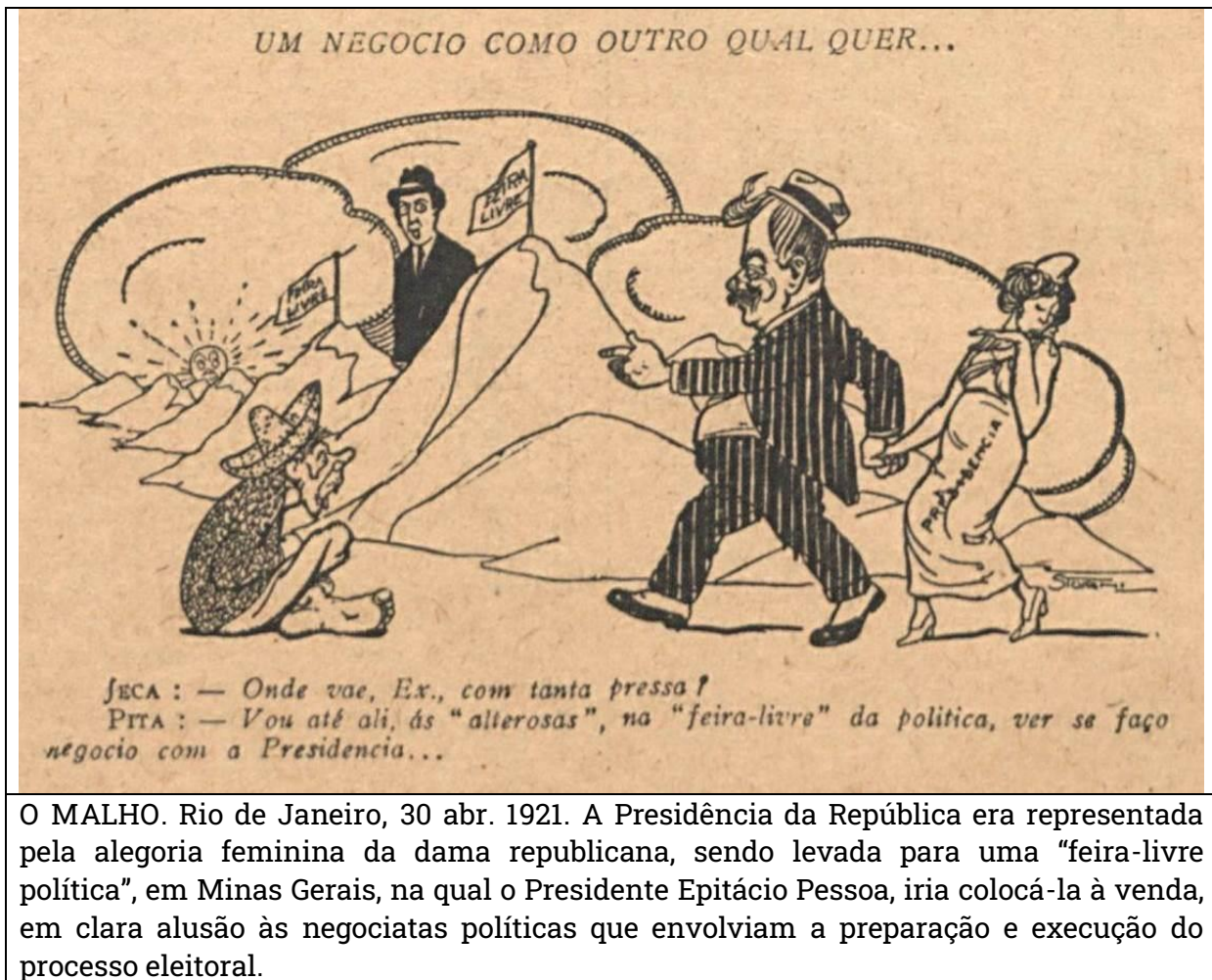
O MALHO. Rio de Janeiro, 12 fev. 1921. A revista não deixou de realizar a crítica de natureza política, no caso denunciando a corrupção nos processos eleitorais, referindo-se à tradicional máquina eleitoral que marcou a República Velha e garantiu em larguíssima escala as vitórias de candidaturas governistas. O protagonista era Irineu de Melo Machado, deputado federal entre 1897 e 1916 e, à época, senador, possuindo, portanto, grande conhecimento de causa acerca da vida política nacional.



O MALHO. Rio de Janeiro, 12 fev. 1921. Em período carnavalesco, o Presidente da República demonstrava seu poder unipessoal na escolha de seu sucessor, aparecendo possíveis candidatos, representantes de várias das oligarquias regionais, todos ávidos para pegarem a tal "chupeta".

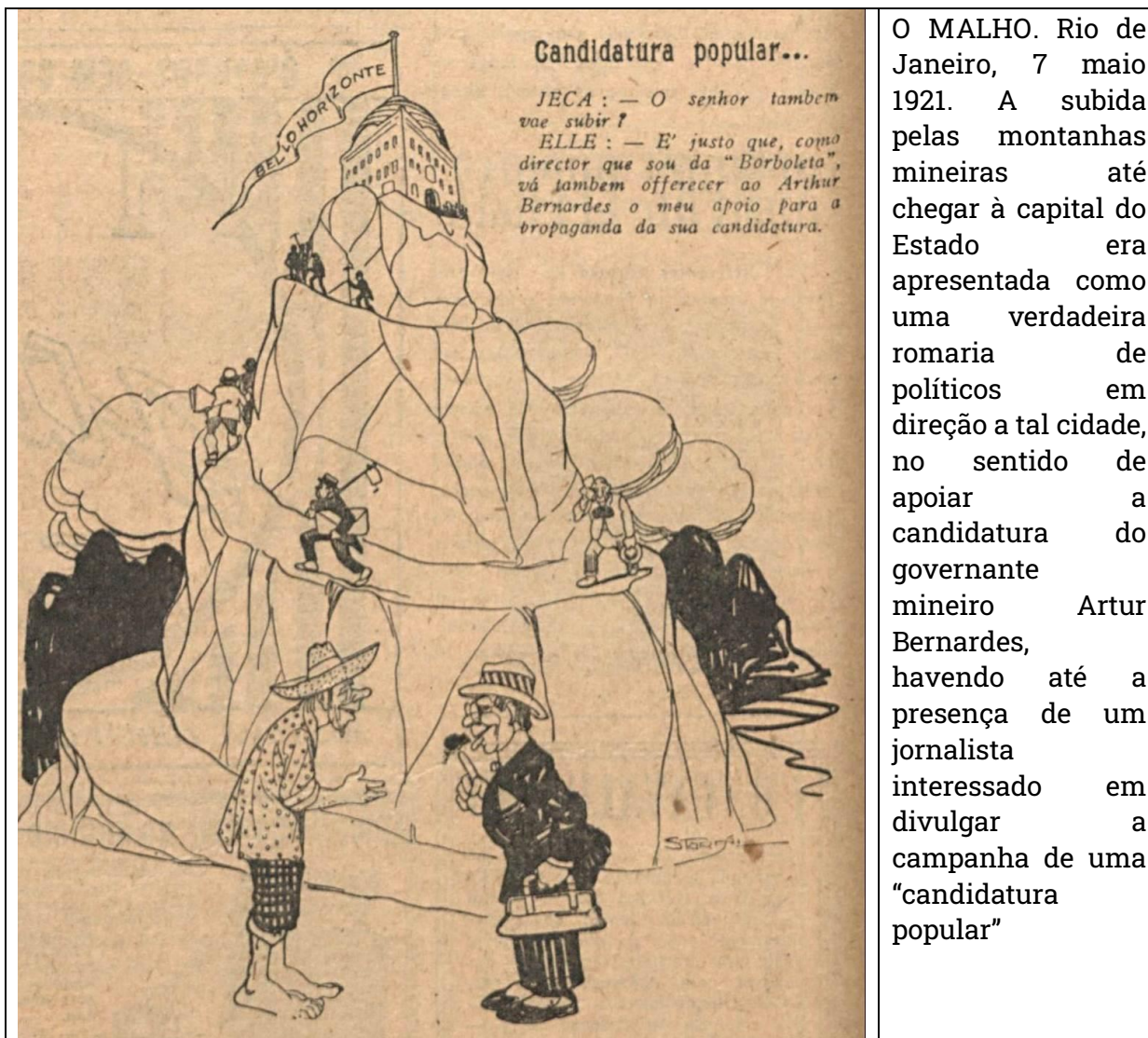


O MALHO. Rio de Janeiro, 26 fev. 1921. A corrupção eleitoral era mais uma vez o tema da caricatura presente na capa do magazine ilustrado, com a manipulação dos votos colocados na urna pelo eleitor, em malfeito realizado pelo próprio Presidente da República.



O MALHO. Rio de Janeiro, 30 abr. 1921. A Presidência da República era representada pela alegoria feminina da dama republicana, sendo levada para uma "feira-livre política", em Minas Gerais, na qual o Presidente Epitácio Pessoa, iria colocá-la à venda, em clara alusão às negociatas políticas que envolviam a preparação e execução do processo eleitoral.

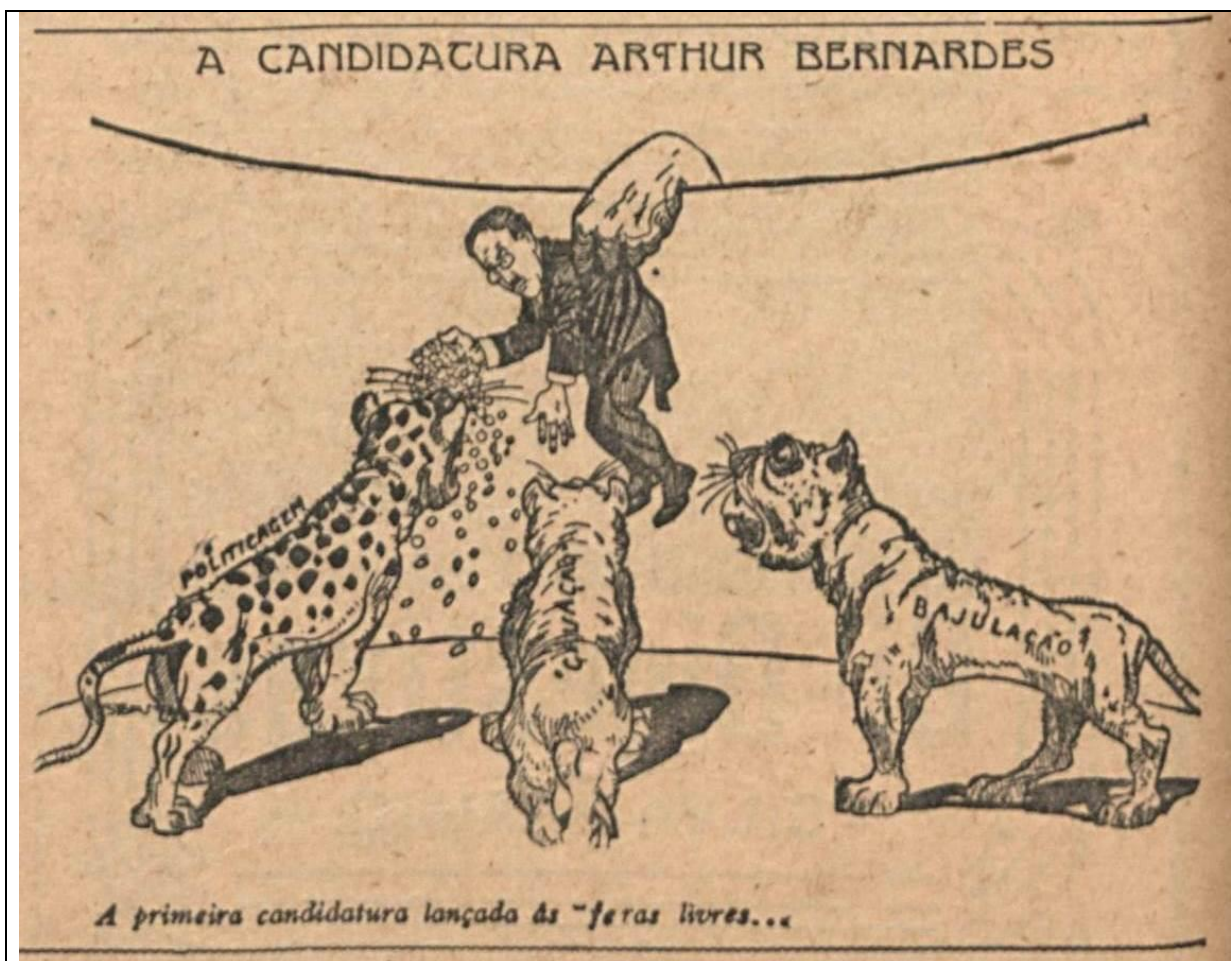




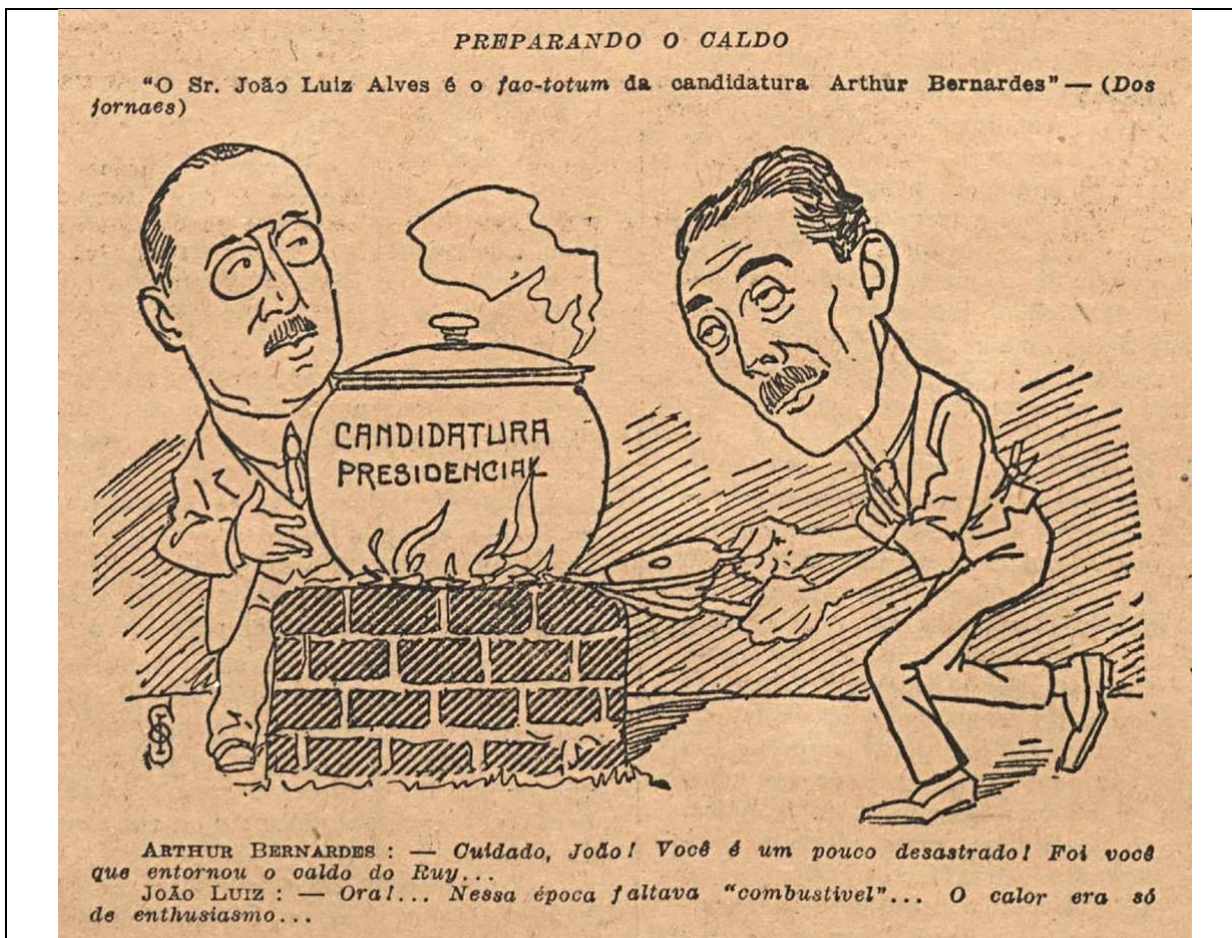




O MALHO. Rio de Janeiro, 7 maio 1921. O prestígio político de Epitácio Pessoa, identificado pelo apelido de “Pita” era colocado à prova, pois, enquanto ele pretendia mantê-lo em sua integridade, a figura feminina que simbolizava a “política” buscava fragmentá-lo, para facilitar possíveis negociações e acordos.



O MALHO. Rio de Janeiro, 14 maio 1921. Ainda que fosse dedicar-se a apoiar a candidatura Bernardes, a revista já previa as dificuldades que a política tradicional impunha a qualquer candidato, referindo-se à política praticada em prol dos interesses particulares, aos meios ilícitos de obter vantagens e à adulação servil, fatores representados por feras prontas a devorar os recursos disponíveis.



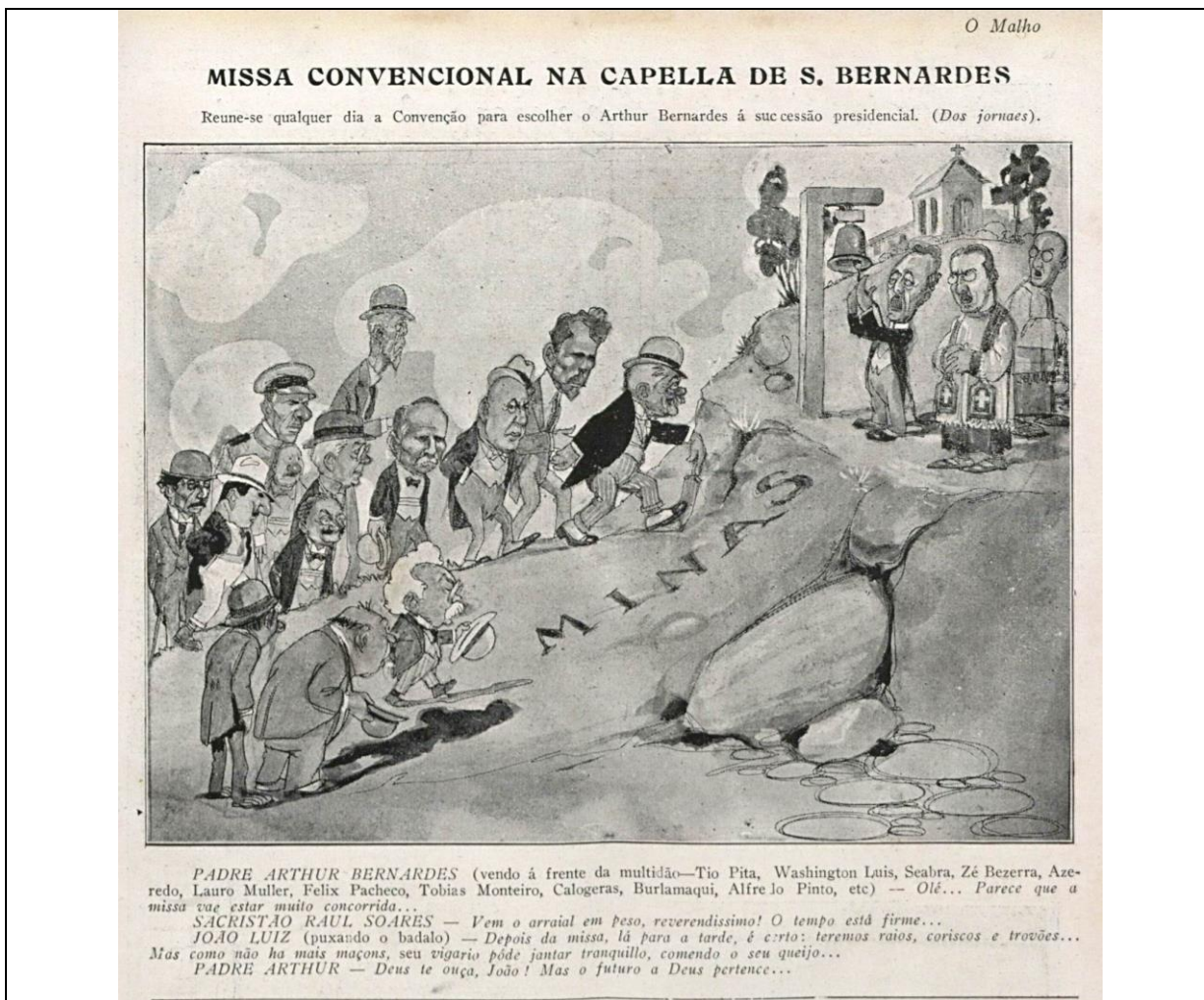
O MALHO. Rio de Janeiro, 14 maio 1921. Ao passo que a candidatura era considerada como uma panela colocada à fervura, Artur Bernardes exigia cuidado por parte de João Luiz Alves, considerado como um indivíduo cuja função era ocupar-se de todos os afazeres de outrem, que fora parlamentar e ocupava uma secretaria em Minas Gerais, no governo daquele, e que parecia afoito em estimular o fogo, ansioso na vitória do conterrâneo, para permanecer ocupando um cargo, como efetivamente viria a acontecer, sendo-lhe dedicado um ministério no governo federal.





O MALHO. Rio de Janeiro, 21 maio 1921. O “faz-tudo” de Artur Bernardes voltava a protagonizar mais uma caricatura, desta vez na capa do magazine, mantendo as preocupações para com os interesses do candidato, chegando a levá-lo a uma cigana que, através de uma leitura da mão do presidenciável, não previa bons agouros, mas até a isso o secretário João Luiz Alves se propunha a resolver.

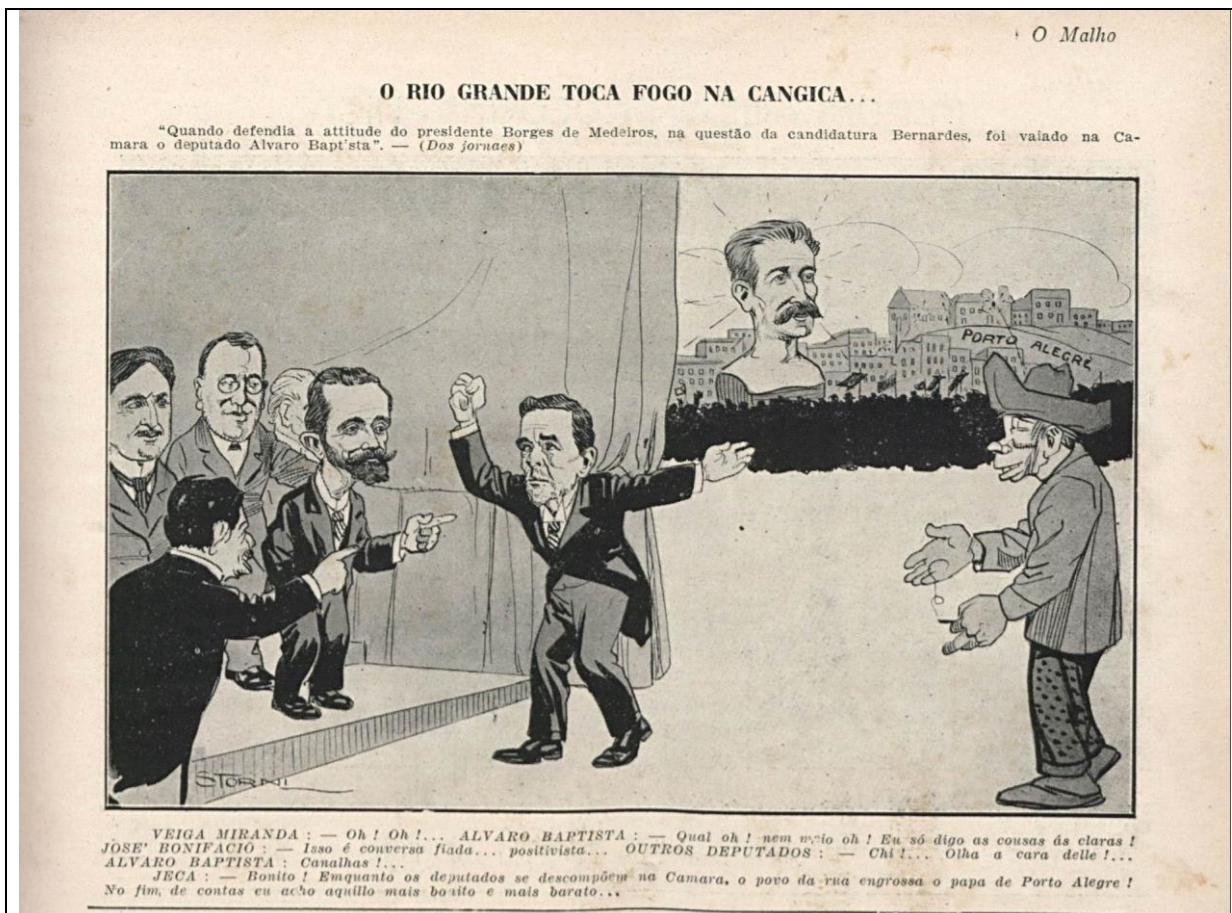




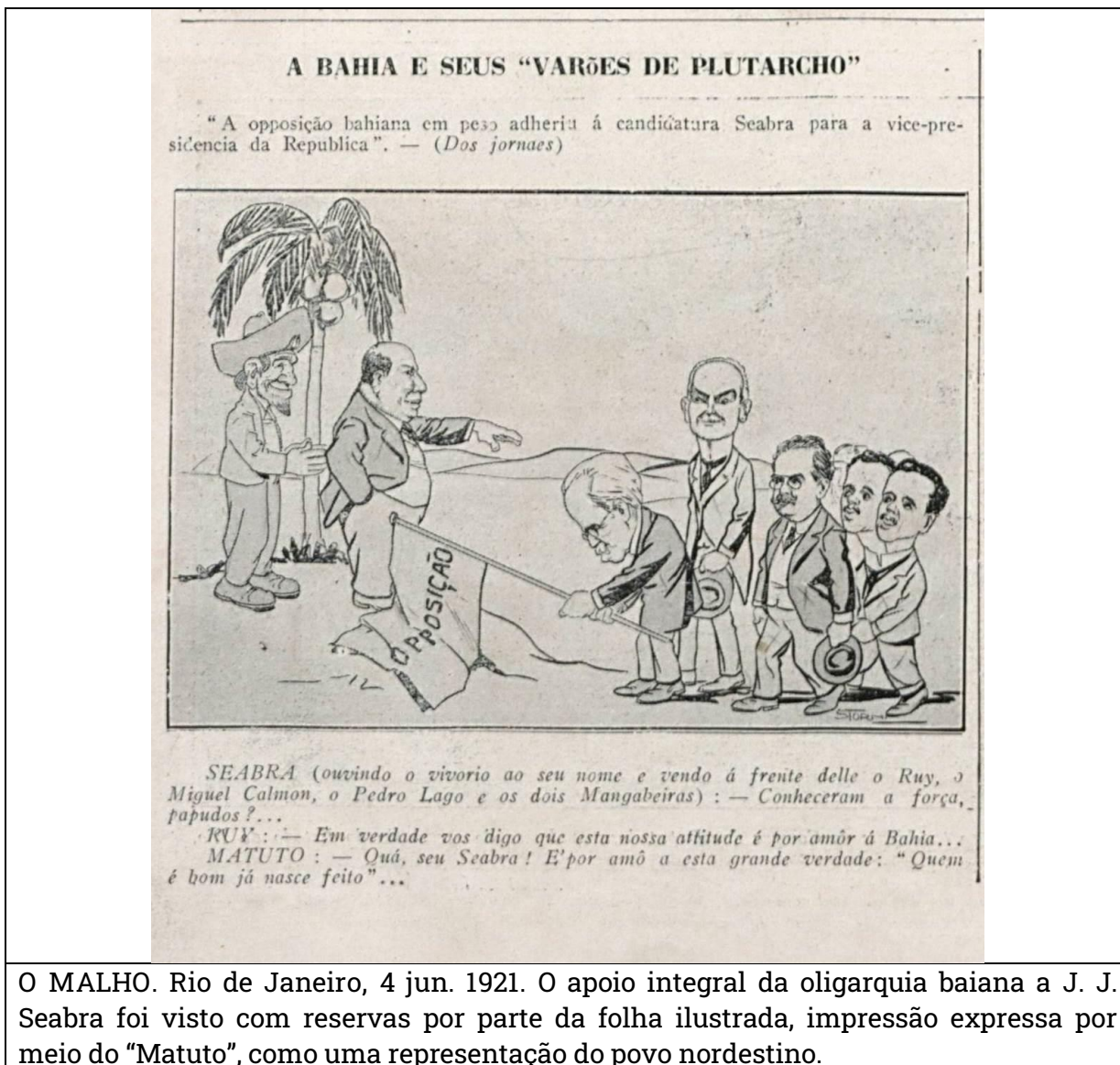
O MALHO. Rio de Janeiro, 28 maio 1921. A convenção que viria a ungir a candidatura oficial de Artur Bernardes era comparada a uma missa, na qual o candidato assumia a função de clérigo, pronto a receber uma enorme procissão de políticos, liderados por Epitácio Pessoa que se deslocavam até ali, subindo as montanhas mineiras.

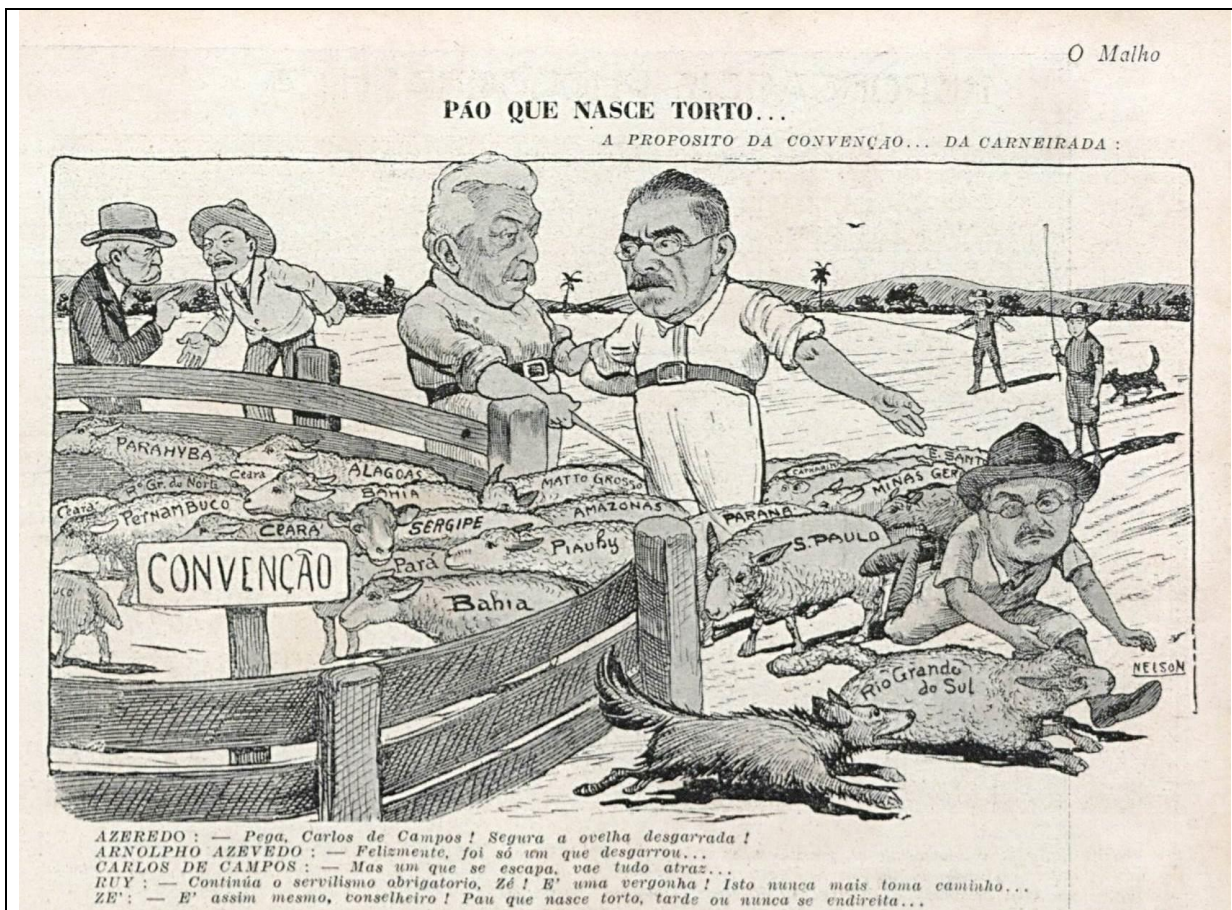


O MALHO. Rio de Janeiro, 28 maio 1921. A quantidade de possíveis interessados a candidatar-se à Presidência da República era criticada pelo periódico, que traduzia tantas candidaturas como ovos colocados pela galinha associada à política, havendo a dúvida sobre quantos viriam a corromper-se, ao passo que o Jeca, representação do povo brasileiro, lamentava que aquela ave/política, em momentos eleitorais, vinha a perder a compostura.



O MALHO. Rio de Janeiro, 4 jun. 1921. A posição do chefe político gaúcho Borges de Medeiros – cujo busto aparecia, sendo ele referenciado como o “papa” do positivismo rio-grandense – frente à eleição presidencial foi defendida no parlamento pelo deputado federal gaúcho Álvaro Batista, o qual fora criticado por seus colegas, vindo a reagir com veemência e, diante da cena, o Jeca julgava tais atitudes com jocosidade.

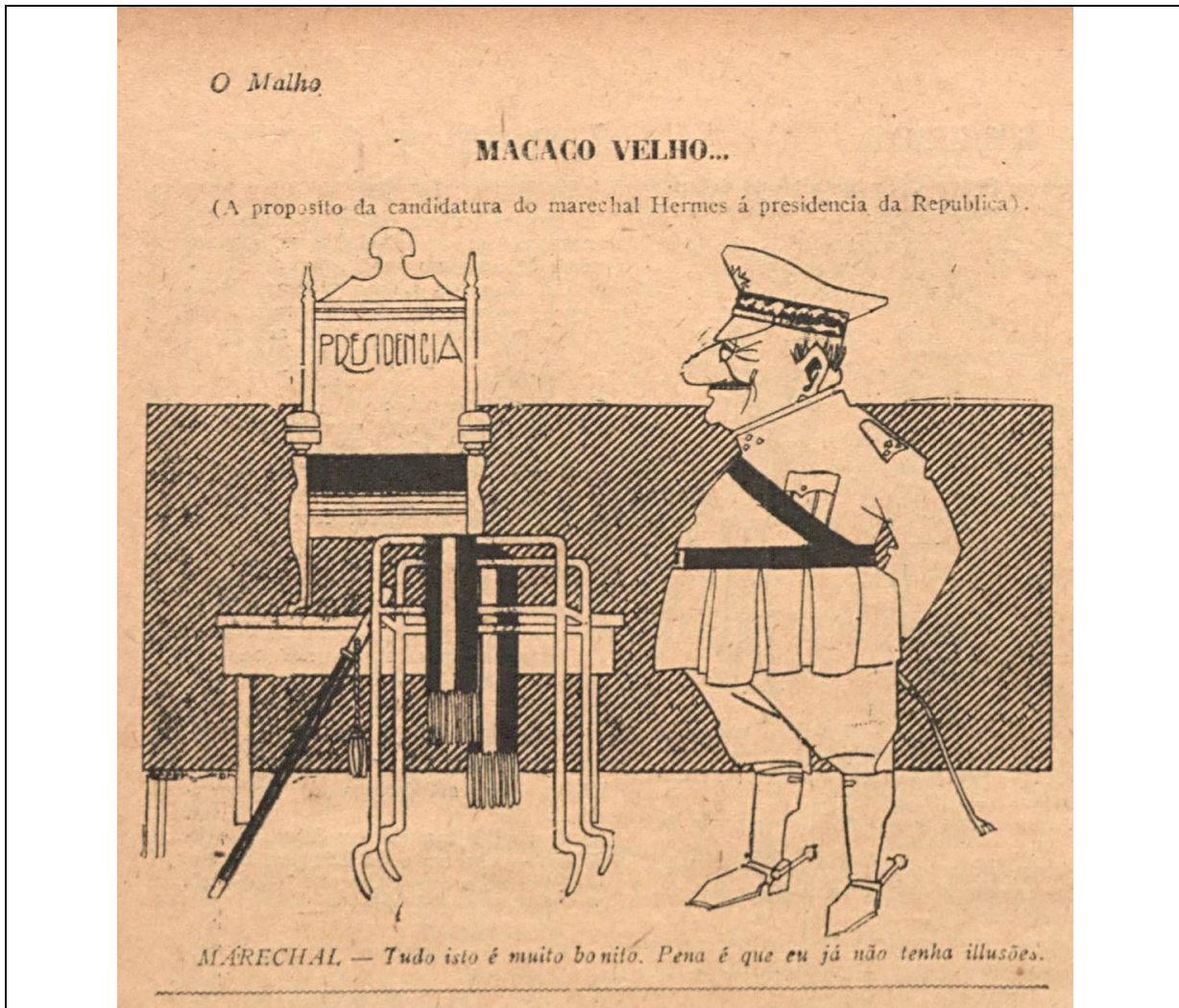




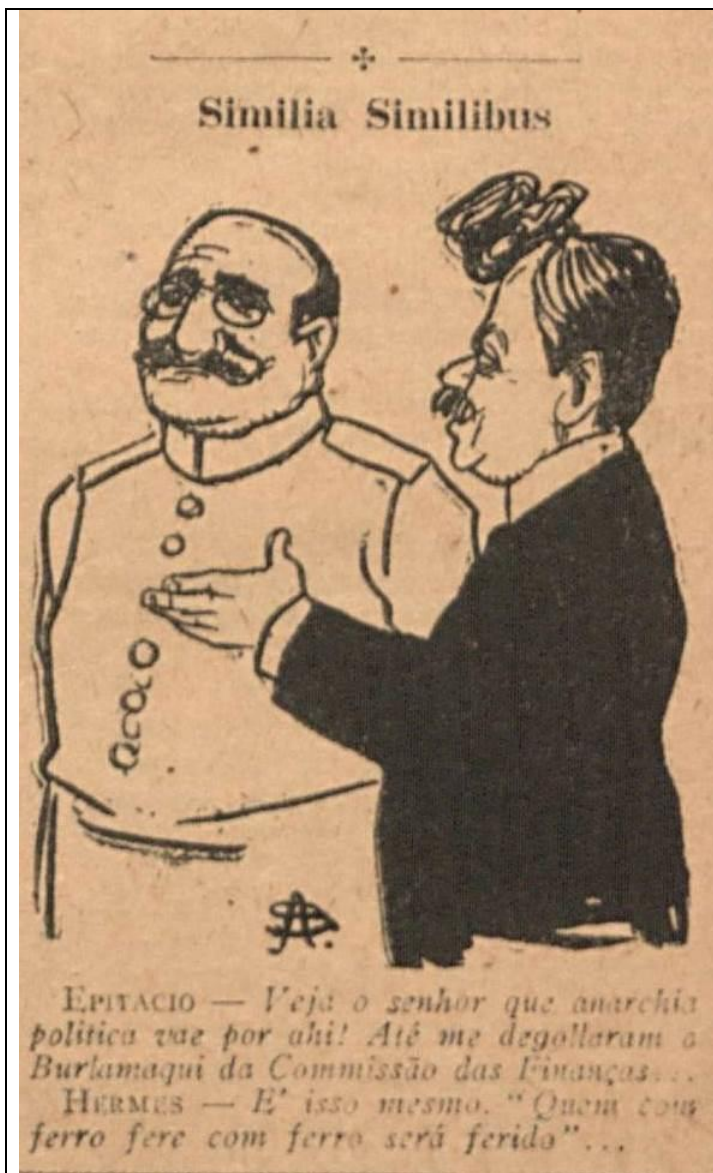
O MALHO. Rio de Janeiro, 4 jun. 1921. Em postura crítica quanto à convenção que indicava o candidato oficial à Presidência da República, o periódico mostrava os Estados da Federação como carneiros obedientes, tendo “escapado” apenas o Rio Grande do Sul, que poderia trazer mais adesões, exigindo, portanto, esforço redobrado dos pastores/políticos, enquanto, ao fundo, Rui Barbosa lamentava tal situação, em conversa com o Zé Povo, representação do conjunto da população brasileira.



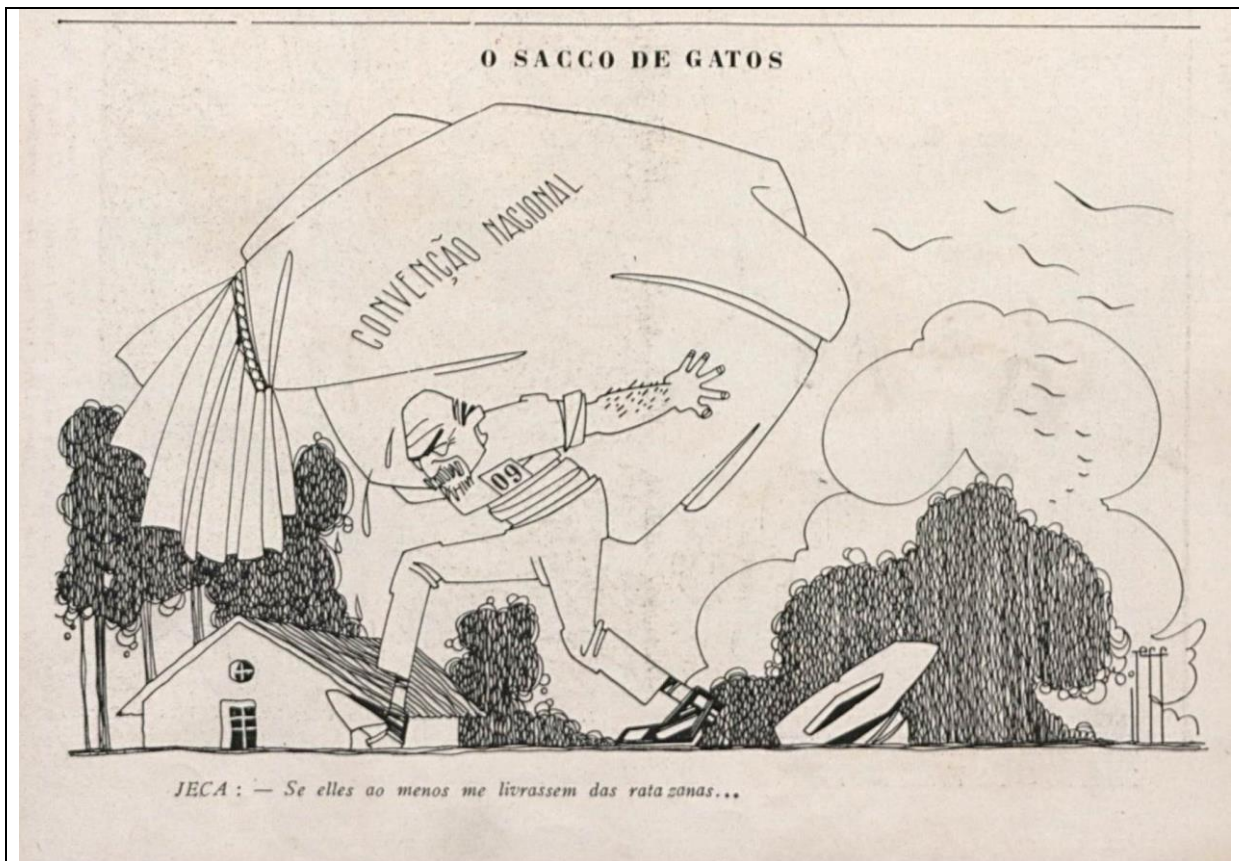
O MALHO. Rio de Janeiro, 4 jun. 1921. A vida política brasileira era comparada a um picadeiro de circo, descrito com peripatético, com ênfase para o patético, e associado à ação de espinafrar, ou seja, ridicularizar. O diretor e mestre-de-cerimônias era Epitácio Pessoa, que chamava atenção para aquela “temporada legislativo-teatral”, com “artistas para todos os paladares”, com os políticos fazendo o papel de palhaços, bailarinos, músicos, domadores, engolidores de espadas, entre outros, havendo a ressalva de que se o público desejasse, poderia vaiar à vontade.



O MALHO. Rio de Janeiro, 4 jun. 1921. Diante de eventuais dúvidas, já em meados de 1921, surgia a possibilidade de novas candidaturas, como foi a do ex-Presidente Hermes da Fonseca, o qual chegava a mostrar-se desiludido com tal possibilidade.

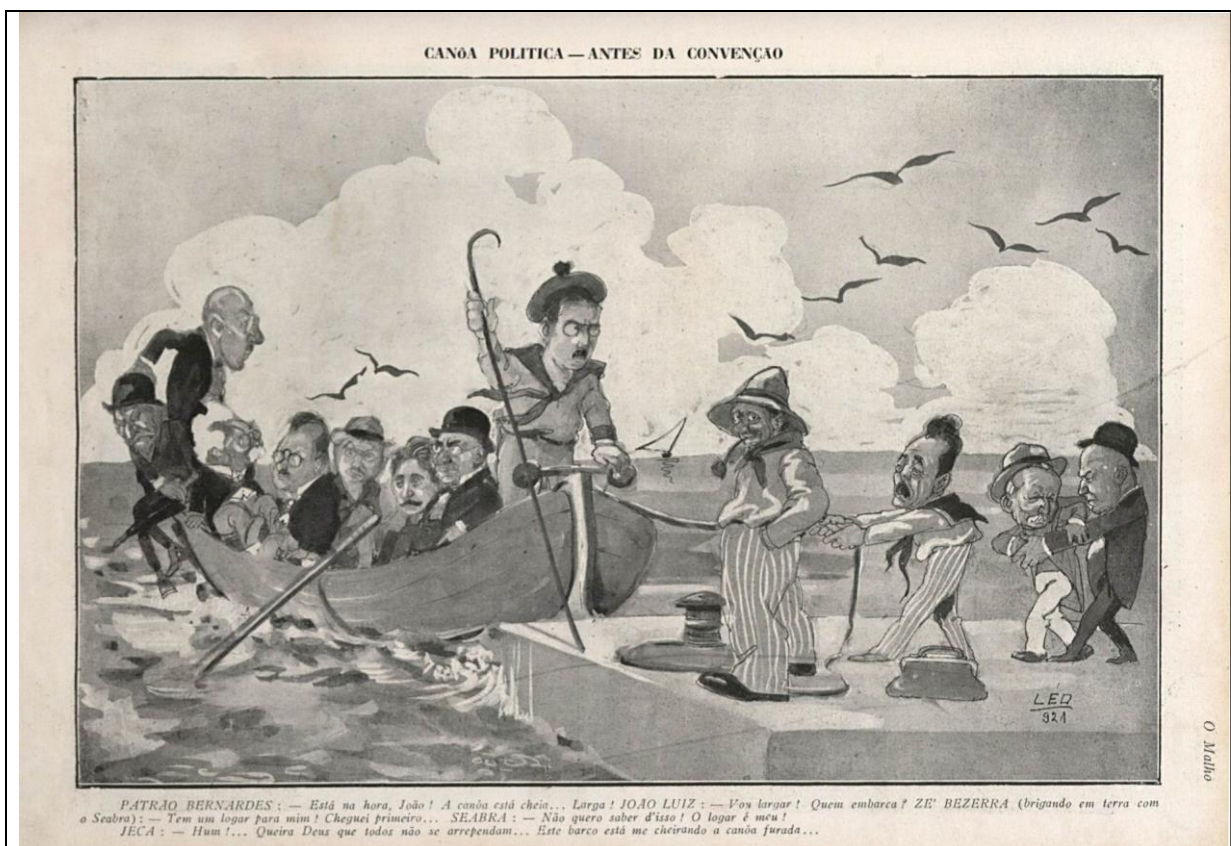


O MALHO. Rio de Janeiro, 4 jun. 1921. Através da expressão latina "*similia similibus*", equivalendo a "semelhantes com semelhantes", o semanário se referia aos homens públicos da época, considerados idênticos entre si, mormente no que tange à prática de malfeitos. Abaixo aparecia o diálogo entre o ex-Presidente Hermes da Fonseca e o atual, Epitácio Pessoa que teciam comentários sobre a "anarquia política" daquele momento.

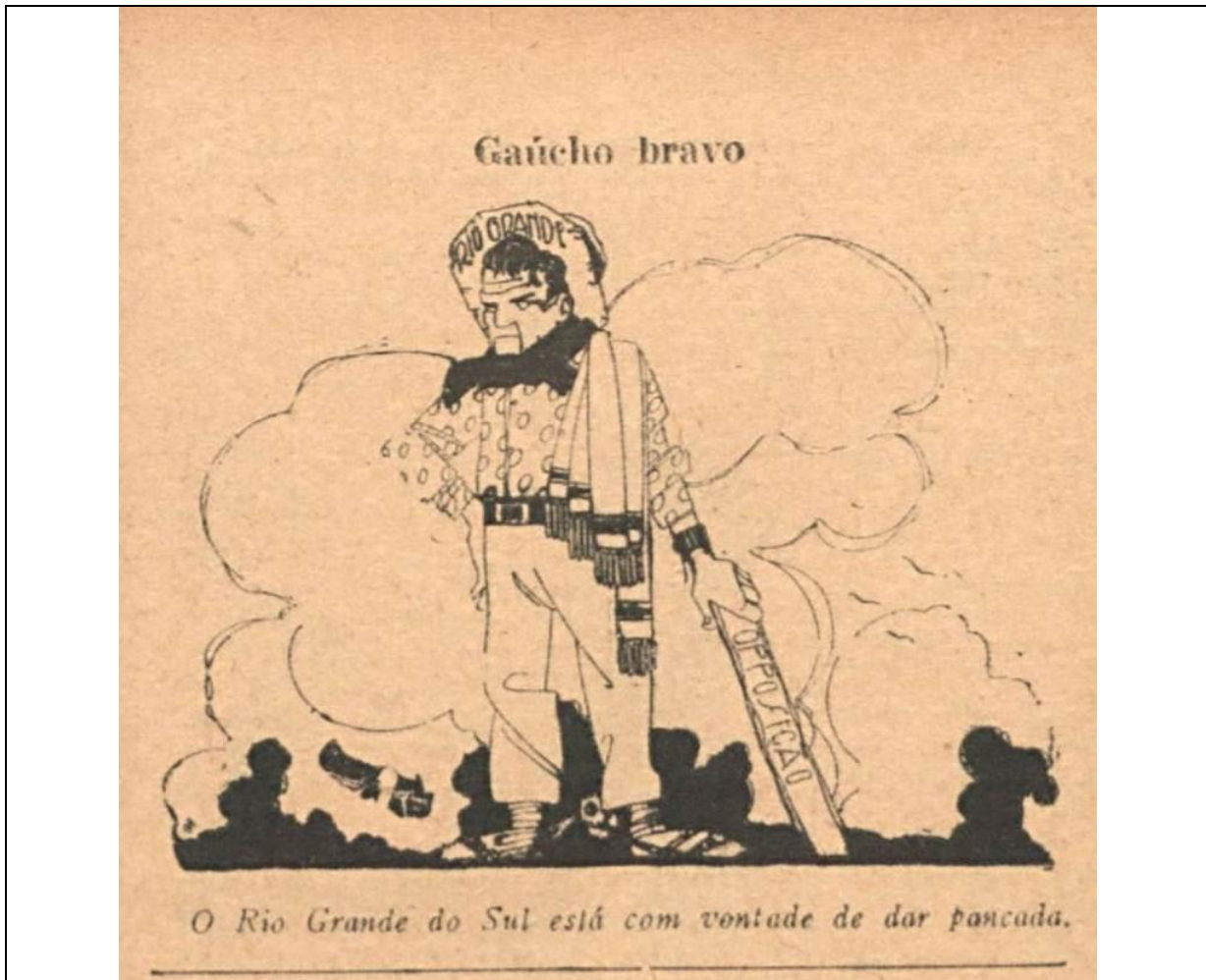


O MALHO. Rio de Janeiro, 11 jun. 1921. A confusão/desorganização da vida política nacional era caracterizada pela expressão popular sacco gatos, o qual tinha de ser carregado pela representação do povo brasileiro, o Jeca. O sacco em questão era identificado com a "convenção nacional", ou seja, o conclave que decidia os rumos do país, por meio da escolha do candidato presidencial, tratando-se de um volume avantajado e pesado, que exigia esforço redobrado do Jeca para carregá-lo em seus ombros, ficando revelado ao final que não se tratava de gatos e sim de ratazanas, uma tradicional representação de atos corruptos, normalmente associados aos políticos.

A CAMPANHA PRESIDENCIAL DE 1921-1922 NAS CARICATURAS DE O MALHO



O MALHO. Rio de Janeiro, 11 jun. 1921. A convenção foi mais uma vez pauta da arte caricatural do periódico, com a presença de uma “canoa política”, liderada pelo mineiro Artur Bernardes, previsto como candidato oficial, havendo o embarque de vários adesistas, enquanto outros, no cais, disputavam um lugar no barco. A cena era assistida pelo Jeca que, despreziosamente, não via com bons olhos o que ocorria, vindo a prognosticar que a embarcação poderia vir a ter um destino que não seria dos mais auspiciosos.



O MALHO. Rio de Janeiro, 11 jun. 1921. Um sul-rio-grandense, com suas vestes tradicionais, era identificado como um “gaúcho bravo”, que, com cara de poucos amigos, carregava o porrete da oposição. Era a predisposição em formar a dissidência, estando simbolicamente o Estado sulino pronto a dar pancadas.



O MALHO. Rio de Janeiro, 11 jun. 1921. A insatisfação popular para com os homens públicos era traduzida pela insinuação do Jeca de que a melhor represália quanto a uma ação espanhola em relação ao Brasil, seria enviar os políticos brasileiros para a Espanha.

O MALHO
Rio de Janeiro, 18 de Junho de 1921 ANNO XX — N. 979



ARMANDO A ENCRENCA

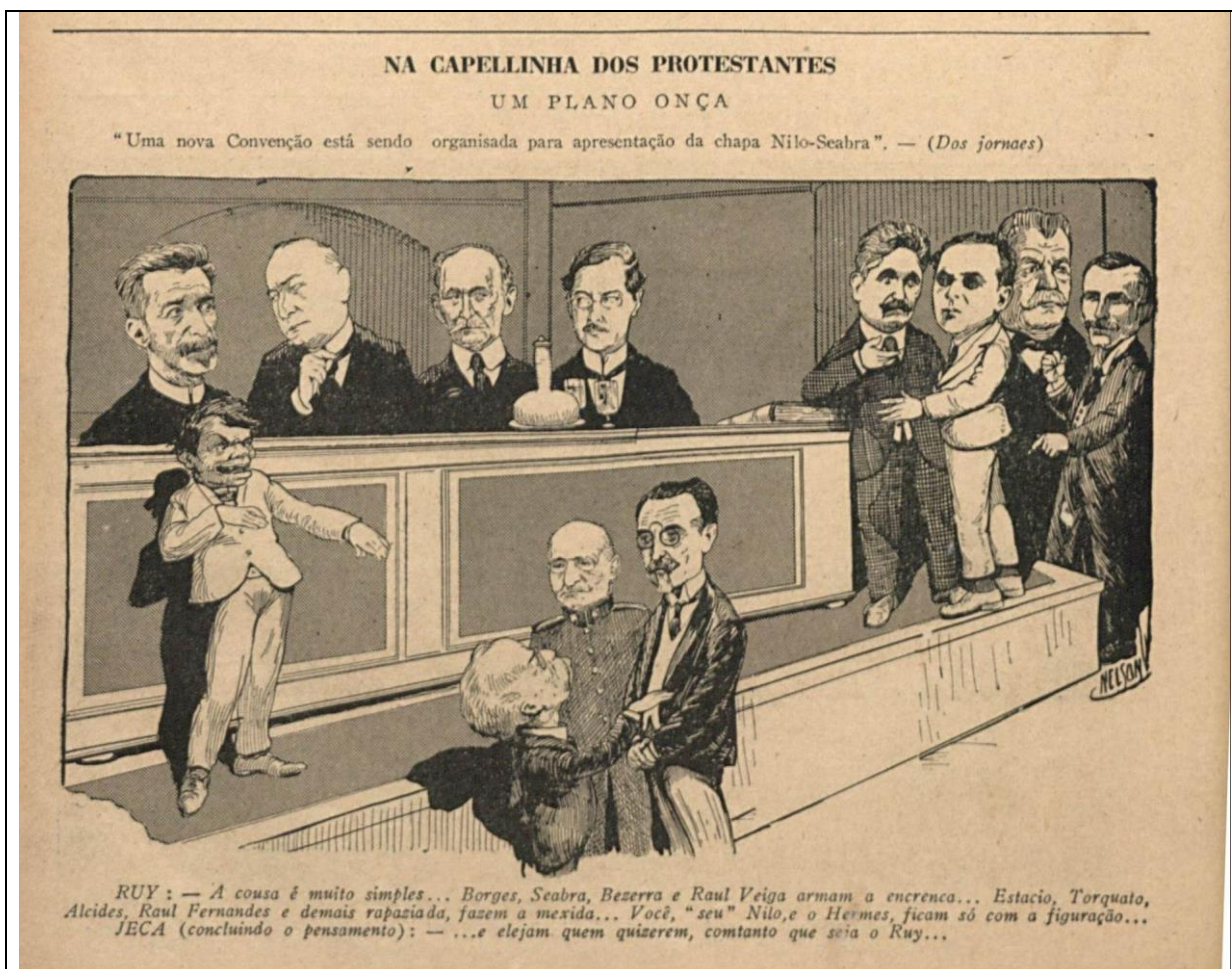
HERMES — Estamos na hora, conselheiro! Pode-se armar uma grande safarrascada...
RUY — Em verdade lhe digo, marechal, que, se nos juntarmos, pintaremos o sete...
HERMES — Teremos, então, corpo e cabeça...
RUY — E não se falará mais na caréca...

PREÇOS
NO RIO 400 REIS
NOS ESTADOS 500 REIS

O MALHO. Rio de Janeiro, 18 jun. 1921. Ainda quanto a possíveis dúvidas no que tange aos rumos das indicações à Presidência da República, o periódico mostrava uma conversa entre Hermes da Fonseca e Rui Barbosa, adversários da época da Campanha Civilista, com a vitória daquele sobre este, os quais hipoteticamente chegavam a cogitar uma aliança para enfrentar o próximo pleito eleitoral.



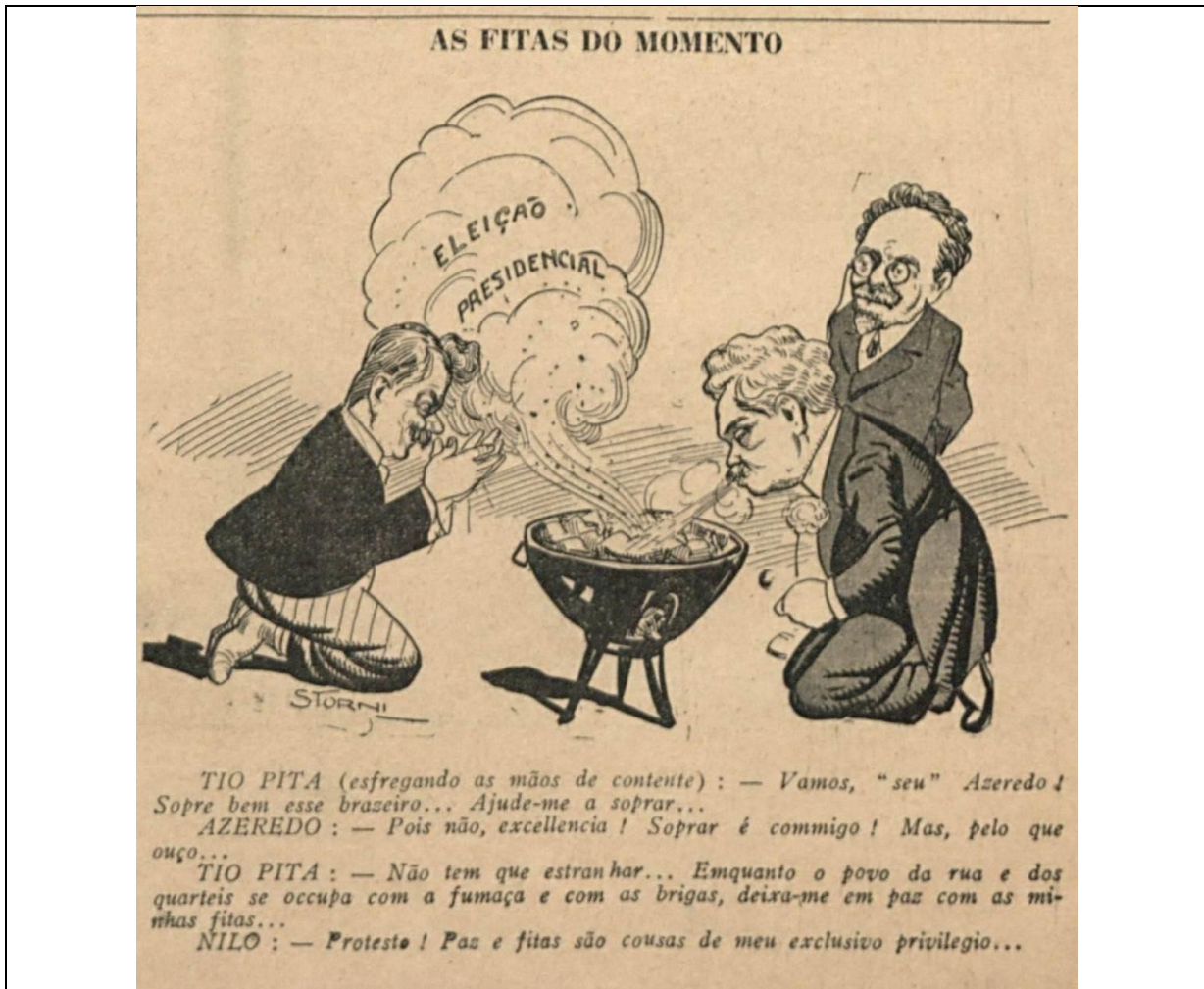
O MALHO. Rio de Janeiro, 18 jun. 1921. Em relação à caricatura anterior, Nilo Peçanha se juntava aos dois interlocutores, buscando também colocar-se no páreo, para estupefação do Jeca, segundo o qual os políticos não tinham limites quando se tratava da disputa pelo poder.



O MALHO. Rio de Janeiro, 18 jun. 1921. Em relação aos dissidentes, o hebdomadário imaginava a formação de uma "convenção oposicionista", denominada de "capelinha dos protestantes", em relação a um conluio ou uma trama entre os políticos, havendo a presença marcante de Rui Barbosa, que também estaria visando à obtenção do cargo máximo da República.



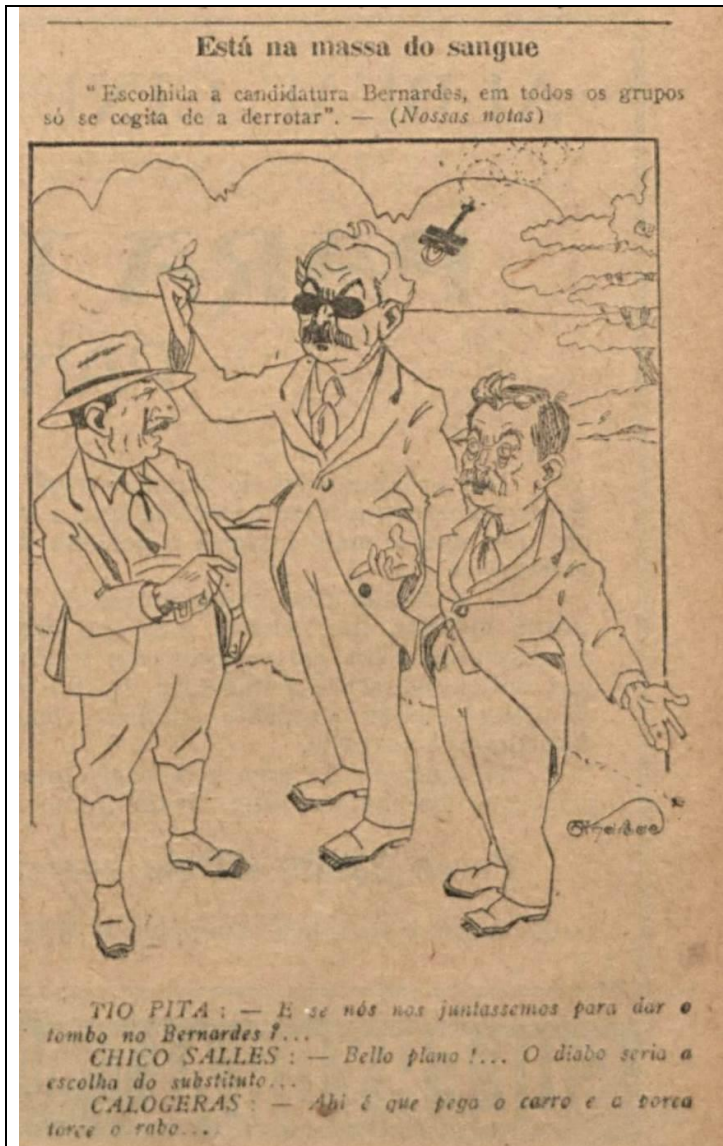
O MALHO. Rio de Janeiro, 18 jun. 1921. A convenção governista era vista como um trabalho de parto da candidatura oficial, no qual os políticos agiam como médicos e parteiros, aparecendo os membros da chapa situacionista como os recém-nascidos, que, com uma rara exceção, contavam com elogios gerais dos presentes, em sinal de aceitação dos mesmos para partirem na direção da disputa eleitoral.



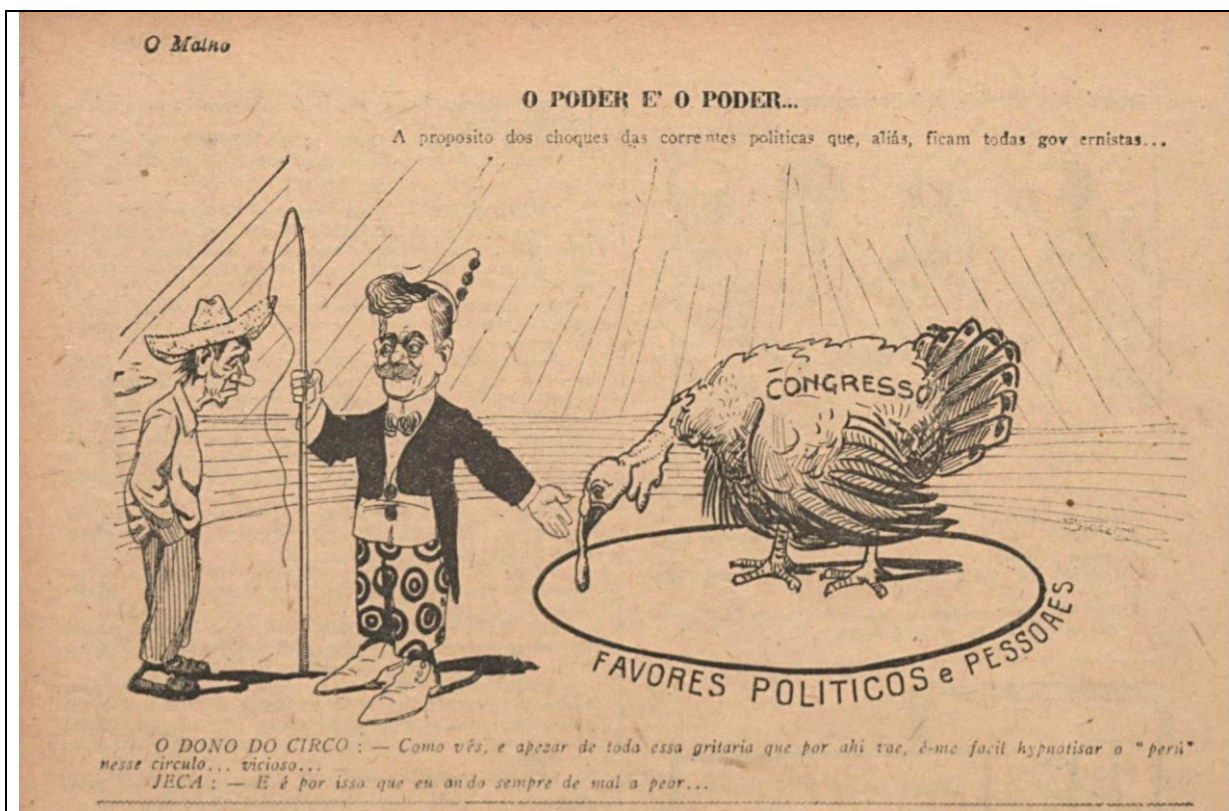
O MALHO. Rio de Janeiro, 18 jun. 1921. Epitácio Pessoa e o senador Antônio Francisco de Azeredo espalhavam fumaça no ambiente político nacional, como uma espécie de manobra evasiva para desviar do debate dos problemas estruturais do país, tudo isso sob o protesto de Nilo Peçanha, por estarem adotando uma estratégia que seria de seu uso exclusivo.



O MALHO. Rio de Janeiro, 18 jun. 1921. Enquanto Epitácio Pessoa e políticos governistas mostravam-se aliviados com os caminhos da convenção oficial, apesar de certa pressão em contrário, o Jeca avisava que eles ainda poderiam vir a enfrentar algum tipo de contratempo.



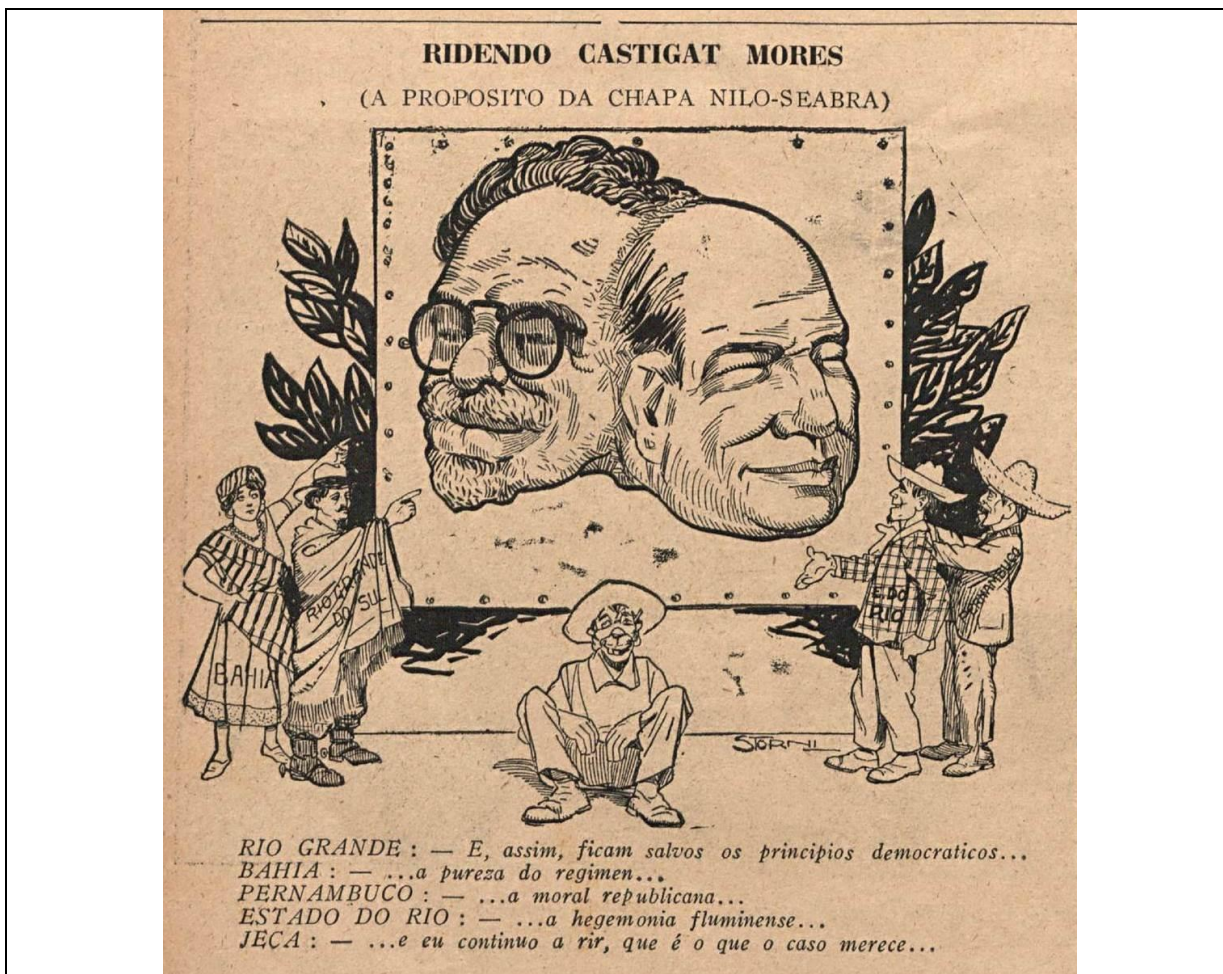
O MALHO. Rio de Janeiro, 18 jun. 1921. O semanário buscava demonstrar que nem mesmo em meio aos governistas poderia haver plena confiança nos rumos da política partidária, apresentando uma conversa entre o Presidente Epitácio, o senador mineiro Francisco Antônio de Salles e o ministro da Guerra João Pandiá Calógeras, que estariam a cogitar a substituição do nome de Artur Bernardes na chapa situacionista.



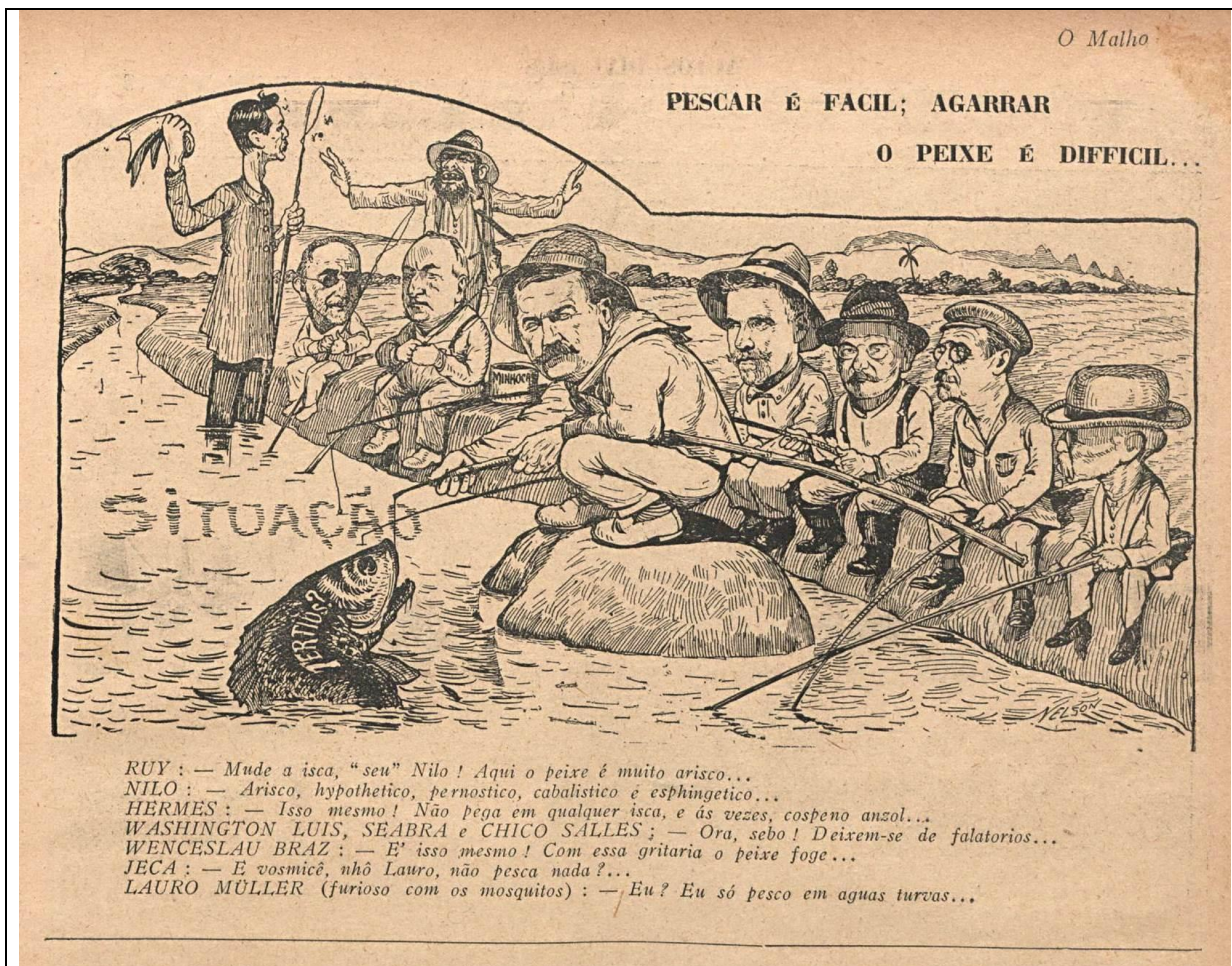
O MALHO. Rio de Janeiro, 18 jun. 1921. A respeito do poder considerado excessivo nas mãos do Presidente da República, notadamente no que se refere à escolha de seu sucessor, a folha ilustrada mostrava Epitácio Pessoa como “o dono do circo”, cuja atração seria um peru hipnotizado, por meio de um círculo desenhado em sua volta, em um quadro pelo qual a ave representava o Congresso Nacional, que seria facilmente controlado a partir de “favores políticos e pessoais”, de modo que, com base em tal controle, o Presidente não precisaria preocupar-se com a agitação política que cercava o processo eleitoral, para lástima do Jeca, que se considerava cada vez mais prejudicado por esse tipo de prática.



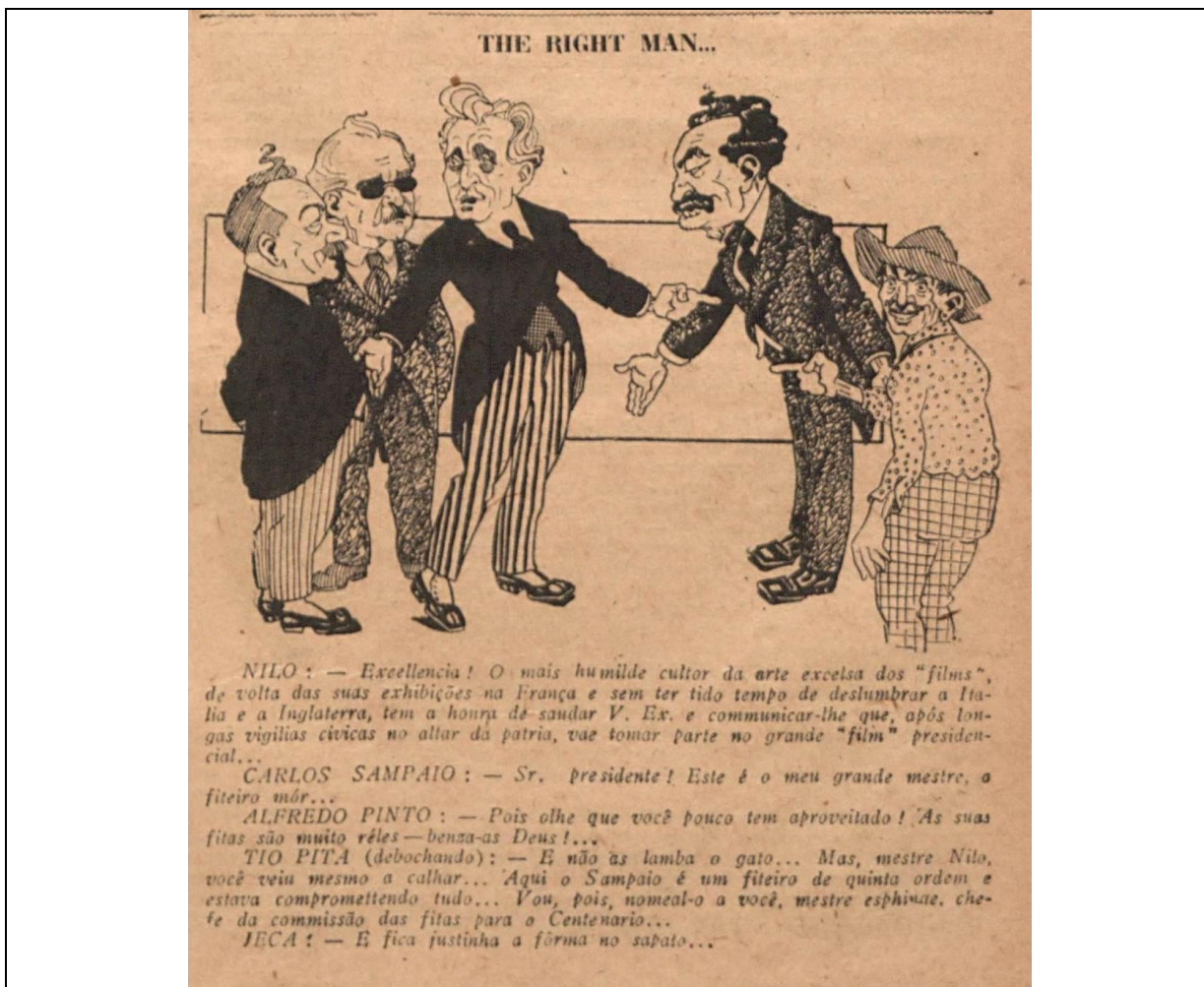
O MALHO. Rio de Janeiro, 25 jun. 1921. Em um figurado diálogo do candidato oposicionista Nilo Peçanha com uma esfinge, havia a inversão de papeis, pois seria do político o desafio quanto a decifrá-lo ou ser devorado, ao que a figura mitológica respondia bem de acordo com o seu interlocutor desejava ouvir, referindo-se à divisão do país e da necessidade de uma união. Diante da cena, o Jeca indicava cuidado para Peçanha, pois ele próprio poderia vir a ser devorado pela sua própria ambição.



O MALHO. Rio de Janeiro, 25 jun. 1921. Sob o lema de que o riso castiga ou corrige os costumes, apareciam as efígies dos integrantes da chapa dissidente, tal qual irmãos xifópagos, com a representação dos Estados opositoristas alegando que se tratava da defesa dos “princípios democráticos”, da “pureza do regime”, da “moral republicana” e da “hegemonia fluminense” e, de acordo com a divisa, o Jeca limitava-se a rir.



O MALHO. Rio de Janeiro, 25 jun. 1921. A disputa eleitoral foi também transformada em uma pescaria, na qual os vários "pescadores/políticos" discutiam as melhores estratégias para apanhar o peixe da vitória eleitoral, havendo em tal animal a inscrição "tertius?", em alusão à possibilidade de surgimento de uma terceira candidatura.



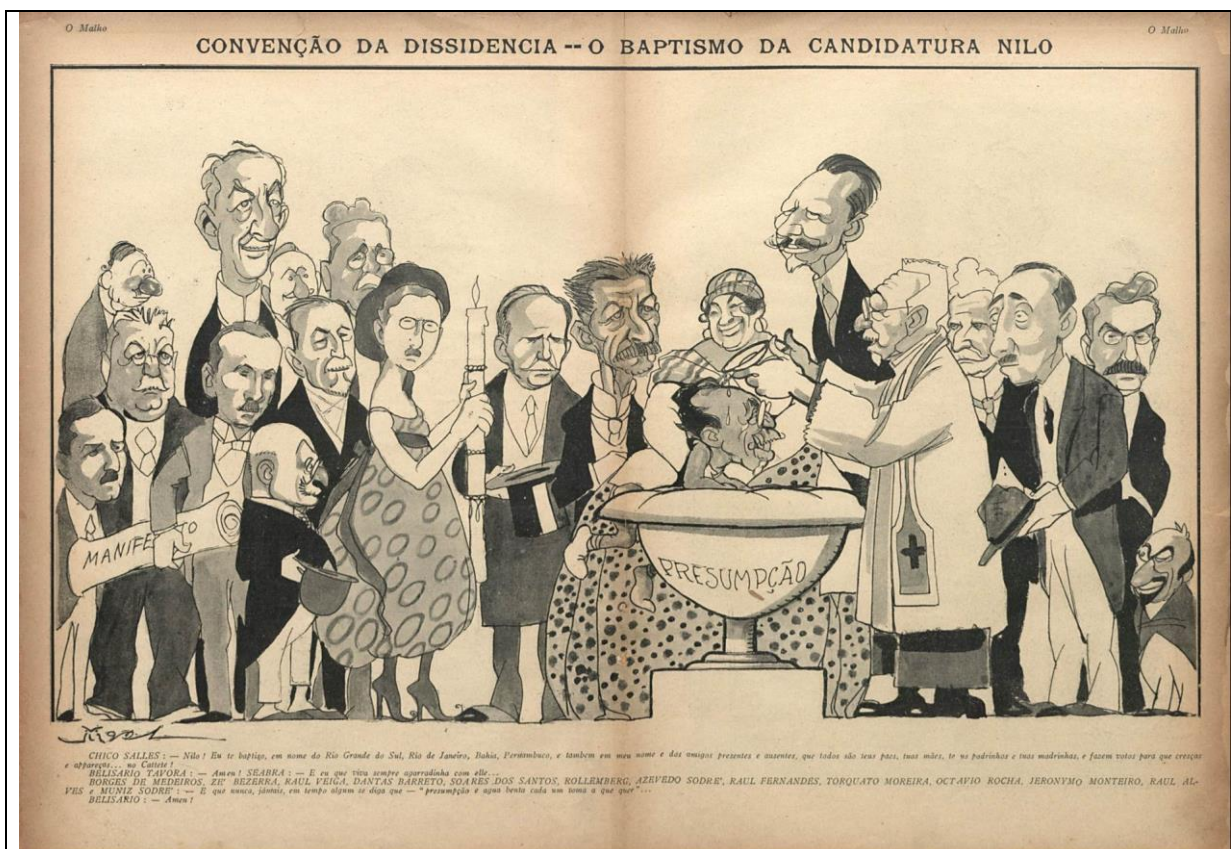
O MALHO. Rio de Janeiro, 25 jun. 1921. Mais uma vez o Jeca surgia como o personagem que constatava as contradições e limitações dos políticos brasileiros, sempre envolvidos em conchavos e maquinações em prol de satisfazer seus próprios interesses.



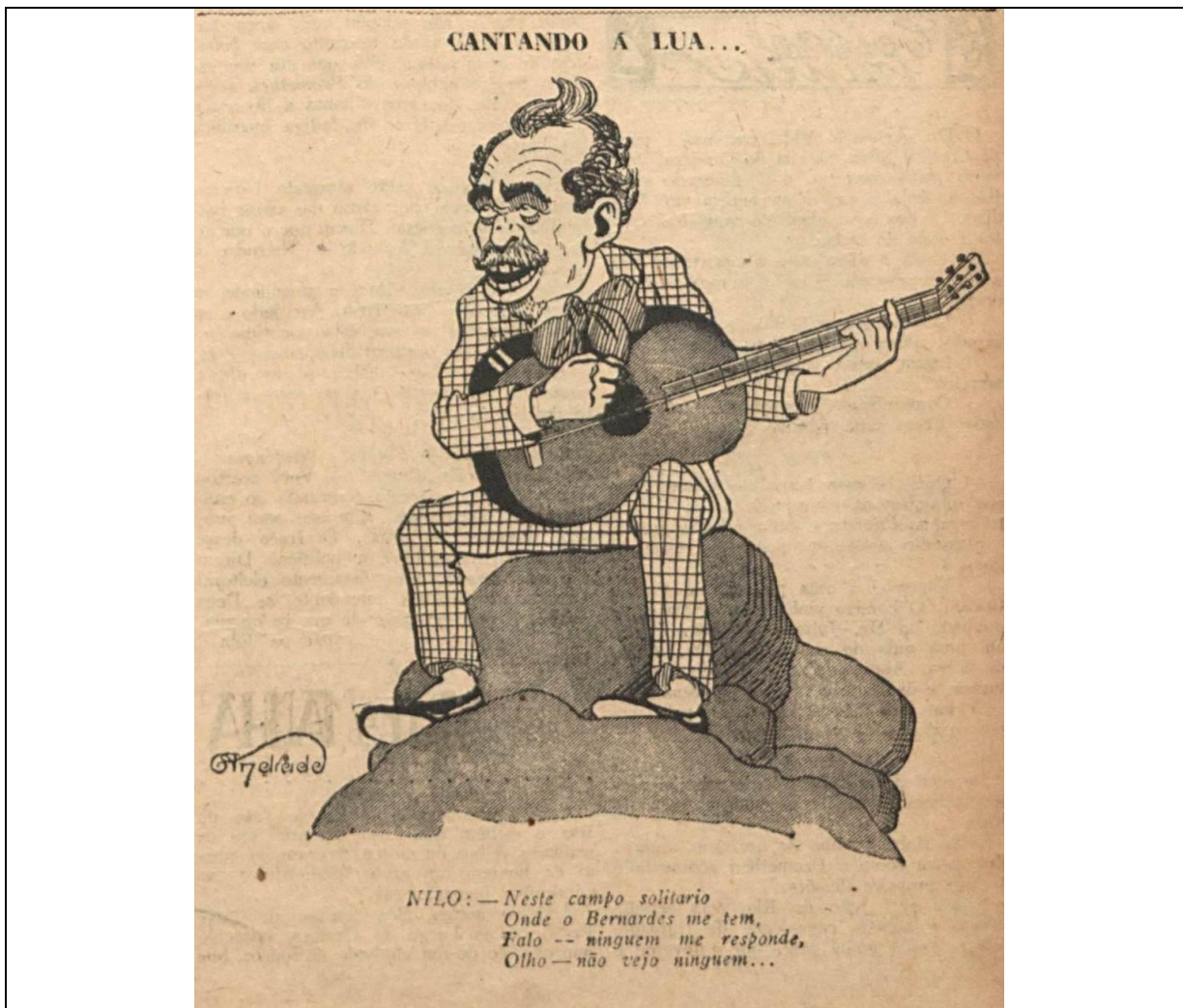
O MALHO. Rio de Janeiro, 2 jul. 1921. Em mais uma capa do periódico abordando a temática política, Rui Barbosa aparecia com protagonismo, encarnando um viés artístico, no caso um personagem shakespeariano, que elucubrava sobre os destinos políticos do país, medindo se deveria ou não participar do processo eleitoral para a Presidência apenas como coadjuvante.



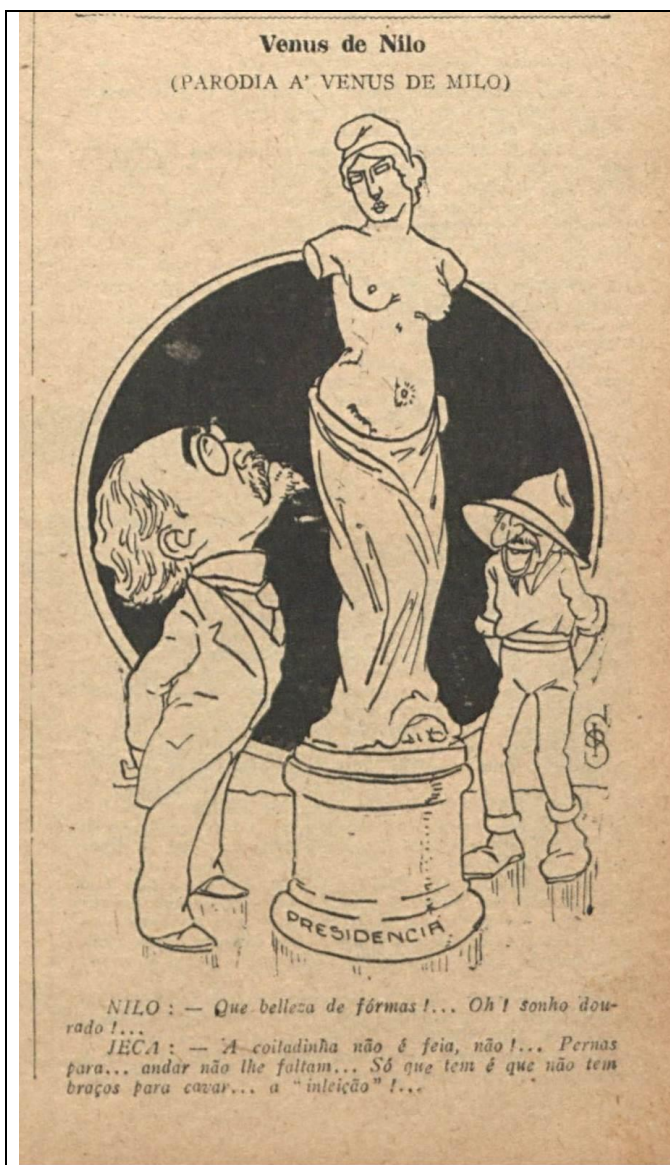
O MALHO. Rio de Janeiro, 2 jul. 1921. Levando em conta os dois competidores no enfrentamento eleitoral pela Presidência da República, o semanário mostrava um Artur Bernardes forte e musculoso, contrastando com um mais fraco Nilo Peçanha, que dizia poder compensar o fato de ter menos “muque” que o concorrente, por ser “mais ligeiro no pé”, ao que rebatia o Zé Povo, afirmando que só se fosse para enfrentar uma “corda bamba”.



O MALHO. Rio de Janeiro, 2 jul. 1921. Como representara a convenção governista como o nascimento da candidatura oficial, *O Malho* apresentou a “convenção da dissidência” como o batismo da candidatura de Nilo Peçanha, que, mantendo suas feições, aparecia como uma criança mergulhada na pia batismal, identificada com a “presunção”, ou seja, uma insinuação irônica de que se trataria de uma afetação ou uma vaidade do candidato oposicionista, que estaria indo além de suas possibilidades, percepção refletida nas feições de seus apoiadores, em sua maioria mais sisudos e preocupados do que satisfeitos.



O MALHO. Rio de Janeiro, 2 jul. 1921. Nilo Peçanha aparecia também como um violeiro solitário, que cantava para a lua, reclamando da falta de mais apoiadores em seu enfrentamento com Artur Bernardes.



O MALHO. Rio de Janeiro, 2 jul. 1921. A eleição presidencial era comparada à estátua da Vênus de Milo, que, na forma de paródia, transformava-se na "Vênus de Nilo", aparecendo o candidato dissidente a cobiçá-la, pela "beleza de formas" e por ser um "sonho dourado". Na cena também figurava o Jeca, cuja papel era retirar as esperanças de seu interlocutor, argumentando que a figura feminina tinha sua beleza, mas que a falta de braços lhe impossibilitaria de "cavar" uma vitória eleitoral.



O MALHO. Rio de Janeiro, 2 jul. 1921. Frente a uma anunciada crise política e econômico-financeira, o Jeca dialogava com o Presidente da República, perguntando-lhe como, em pleno período eleitoral, agiria na busca por soluções, ao que Epiácio Pessoa respondia que entraria "na dança", uma vez que ele, em referência aos seus hábitos de constante adaptação e readaptação, estaria sempre pronto dançar conforme a música, ou seja, se adaptaria às situações adversas da vida, agindo de acordo com as exigências do momento.



O MALHO. Rio de Janeiro, 9 jul. 1921. A falta de fidelidade a princípios, sempre sobrepujados pelos interesses pessoais, era demonstrada em conversa de Nilo Peçanha com seus correligionários, que estaria a conjeturar que, no caso de fracasso de sua campanha, ainda poderia haver a alternativa da adesão à chapa governista.

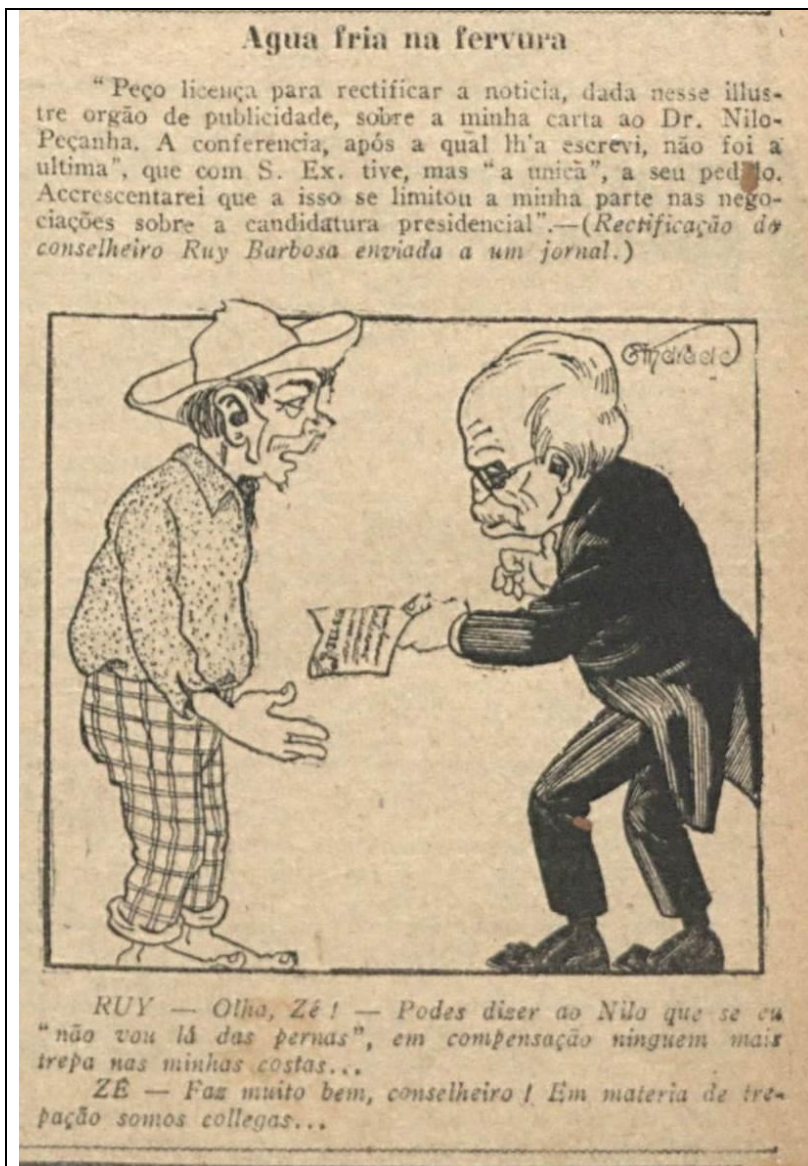


O MALHO. Rio de Janeiro, 9 jul. 1921. O papel dos militares na vida política nacional também fez parte da pauta do hebdomadário, ao mostrar que a principal associação de cunho castrense no Brasil, o Clube Militar, em detrimento das chapas situacionista e oposicionista, estaria insistindo no lançamento das candidaturas de Rui Barbosa e Hermes da Fonseca.





O MALHO. Rio de Janeiro, 9 jul. 1921. Mais uma vez de viola em punho, Nilo Peçanha entoava canção na qual pedia o apoio de Hermes da Fonseca e Rui Barbosa, mesmo revelando suas reservas para com tais homens públicos, havendo ainda a participação do Jeca, segundo o qual aquela cantoria não surtiria nenhum tipo de efeito.

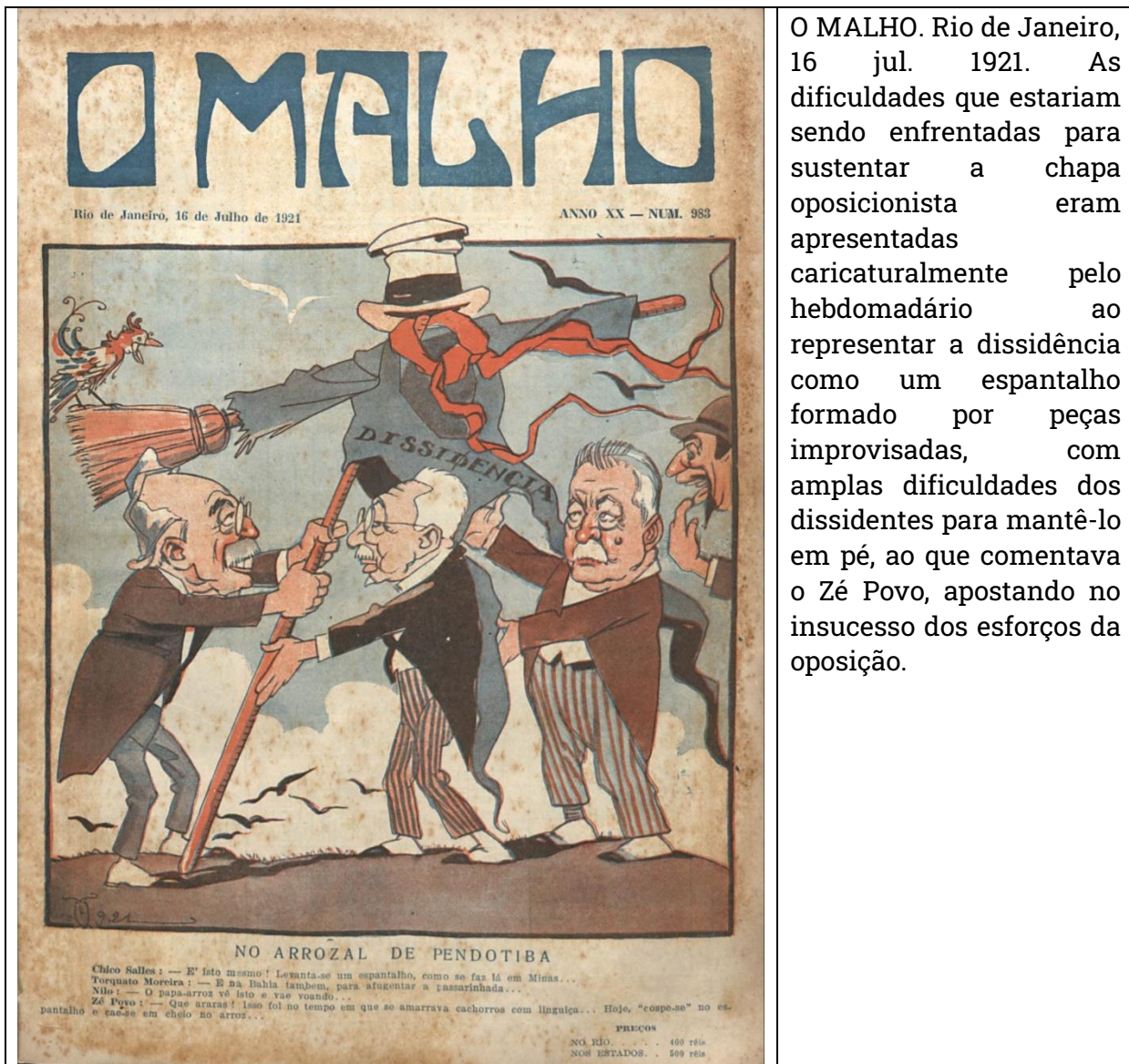


O MALHO. Rio de Janeiro, 9 jul. 1921. A negativa de apoio da parte de Rui Barbosa à candidatura dissidente foi descrita como “água fria na fervura” oposicionista, havendo referência à correspondência do político baiano, revelando sua posição frente ao pleito presidencial, e chegando a encaminhar carta endereçada a Nilo Peçanha, confirmando sua intenção de não participara da disputa, aparecendo por emissário da correspondência o Zé Povo, que apoiava incondicionalmente a decisão de Barbosa.





O MALHO. Rio de Janeiro, 9 jul. 1921. Trajando o que foi ironicamente denominado de “fantasia inocente”, Nilo Peçanha era representado com trajes femininos, estratégia largamente utilizada pela caricatura da época para menosprezar o personagem retratado. O vestido de Peçanha era identificado com sua “candidatura” e ele estaria pronto para utilizar seu suposto charme para conquistar o apoio de Hermes da Fonseca, Rui Barbosa e do senador catarinense Lauro Severiano Müller, que se mostravam muito pouco afeitos a cair nos “encantos” do candidato dissidente.



O MALHO. Rio de Janeiro, 16 jul. 1921. As dificuldades que estariam sendo enfrentadas para sustentar a chapa oposicionista eram apresentadas caricaturalmente pelo hebdomadário ao representar a dissidência como um espantalho formado por peças improvisadas, com amplas dificuldades dos dissidentes para mantê-lo em pé, ao que comentava o Zé Povo, apostando no insucesso dos esforços da oposição.



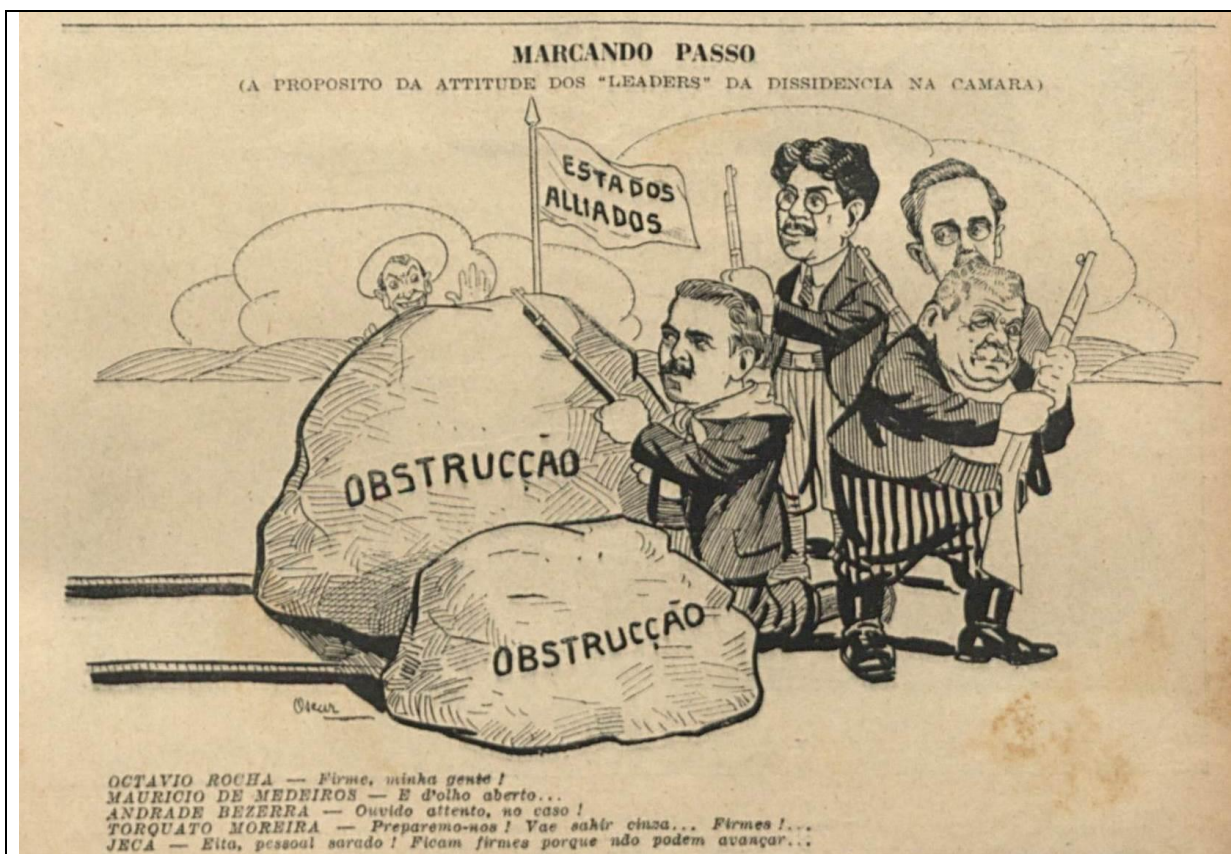


O MALHO. Rio de Janeiro, 16 jul. 1921. Um novo encontro entre Rui Barbosa e Hermes da Fonseca, propiciado pela arte caricatural, trazia a retomada da formação de uma chapa envolvendo a união dos adversários de outrora, com a sugestão de que o marechal parecia ver com bons olhos tal possibilidade, ao passo que o político baiano a negava peremptoriamente, a partir da alegação que lançava mão do tradicional axioma popular segundo o qual seria melhor só do que mal acompanhado.



O MALHO. Rio de Janeiro, 16 jul. 1921. Subvertendo a expressão latina "*similia similibus curantur*", a qual significa que os semelhantes curam-se a partir dos semelhantes, o periódico converteu-a para "*similia similibus congregantur*", referindo-se à congregação no seio de grupos políticos, no caso a dissidência brasileira que recebia a adesão do senador carioca Irineu de Melo Machado, recebido efusivamente por Nilo Peçanha, mas contando com certa desconfiança do também fluminense e membro do Senado, Paulo de Frontin.

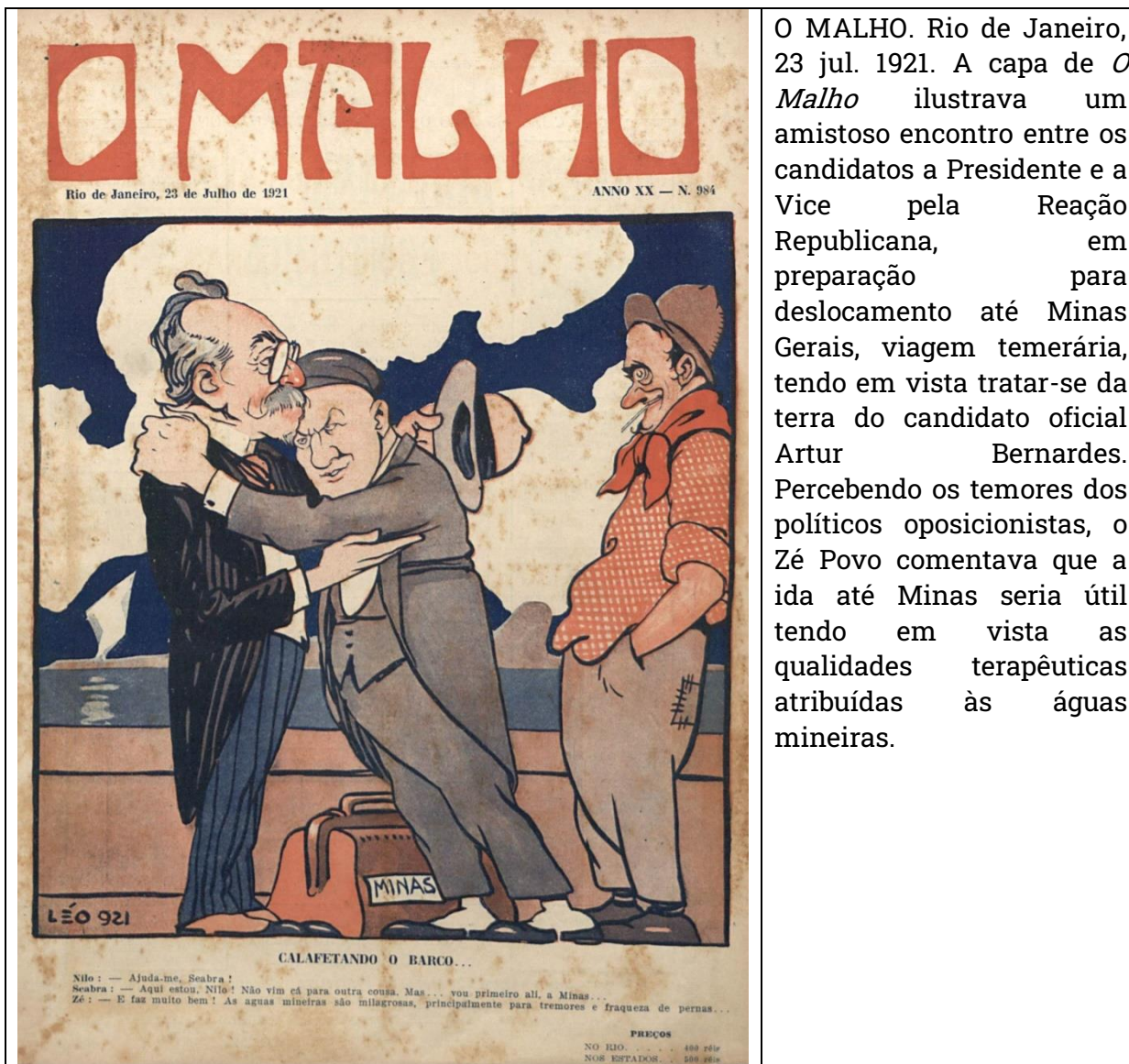




O MALHO. Rio de Janeiro, 16 jul. 1921. A revista ilustrada observava pelo viés crítico a ação dos parlamentares aliados da dissidência pertencentes aos “Estados aliados”, ou seja, aqueles que compunham a oposição, para obstruírem os trabalhos na Câmara dos Deputados, visando a criar obstáculos à ações legislativas e bloquear possíveis projetos executivos. Tal atuação parlamentar era convertida caricaturalmente em pleno ato de guerra, no qual os opositoristas, de armas em punho, promoviam a obstrução dos trilhos com enormes pedras, atitude que, segundo o Jeca, revelava a estagnação de tal grupo, que não teria condições de avançar.



O MALHO. Rio de Janeiro, 16 jul. 1921. A crítica do semanário mais uma vez voltava-se contra os parlamentares, tradicionalmente representados por papagaios, em alusão à denúncia de que eles mais falavam do que promoviam realizações. Eles eram acusados de subverter os “ideais republicanos”, tanto que, diante da proposta de Rui Barbosa em direção a um projeto revisionista, sendo apoiado por um dos representantes da nação, desde que a tal revisão viesse acompanhado de um aumento no subsídio.



O MALHO. Rio de Janeiro, 23 jul. 1921. A capa de *O Malho* ilustrava um amistoso encontro entre os candidatos a Presidente e a Vice pela Reação Republicana, em preparação para deslocamento até Minas Gerais, viagem temerária, tendo em vista tratar-se da terra do candidato oficial Artur Bernardes. Percebendo os temores dos políticos oposicionistas, o Zé Povo comentava que a ida até Minas seria útil tendo em vista as qualidades terapêuticas atribuídas às águas mineiras.



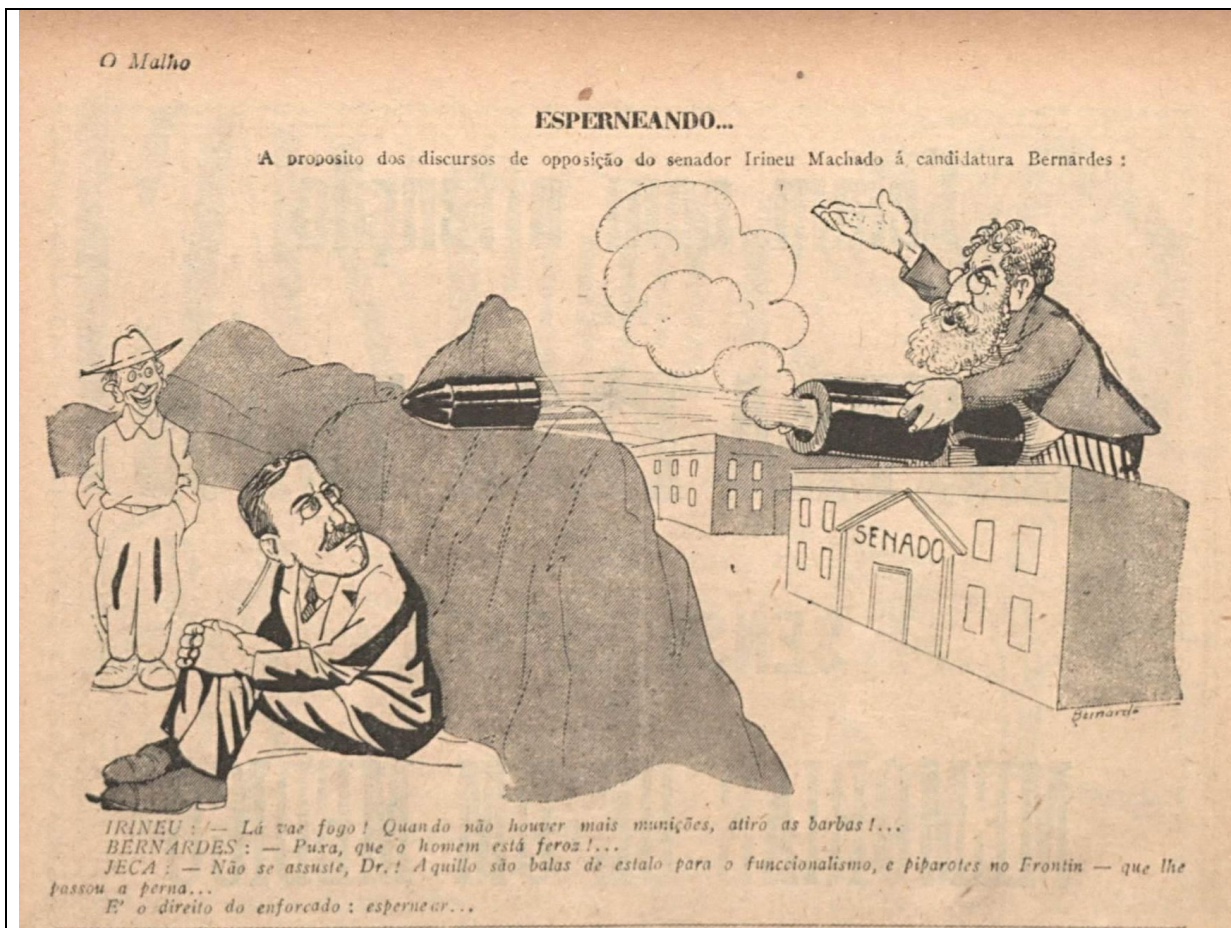
O MALHO. Rio de Janeiro, 23 jul. 1921. Um projeto agrícola que teria sido promovido por Nilo Peçanha na região fluminense de Pendotiba, sem que tivesse sido possível verificar os resultados servia como mote sarcástico e jocoso para atacar o político, como foi o caso dele tratando sua candidatura como uma planta alocada no vaso da “politicagem”, imaginando que o crescimento da mesma era satisfatório, ao que o Jeca contrapunha, dizendo que tais progressos não viriam a ser viáveis quando a tal planta fosse retirada do vaso e deslocada “para terra firme”.



O MALHO. Rio de Janeiro, 23 jul. 1921. Com o aplauso do deputado fluminense Manoel Reis, o candidato à Vice da Reação, J. J. Seabra permanecia em seus preparos para ir até Minas Gerais, mesmo que se tratasse da "fortaleza inimiga", diante do que o Zé Povo questionava se ele chegaria a ter condições de sequer entrar no Estado do candidato adversário.



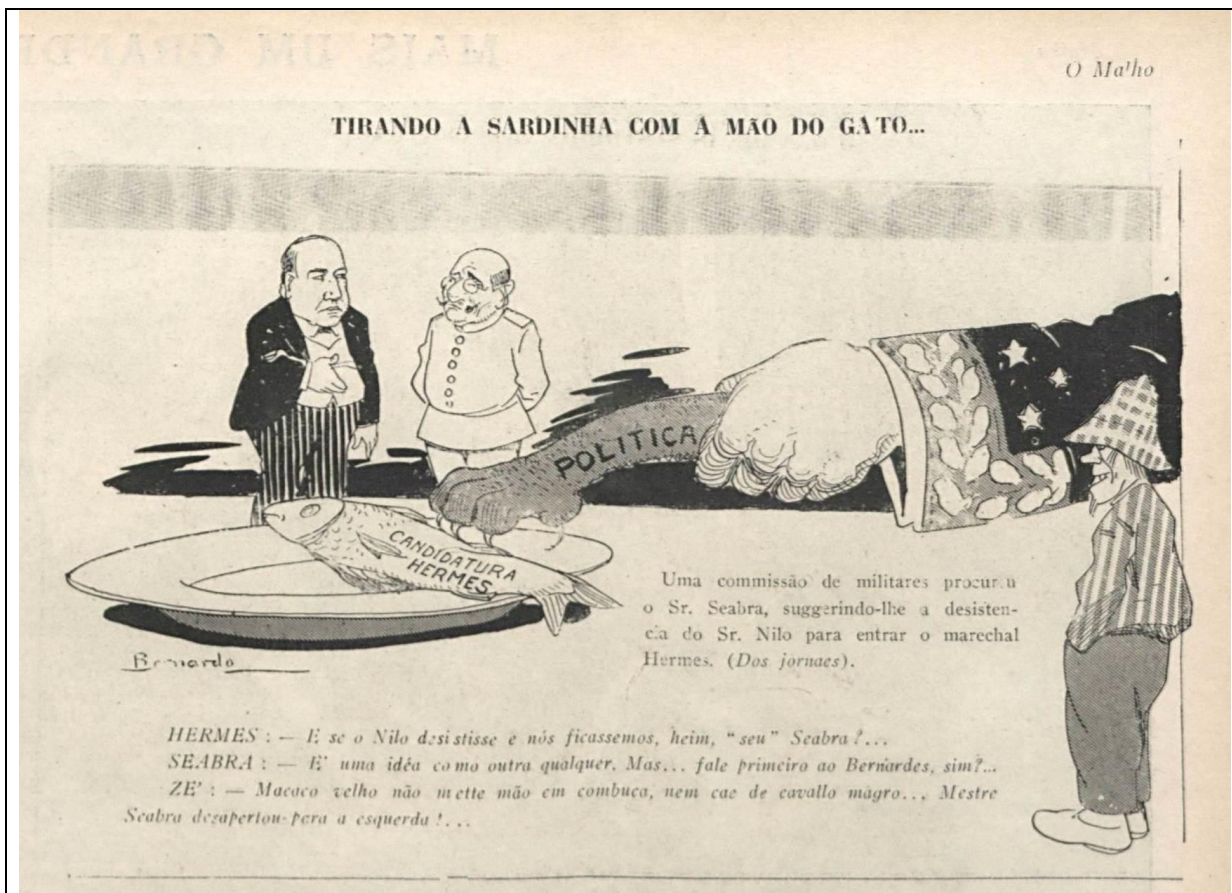
O MALHO. Rio de Janeiro, 30 jul. 1921. O apoio do magazine carioca para a candidatura Bernardes passava a ser cada vez mais direto, como ao mostrar na capa o candidato oficial massacrando a “megeira” da oposição, por meio de enorme papel, que representava o saldo orçamentário de seu governo em Minas Gerais, alegando que para os dissidentes falar era fácil, mas lhes faltava “substância”, vindo a ser aplaudido pelo Zé Povo, por ter acertado na figura feminina “bem na cabeça”.



O MALHO. Rio de Janeiro, 30 jul. 1921. Sob pesado ataque da parte do senador carioca Irineu Machado, cujos discursos eram simbolizados na forma de um projétil de canhão, Artur Bernardes, aparentemente sem se amedrontar, procurava se defender, ao passo que era tranquilizado pelo Jeca, segundo o qual aquelas atitudes não passavam de fingimento para agradar o eleitorado, sendo movidas por despeito em relação a companheiros de chapa.



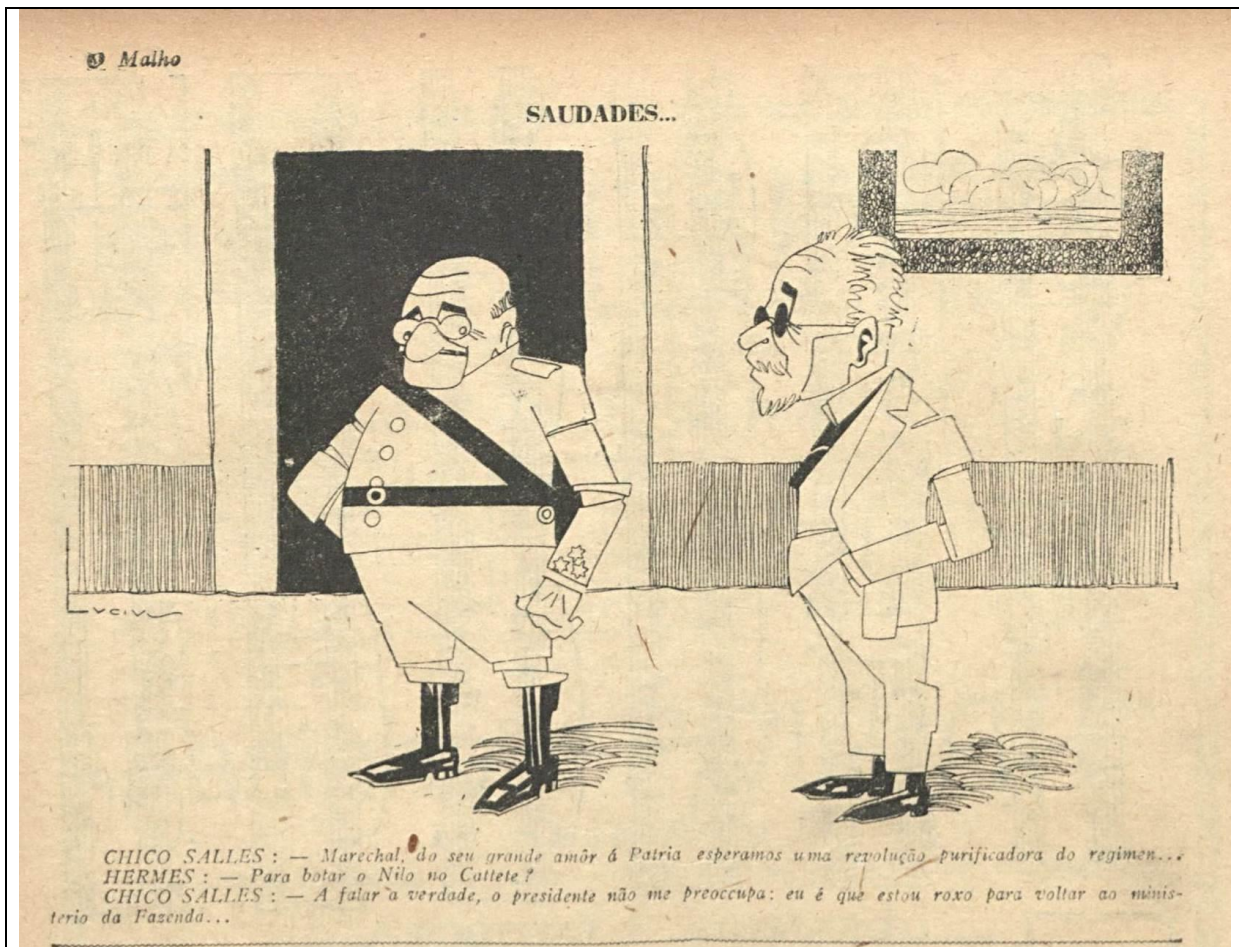
O MALHO. Rio de Janeiro, 30 jul. 1921. Através da caricatura intitulada “A voz da experiência”, o periódico buscava demonstrar o quão inócua estaria sendo a campanha da Reação Republicana, com seus candidatos à Presidência se deslocando para o norte, ao passo que o Vice ia para o sul, cada qual carregado com suas maletas de “conferências”, em relação aos discursos que iriam proferir nos Estados visitados, em uma atitude considerada sem efeito pelo “experiente” indicado no título, ou seja, o velho político Rui Barbosa, para quem a candidatura oposicionista iria “muito mal”.



O MALHO. Rio de Janeiro, 30 jul. 1921. Os conchavos políticos para reverter os protagonistas da disputa à Presidência permaneciam, tanto que o semanário mostrava a manopla militar – sempre atenta aos rumos políticos – utilizando-se da própria política, na forma de uma mão de gato, para negociar a substituição do nome de Nilo Peçanha pelo de Hermes da Fonseca, permanecendo o candidato à Vice J. J. Seabra em posição indefinida, contando com avaliação do Zé Povo, de que se tratava de uma atitude de esperteza do político baiano, buscando evitar a exposição desmesurada.



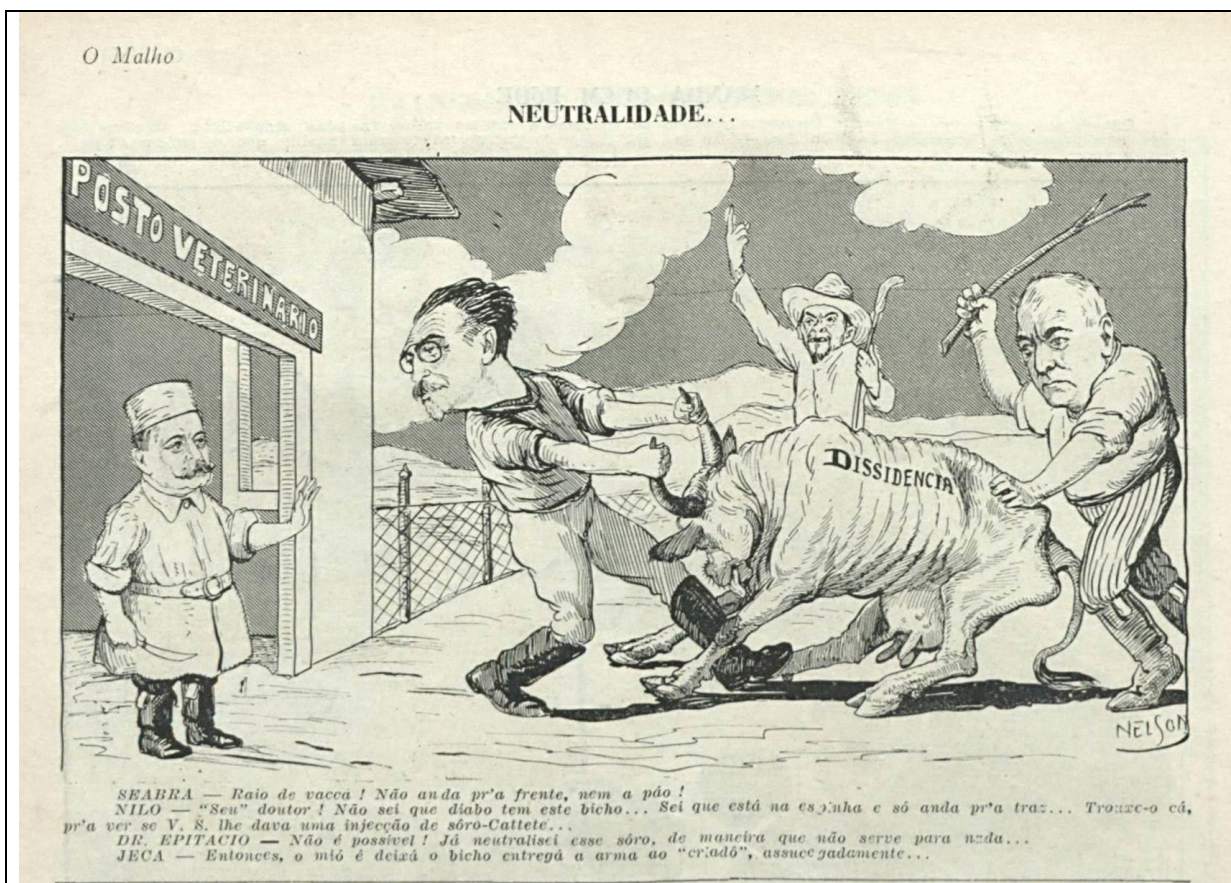
O MALHO. Rio de Janeiro, 30 jul. 1921. Extremamente apreensivos, vários dos dissidentes avaliavam como negativo o desempenho de sua campanha, sendo interpelados pelo Jeca, para o qual, eles jamais passariam por dificuldades, pois, confirmada a derrota, sempre haveria o caminho da adesão aos vencedores.



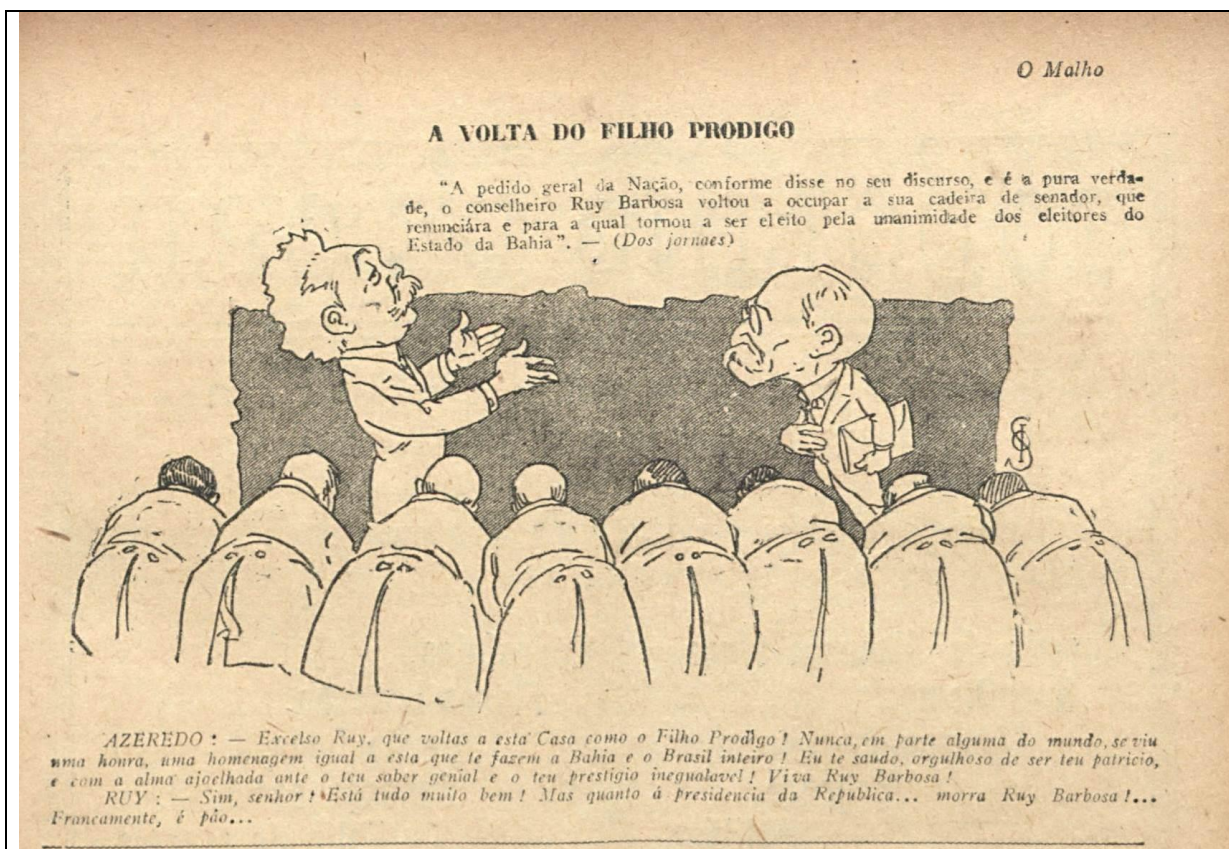
O MALHO. Rio de Janeiro, 30 jul. 1921. O predomínio dos interesses pessoais sobre os do Estado ficavam demarcados em conversa do dissidente Francisco Sales com Hermes da Fonseca, a respeito do apoio aos dissidentes, mas não necessariamente para colaborar com a vitória de Nilo Peçanha, e sim para que ele reconquistasse seu cargo ministerial.



O MALHO. Rio de Janeiro, 6 ago. 1921. A visita do dissidente J. J. Seabra a São Paulo, que por ali passara como um "cometa da dissidência", era representada pela recepção que o mesmo tivera com o político paulista Washington Luis, o qual não fez apreciações muito alvissareiras sobre a atuação do candidato opositor na visita ao seu Estado.



O MALHO. Rio de Janeiro, 6 ago. 1921. A dissidência chegou a ser representada por uma vaca que insistia em andar para trás, em sinal dos poucos progressos atribuídos à frente oposicionista, por maior que fosse o esforço de Nilo Peçanha e J. J. Seabra para mudar o trajeto do animal, chegando eles a procurar ajuda do "veterinário" Epitácio Pessoa, que dizia não ter condições de tratar do bovino, restando ao Jeca recomendar o sacrifício do "bicho", sugerindo, portanto, a desistência da Reação Republicana.



O MALHO. Rio de Janeiro, 6 ago. 1921. O retorno de Rui Barbosa era mostrado como um ato de reverência dos demais parlamentares para com o tradicional político baiano, contando até com efusivo discurso de recepção de parte do senador Antônio Francisco de Azeredo. Frente a todos os "vivas" lançados em homenagem ao seu nome na casa legislativa, na versão caricatural, Rui Barbosa não teria perdido a oportunidade para constatar e lamentar que tão notório apoio não fora a ele dedicado quando da possibilidade de sua ascensão à Presidência da República.

O MALHO

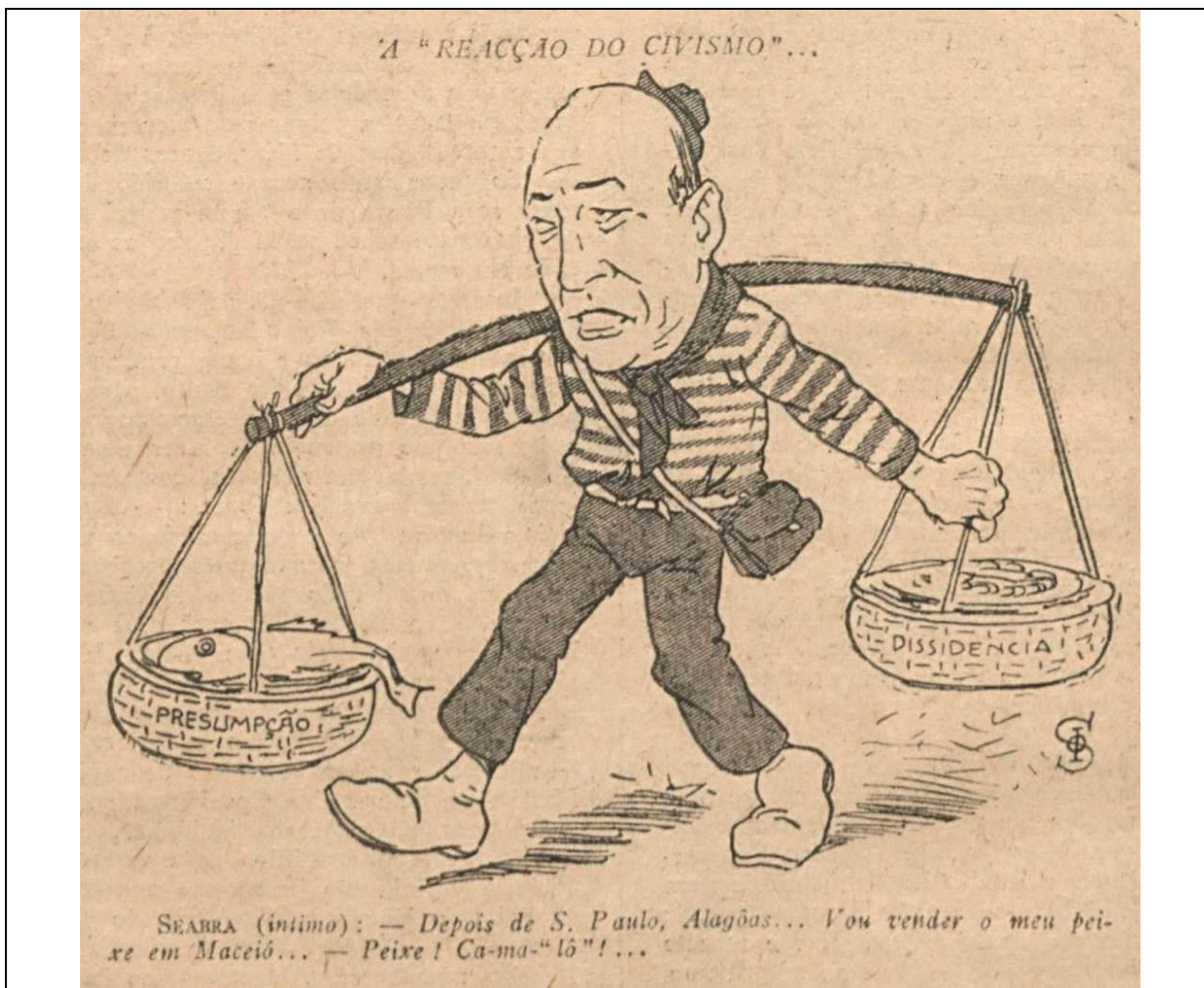
Rio de Janeiro, 13 de Agosto de 1921 ANNO XX — NUM. 987

SERRANDO DE CIMA...

Arthur Bernardes : — Vamos! Força! Faltava pouco para acabar...
Nilo (atrapalhado): — Não posso mais! Está me caindo muita serragem, muita poeira nos olhos...
Zé : — Isso acontece aos mãos serradores... e a quem está por baixo!

PREÇOS
NO RIO 400 réis
NOS ESTADOS . . . 500 réis

O MALHO. Rio de Janeiro, 13 ago. 1921. Em mais uma capa de *O Malho*, a disputa pela Presidência da República era comparada a uma prova de serrar um tronco, na qual Artur Bernardes se encontrava por cima, exigindo maior esforço do adversário, enquanto Nilo Peçanha, por baixo, sentado, atrapalhado e cansado, dizia não poder ser mais produtivo, tendo em vista a quantidade de serragem e poeira que lhe caía aos olhos, servindo tal reação para que o Zé Povo o desqualificasse, não só por ser um péssimo serrador, mas também por estar em uma posição inferior, revelando a postura do periódico em apostar na vitória de Bernardes.



O MALHO. Rio de Janeiro, 13 ago. 1921. Ironicamente, o semanário chamava a chapa oposicionista de “reação do civismo”, trazendo J. J. Seabra como um vendedor de peixes, que se deslocava por vários Estados, levando em seus cestos não só as ideias da dissidência, como a “presunção” de que sua frente política poderia vencer.

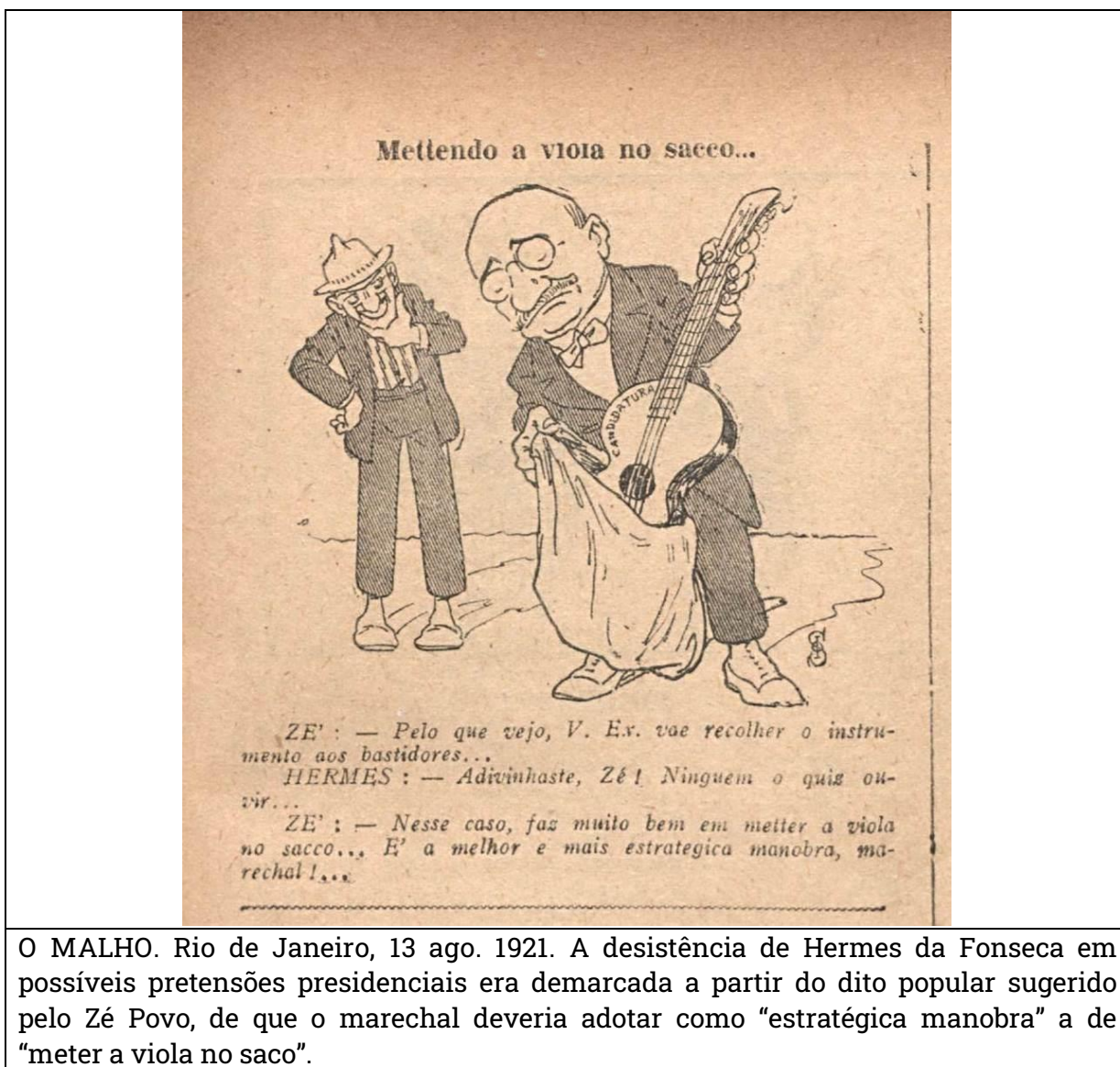


O MALHO. Rio de Janeiro, 13 ago. 1921. Uma suposta neutralidade do Presidente da República a respeito da campanha presidencial era colocada em pauta, com a demonstração de sua impossibilidade, uma vez que Epitácio Pessoa tinha um amplificador de som na orelha direita para ouvir o candidato de sua escolha, Artur Bernardes, ao passo que o ouvido esquerdo era tapado com uma rolha, impedindo que escutasse o que era dito pelo opositor Nilo Peçanha.



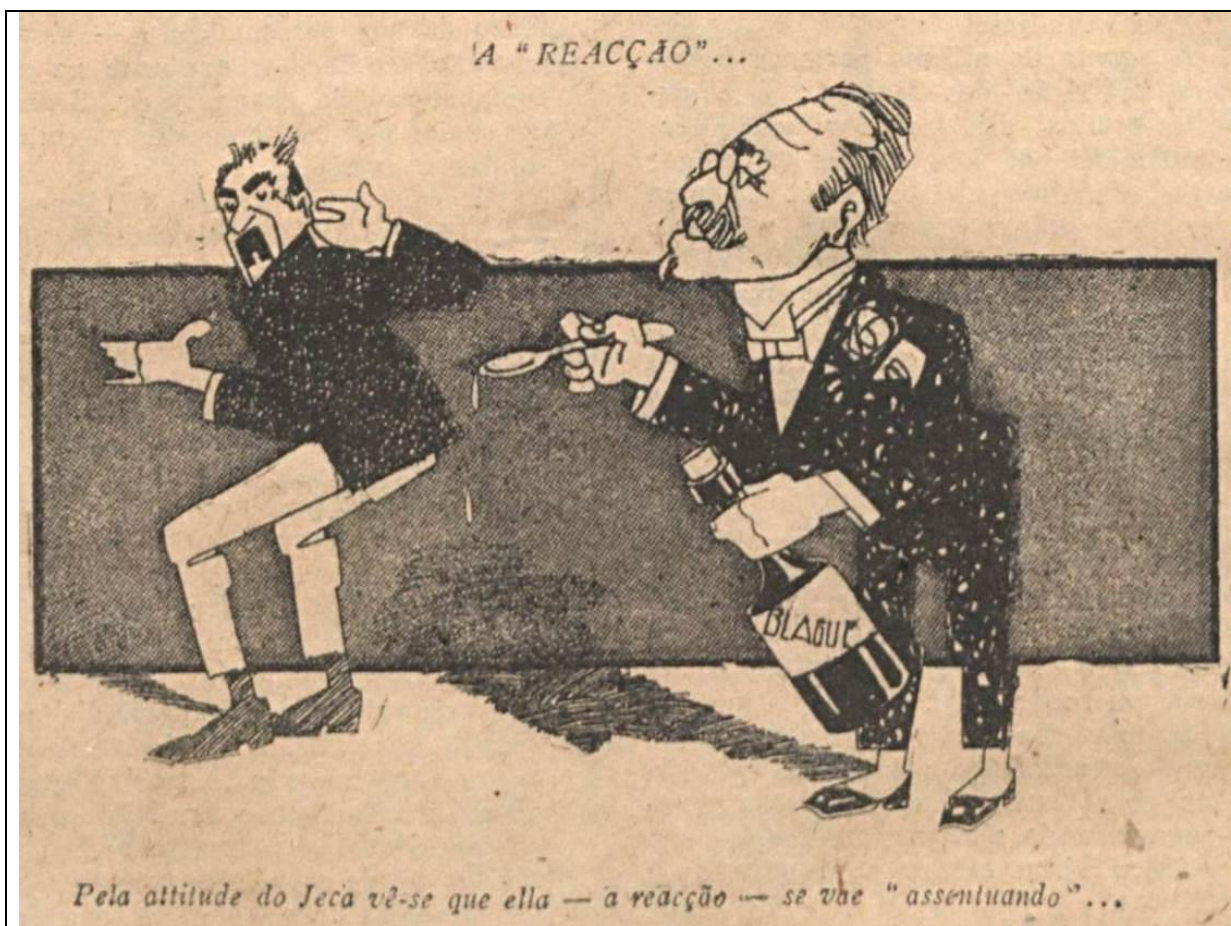


O MALHO. Rio de Janeiro, 13 ago. 1921. Em sua peregrinação na "propaganda" da "dissidência", Nilo Peçanha era comparado à figura mítica do judeu errante, percorrendo a pátria em busca de votos, no que era interpelado pelo Jeca que efetivamente concordava que o político estava a "errar" em sua postura oposicionista.





O MALHO. Rio de Janeiro, 20 ago. 1921. Segundo a revista, Nilo Peçanha estaria a reconhecer os percalços de sua campanha, comparando a mesma com as dificuldades em cavalgar, vindo a revelar ao Jeca que sua chance eleitoral estava passando por notório decréscimo.



O MALHO. Rio de Janeiro, 20 ago. 1921. A crítica à reação Republicana dava-se também por meio de cena caricatural na qual Nilo Peçanha tentava impor ao Jeca um medicamento identificado com o "blague", ou seja, uma versão enganosa ou falsa, sinônimo de peta ou patranha. Diante do indesejado tratamento a representação do povo brasileiro fugia espavorida.





O MALHO. Rio de Janeiro, 3 set. 1921. Sob as insinuações de que, levando em conta a perspectiva de derrota, a Reação Republicana lançara o boato de que seria negociado um acordo para o lançamento de um terceiro nome para candidato à Presidência, enquanto Nilo Peçanha olhava para o céu, Artur Bernardes explicava que não deveria se dar importância aquilo por se tratar de uma suposta invenção, que não passaria de um “balão de ensaio”, desprestigiado e qualificado como “muito ordinário”.



O MALHO. Rio de Janeiro, 3 set. 1921. O retorno do Presidente da República Epitácio Pessoa, de São Paulo para o Rio de Janeiro, foi mostrado pelo hebdomadário crítico-humorístico como a volta de um vitorioso, recebido com entusiasmo por “autoridades e situacionistas”, que saudavam o primeiro mandatário da nação, ao passo que o deputado federal sul-rio-grandense, Otávio Francisco da Rocha, membro da Reação Republicana, lamentava-se e permanecia “chupando uma barata”, em referência à má situação que teria ficado sua chapa.

A CAMPANHA PRESIDENCIAL DE 1921-1922 NAS CARICATURAS DE O MALHO



O MALHO. Rio de Janeiro, 10 set. 1921. Em plena comemoração da data da independência nacional, aparecia na capa um “grito do Ipiranga às margens do Pendotiba”, em outra referência ao fracassado projeto agrícola do candidato à Presidente. No desenho, a figura de D. Pedro I era substituída por um ridicularizado “Nilo I”, que, ao invés do cavalo, montava uma mula e, no lugar da espada, erguia um guarda-chuva, pronto a viajar para o Norte do país, onde pretendia levantar a todos, a partir do grito “dissidência ou morte”; frente ao que, o Jeca, considerando tudo muito risível, dizendo ao político que ao seu brado, os ecos recomendariam que ele fosse “plantar arroz”.



O MALHO. Rio de Janeiro, 10 set. 1921. Com base na chacota, o candidato dissidente era caracterizado como "o conferencista Nilo", sempre pronto a proferir discursos em prol de sua campanha, perante o que comentavam dois Jecas sobre tamanha verve, indicando um deles que o candidato deveria ser observado a partir de sua "garganta", em alusão à pessoa que se dedicava a proferir invencionices, exageros, bazófias, fanfarronices ou gabarolices.

O Malho

MAS COMPANHIAS...

"O primeiro ponto da excursão política do governador da Bahia foi a capital de Alagoas, onde o Sr. Seabra foi recebido pelo governador do Estado e com todas as honras do estylo".—(Nossas notas)

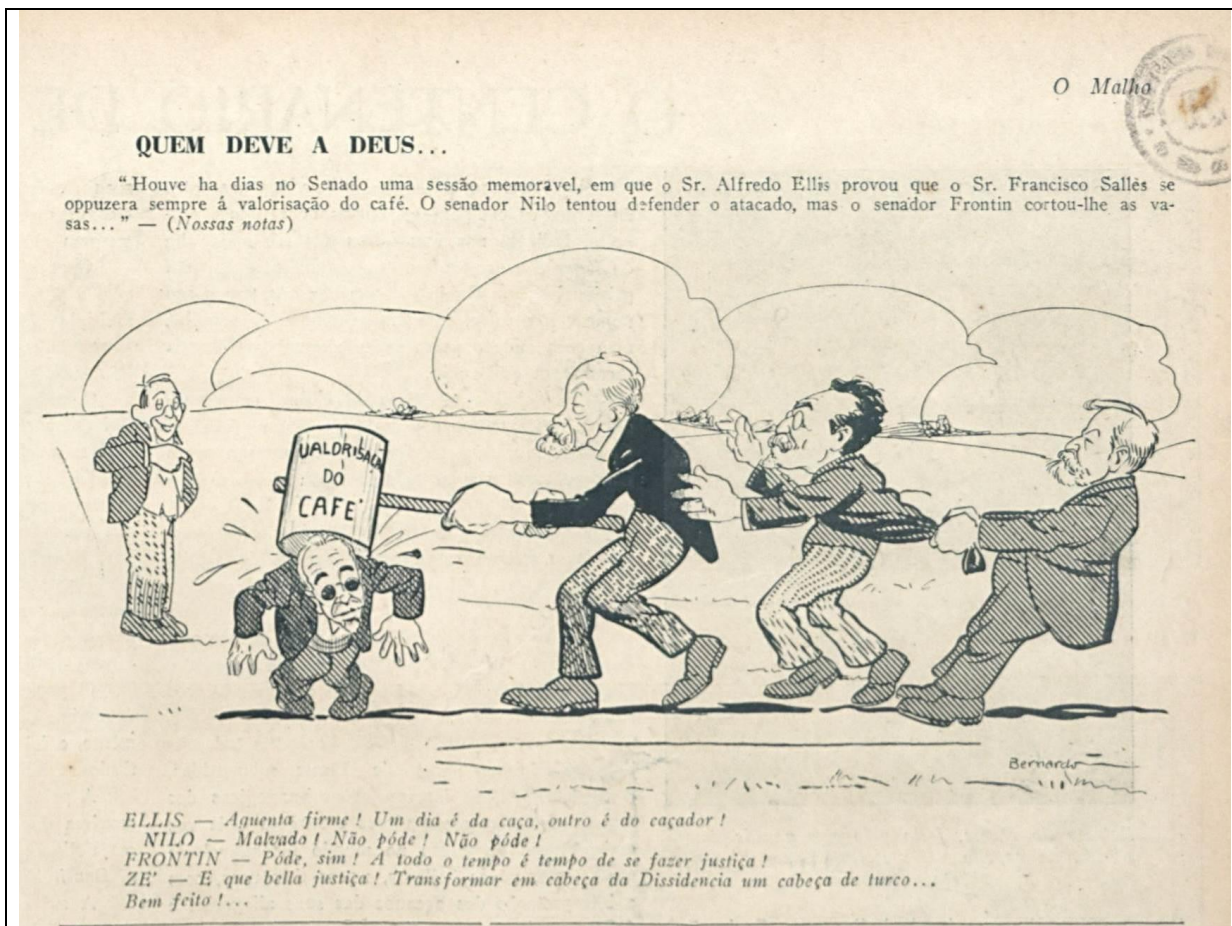


FERNANDES LIMA — Saúdo cordialmente o meu nobre collega bahiano! Alagoas presta a devida homenagem ao cavalheiro andante, mas não ao seu cavallo!

SEABRA — Agradeço a saudação e a franqueza! Mas pergunto: Que é que eu hei de fazer deste bicho, me comprometti a andar com elle?

JECA — Lance-o no pasto, que talvez os urubús ainda o queiram! Antez só, que mal acompanhado...

O MALHO. Rio de Janeiro, 10 set. 1921. Na chegada a Alagoas, J. J. Seabra trazia consigo sua montaria, um cavalo completamente estropiado, identificado com a dissidência, diante do que era bem recepcionado, mas com a ressalva de que as boas-vindas não eram estendidas ao animal quadrúpede, chegando a ocorrer a sugestão do Jeca de que o mesmo fosse abandonado à morte.



O MALHO. Rio de Janeiro, 10 set. 1921. Os enfrentamentos entre situacionistas e dissidentes estendia-se às discussões no parlamento, como foi o caso de uma discussão sobre a valorização do café, na qual parlamentares governistas e opositores enfrentavam-se com veemência, ocorrendo a assistência do Zé Povo, o qual considerava satisfatório e bem feito o conjunto de golpes ali aplicados na dissidência.





O MALHO. Rio de Janeiro, 17 set. 1921. A capa da revista serviu para mostrar Nilo Peçanha prestes a se afogar no revoltoso mar da "sucessão", enquanto pedia socorro para Epitácio Pessoa que, à beira do ancoradouro, trazia consigo a boia da "neutralidade", utilizando-se de tal fator como justificativa para não salvar a vida do candidato opositor.

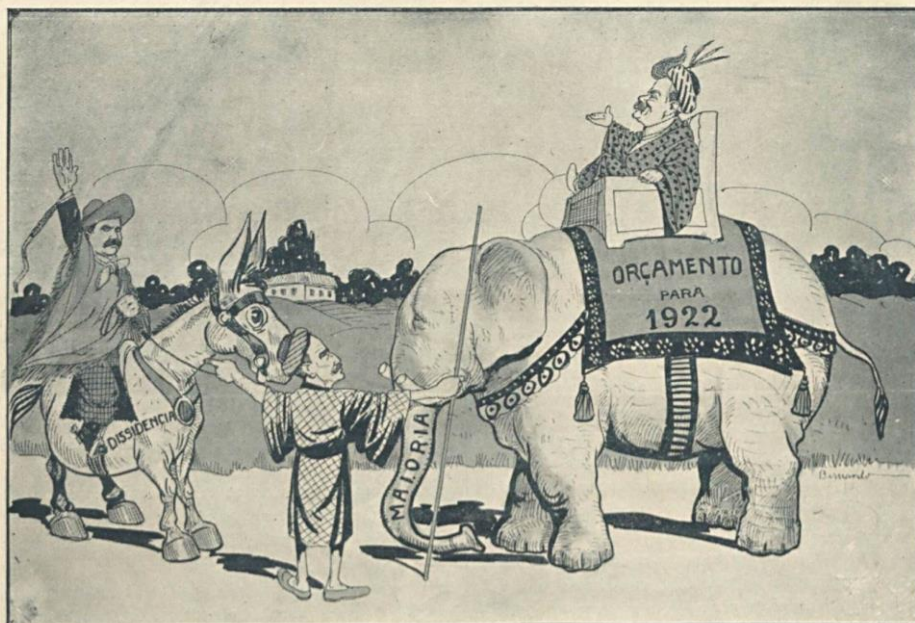


O MALHO. Rio de Janeiro, 17 set. 1921. O Jeca comiserava que Peçanha estava em uma "posição espinhosa e escabrosa", tendo sua viola caindo e tentando com dificuldades percorrer uma corda bamba, que passava pelo mar do ostracismo, ficando evidenciada a possibilidade de queda do candidato.

O Malho

O ELEPHANTE BRANCO

"O deputado Octavio Rocha, leader da dissidência, calculou em 202 mil contos papel e 3.500 contos ouro, o aumento nos orçamentos para o proximo exercicio. E concitou os seus commandados a se opporem a tal orçamento".—(Dos jornais)



HOMERO BAPTISTA — Senhor ! Este homem quer impedir a passagem do elephante !...
EPITACIO — Não te incomodes ! Quando eu entender, faço mover a tromba do bicho, e... era uma vez a fumaça da obstrução !...

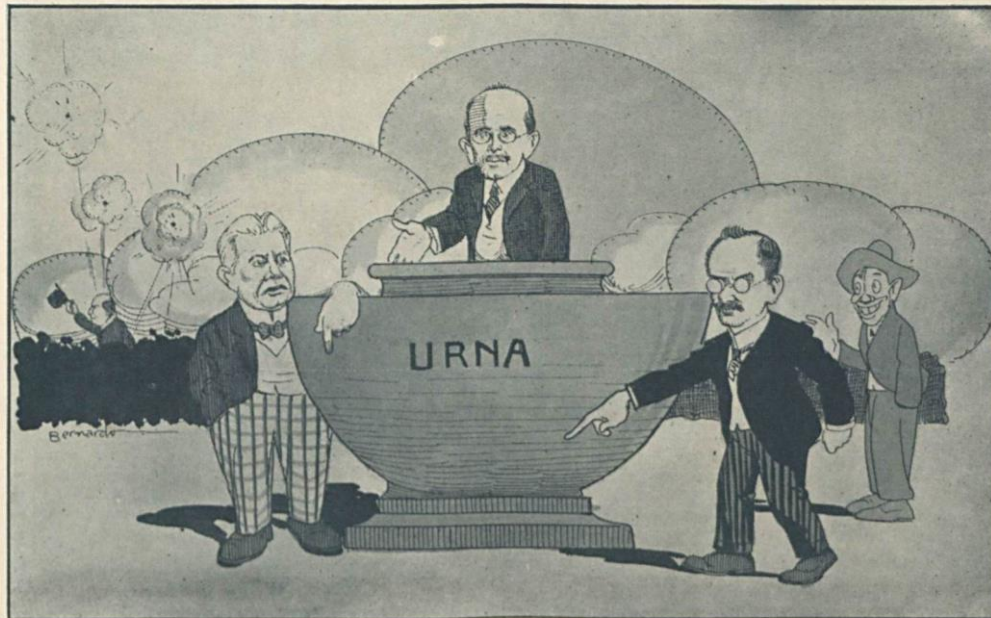
O MALHO. Rio de Janeiro, 17 set. 1921. Enquanto Epitácio tinha o elefante do orçamento anual como montaria, o deputado Otávio Rocha, trajado à gaúcha e cavalcando a mula da dissidência, tentava impedir o caminho do paquiderme, ao que o Presidente reagia, afirmando não haver preocupações, pois bastaria mover a tromba do animal – que representava a maioria parlamentar – para eliminar a obstrução oposicionista.



O MALHO. Rio de Janeiro, 17 set. 1921. Enquanto Nilo Peçanha forçava ao máximo sua montaria, identificada com a dissidência, para que pudesse se deslocar e espalhar suas “palavras”, contidas em uma trouxa de viajante, J. J. Seabra tentava fazer sua parte, puxando as rédeas do animal para a frente. Na cena, Peçanha reclamava que “o bicho não anda, nem desanda”, permanecendo “parado”, ao que o seu interlocutor respondia que o “bicho” não estaria “parado” e sim “caindo”.

URNA "VERSUS" CHAROLA

O órgão do Governo da Parahyba publicou uma nota explicando que o governador da Bahia não podia deixar de ser festivamente recebido pelo Norte, mas que isso nada influiria nos compromissos políticos tomados pelos Estados, com a acceitação da chapa Bernardes-Urbano. — (Dos jornaes)



SOLON DE LUCENA — Não podemos evitar que o Seabra ande por ahí carregado em charola, "vivado" e "fo-guetado"...
JUSTINIANO SÉRPA — FERNANDES LIMA — Perfeitamente! Mas, isto aqui é que fa'o a verdade!
JECA — A verdade das urnas! Se "seu" Seabra escutasse esta conversa, não continuaria a conversar fiado, e toca-va-se já para o seu posto, na Bahia!...

O MALHO. Rio de Janeiro, 17 set. 1921. Na viagem de J. J. Seabra para a Paraíba, alguns políticos da região encontravam-se reunidos em torno de uma urna, em referência à campanha eleitoral recentemente deflagrada, com a indicação de que ela estaria a representar "a verdade das urnas", sendo indicado ao político baiano o regresso para sua terra natal.

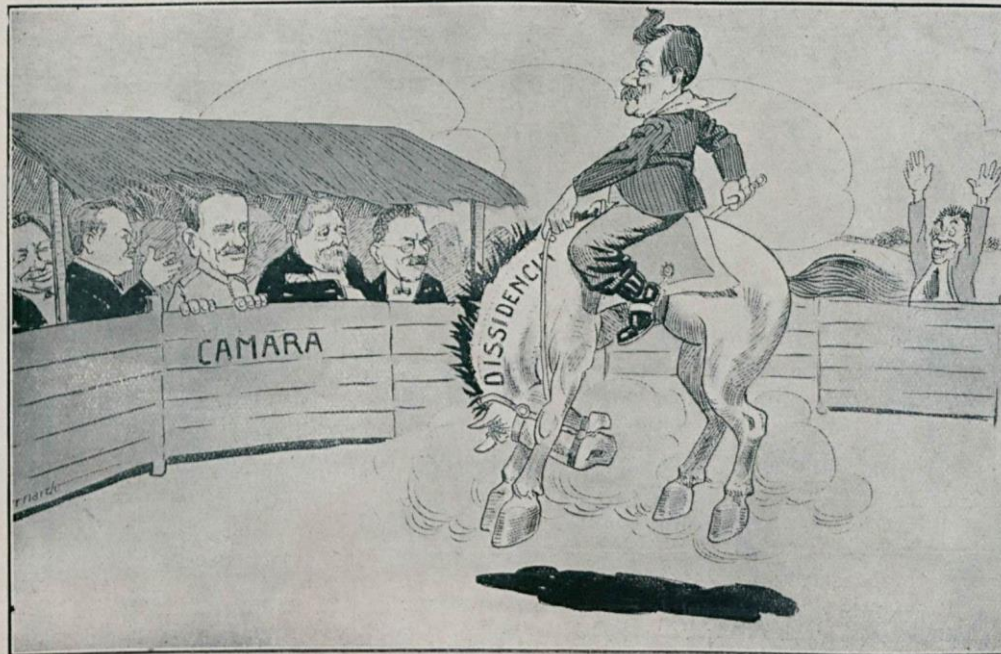
A CAMPANHA PRESIDENCIAL DE 1921-1922 NAS CARICATURAS DE O MALHO



O MALHO. Rio de Janeiro, 24 set. 1921. Na capa que marcava o aniversário do periódico, o personagem que representava a redação estampava um exemplar de *O Malho* referente ao ano de 1913, denominando a figura da capa “uma charge histórica e profética”, trazendo “a célebre e inopinada traição” de Nilo ao senador gaúcho Pinheiro Machado, atacando um “amigo e protetor político”, ao estar “dominado pela vaidade e pela ambição”. A folha previa que aquele tipo de atitude poderia se repetir, estando ela sempre pronta para “castigar os traidores”.

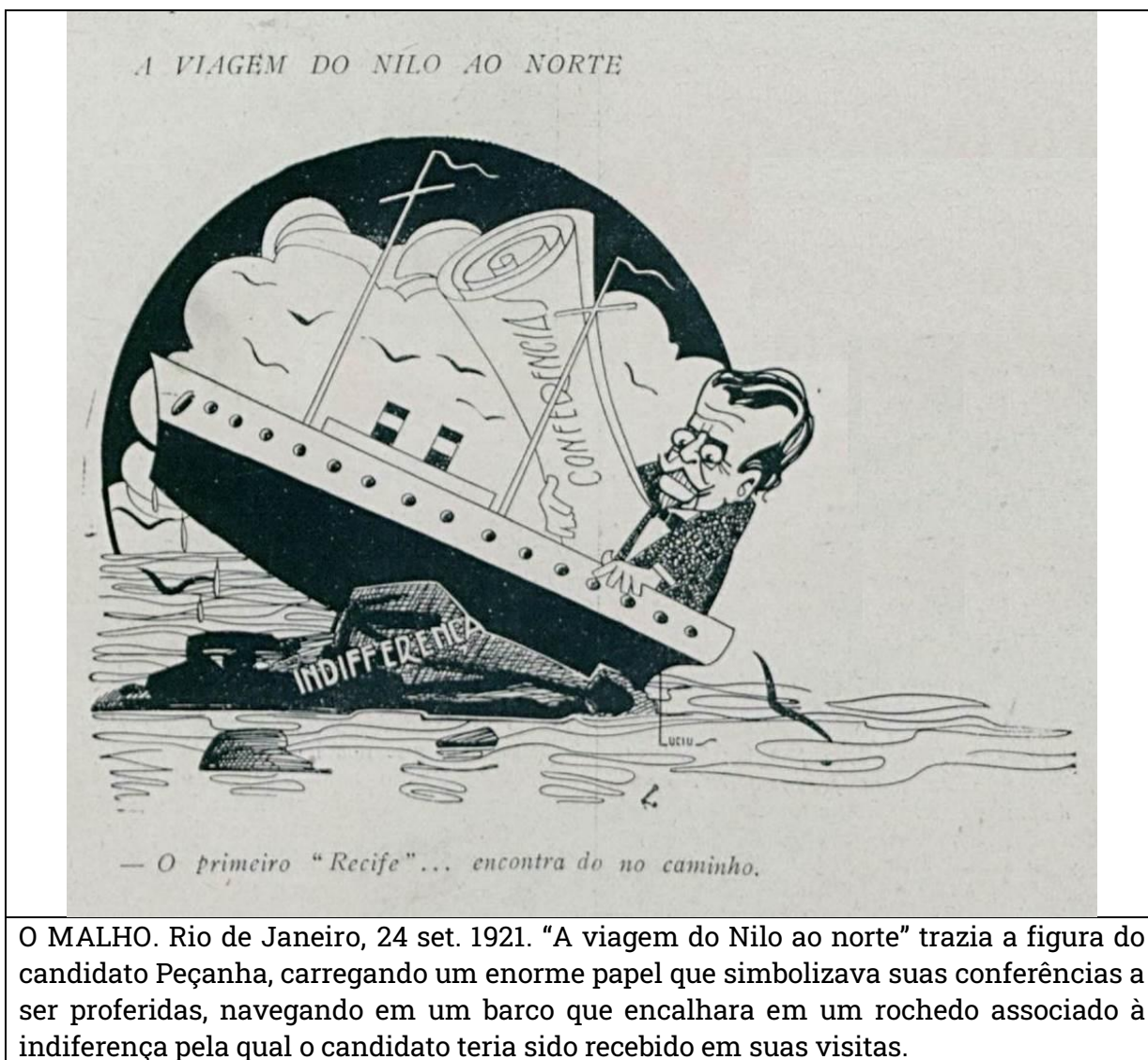
DOMADOR NA HORA !

A PROPOSITO DAS NEGAÇAS DA DISSIDENCIA PARLAMENTAR



EPITACIO — Então, camaradas?! Gostaram da letra?... ARTHUR LEMOS, CARLOS DE CAMPOS, BURLAMAQUI, BUENO BRANDÃO e ARNOLPHO AZEVEDO — Estamos gostando muito! O potro é bravo, mas o peão é duro... ZE' — E que remedio tem o bicho senão amansar?!...

O MALHO. Rio de Janeiro, 24 set. 1921. Levando em conta as ações obstrutivas dos dissidentes no parlamento, Epitácio Pessoa propunha-se a dominar um bravo cavalo que representa a dissidência, decisão em que era acompanhado pelo Zé Povo, de acordo com o qual não haveria outra solução que não fosse a de “amansar” o animal.



MINAS ALIVA E A DISSIDENCIA

"Na reunião do P. R. M., que rati ficou a candidatura Raul Soares á successão de Arthur Bernardes, o deputado Vianna do Castello propoz que Minas repellisse em todos os terrenos a campanha difamatoria movida pela Dissidencia". —
(Dos jornaes)



ESTADO DE MINAS — A' luta, á luta contra a hydra!
BUENO BRANDÃO, WENCESLAU, CARVALHO DE BRITO e VIANNA DO CASTELLO — Pão nella!...
VELHO MINEIRO — E agora a "bicha" que se metta, se é capaz!...

O MALHO. Rio de Janeiro, 1º out. 1921. A folha enfatizava a unidade do Partido Republicano Mineiro em torno da candidatura governista, preparando-se para enfrentar a dissidência, a qual era representada pela figura apocalíptica do dragão de sete cabeças, identificado com males como a maledicência, o despeito, a calúnia, a inveja e a intriga.



O MALHO. Rio de Janeiro, 1º out. 1921. Nilo Peçanha viajava de navio pronto para buscar apoiadores no Amazonas, tal qual fosse pescá-los facilmente, ao que o Zé Povo retorquia, dizendo que, ao contrário, o político poderia ser capturado pelos jacarés.



O MALHO. Rio de Janeiro, 1º out. 1921. O magazine alertava que a recepção a Nilo Peçanha no Norte poderia ser marcada por sobressaltos, tendo em vista a tempestade que se avizinhava e ameaçava o barco, a bagagem e os passageiros conforme avisavam os “Zés” de São Paulo e de Minas.

A CAMPANHA PRESIDENCIAL DE 1921-1922 NAS CARICATURAS DE O MALHO

OS ESTRILLOS PARLAMENTARES CONTRA A LEI...

"O presidente da Camara tem sido inflexivel na applicação do artigo do Re gimento que limita a 5 minutos a discussão das medidas em votação". — (Dos jornaes)



ARNOLPHO AZEVEDO — Basta de palanfrorio! Rolha no caso!...
DISSIDENTES — Peço a palavra! Não pôde! Não pôde!
ZÉ — Eu é que não posso... com uma gata pelo rabo! Quanto mais com esta gritaria!... E, afinal, contra quê?
Contra a unica coisa que se salva no meio da "bernarda": a sabia e benemerita lei da rolha!...

O MALHO. Rio de Janeiro, 1º out. 1921. O parlamentar paulista, apoiador da candidatura oficial, Arnolfo Rodrigues de Azevedo, na ocasião Presidente da Câmara dos Deputados, aparecia controlando as manifestações dos dissidentes, colocando uma rolha – o regimento interno da casa parlamentar – na boca de uma figura feminina que simbolizava a dissidência, contando com o apoio do Zé Povo em sua atitude.

O MALHO

Rio de Janeiro, 8 de Outubro de 1921 ANNO XX — NUM. 995



NO AMAZONAS: RECEPÇÃO AO CANDIDATO DA DISSIDENCIA
Nilo — Heim ? !... Parece que elles dizem alguma cousa !...
O pratico — Dizem, sim ! Dizem que nunca se esquecerão do bombardeador de Manãos... e que, sendo jacarés do Amazonas, jámais poderão ser jacarés do Nilo...

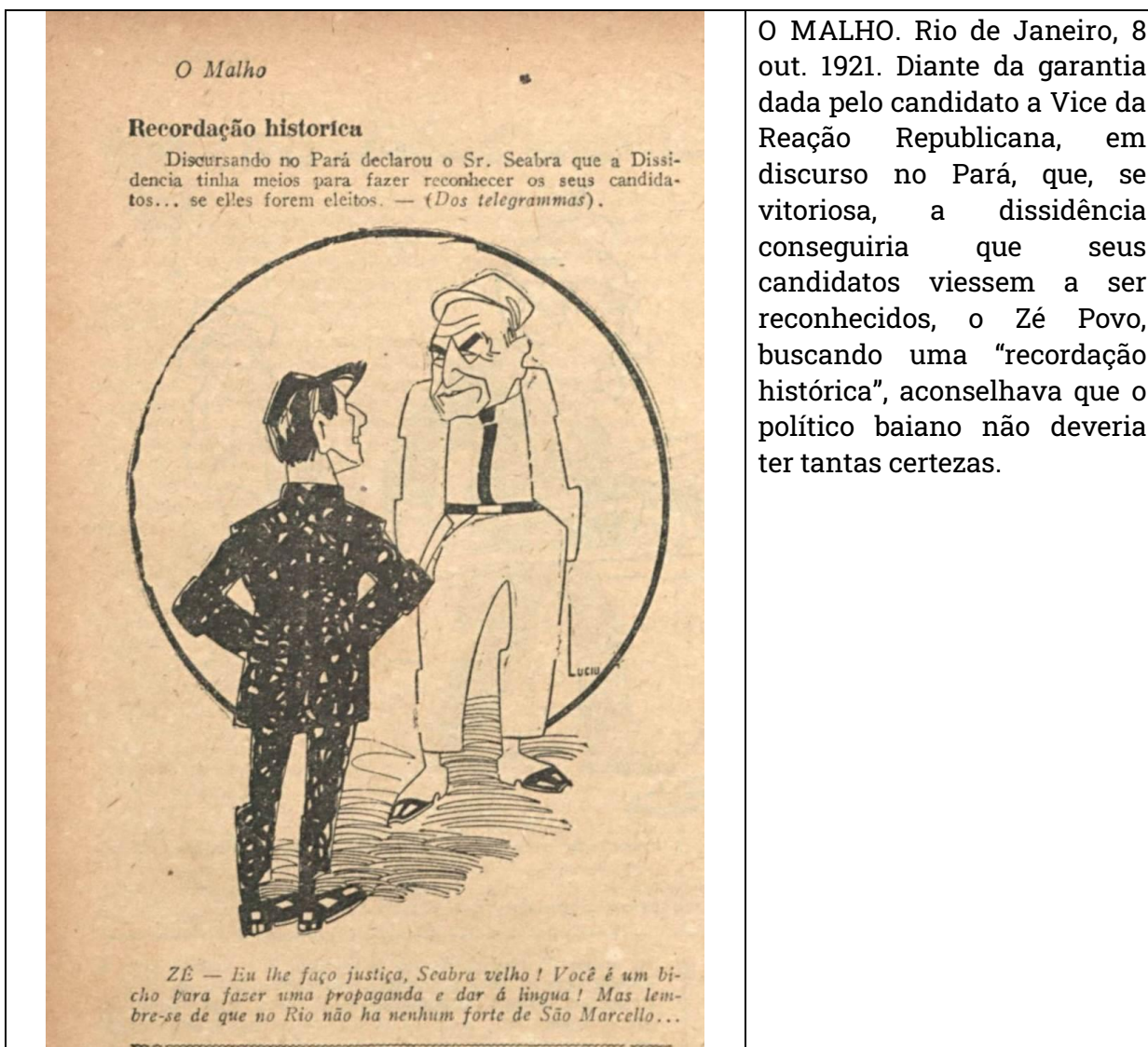
LEO

PREÇOS
NO RIO. 400 réis
NOS ESTADOS. . . 500 réis

O MALHO. Rio de Janeiro, 8 out. 1921. O ataque dos jacarés previsto em edição anterior se confirmaria em caricatura estampada na capa, na qual, em um pequeno bote, Peçanha se mostrava apavorado, diante do que o "prático" do barco gracejava lembrando o local onde estavam, utilizando-se para tanto do nome do candidato, esclarecendo que aqueles animais eram do Rio Amazonas e não do africano Rio Nilo.



O MALHO. Rio de Janeiro, 8 out. 1921. Os candidatos dissidentes viajavam do Nordeste para o Norte, sendo considerados como mascates desonestos, pois vendiam “coisas bonitas e baratas”, em prestações, no caso uma “reação democrática” e “vigílias cívicas”, sendo demarcado pelo Zé Povo que só quem não os conhecesse compraria alguma coisa daqueles “dois ambulantes da política nacional”.



O MALHO. Rio de Janeiro, 8 out. 1921. Diante da garantia dada pelo candidato a Vice da Reação Republicana, em discurso no Pará, que, se vitoriosa, a dissidência conseguiria que seus candidatos viessem a ser reconhecidos, o Zé Povo, buscando uma “recordação histórica”, aconselhava que o político baiano não deveria ter tantas certezas.



O MALHO. Rio de Janeiro, 15 out. 1921. A folha insistia em atacar Nilo Peçanha, mostrando-o mais uma vez como um traidor que apunhalava até mesmo seus aliados, ao passo que dois parlamentares que haviam convencionado a candidatura dissidente eram apresentados como malfeitores e pistoleiros, que comemoravam atirando paras os ares.



O MALHO. Rio de Janeiro, 15 out. 1921. A partir da constatação de que a enfermagem era uma carreira predominantemente exercida por mulheres, a revista indicava que os homens públicos brasileiros deveriam deixar a vida de político para se tornar enfermeiros e, só assim, conseguirem dedicar os devidos cuidados à doente e acamada dama republicana.

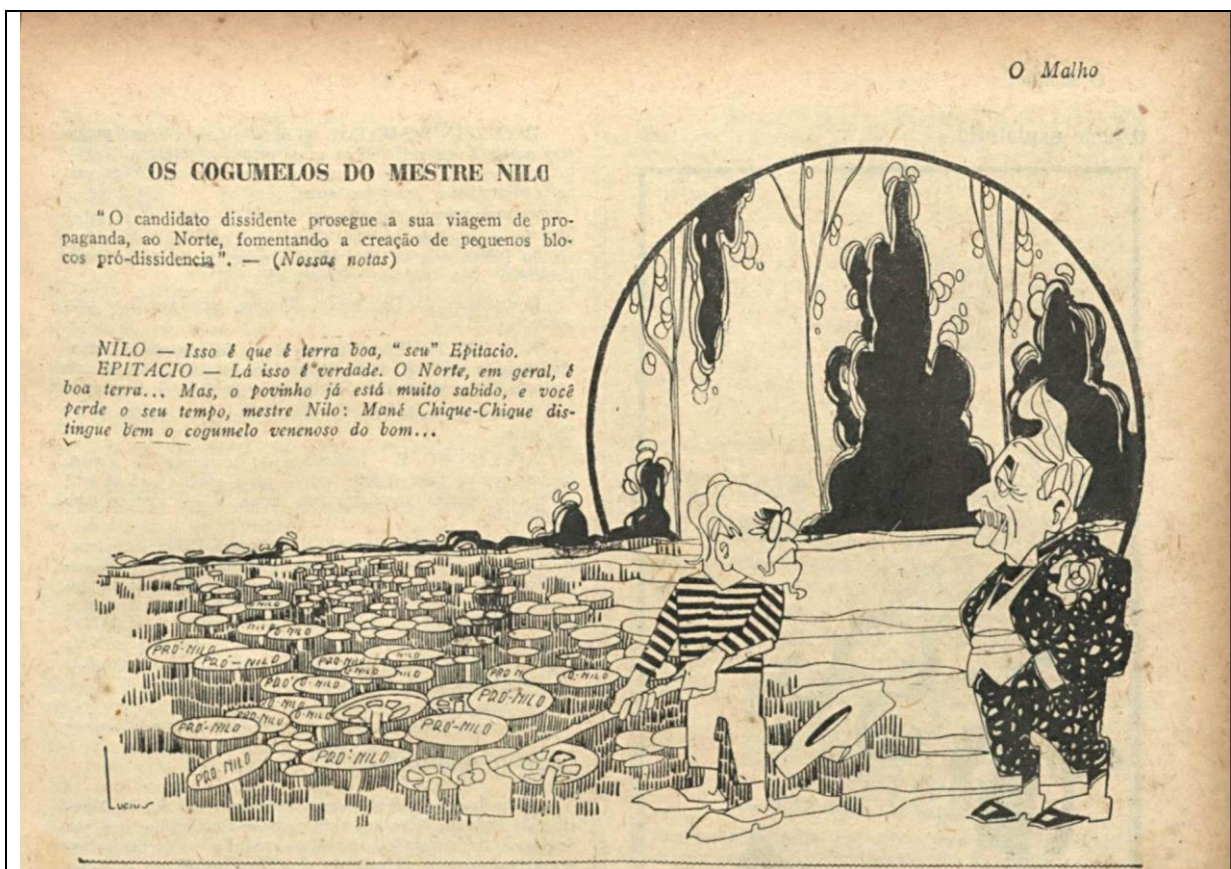
FUGINDO A' SERINGA...

"Na votação dos tribunaes regionaes os deputados da dissidencia fizeram um escarcéo de todos os diabos e acabaram por abandonar o recinto. Mas, apesar disso, o projecto foi approved". — *(Dos jornaes)*

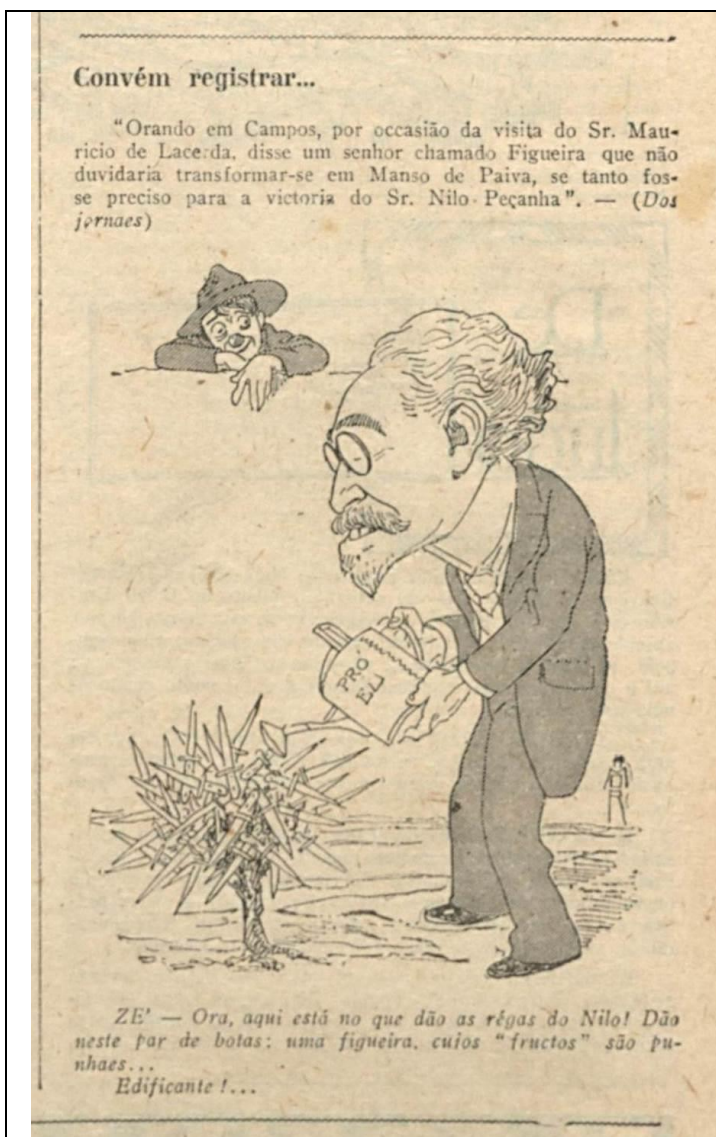


GONCALVES MAIA & C. — Terra p'ra feijões!...
ARNOLPHO AZEVEDO — Isso é que se chama coragem... pelo avesso!...
BUENO BRANDÃO — Não faz mal! Vae assim mesmo a injeção... Hão de se convencer de que, nesta questão de seringas, nós é que estamos do lado do cabo...

O MALHO. Rio de Janeiro, 15 out. 1921. Segundo o periódico, os parlamentares da dissidência seriam covardes, pois fugiam da votação dos projetos advindos da maioria, representados por uma enorme seringa, pronta para dar-lhes uma injeção.



O MALHO. Rio de Janeiro, 15 out. 1921. A peregrinação de Nilo Peçanha pelo Norte brasileiro era considerada pelo candidato como de grande utilidade, pois teria conseguido criar "pequenos blocos pró-dissidência", os quais eram representados por uma "plantação de cogumelos", vangloriando-se de tal feito para Epitácio Pessoa, o qual recomendava cuidado pois os nortistas saberiam distinguir os cogumelos comestíveis dos venenosos, ou seja, acabariam por não votar nos dissidentes.



O MALHO. Rio de Janeiro, 15 out. 1921. Nilo Peçanha aparecia mais uma vez cuidando de uma planta, em analogia com sua campanha em busca de votos, aparecendo novamente o Zé Povo para esclarecer que aquela plantação realizada pelo candidato dissidente não traria bons frutos, pois da tal planta brotariam apenas punhaes, em referência às discordâncias e traições no meio político.

O MALHO

Rio de Janeiro, 22 de Outubro de 1921. ANNO XX — N. 997

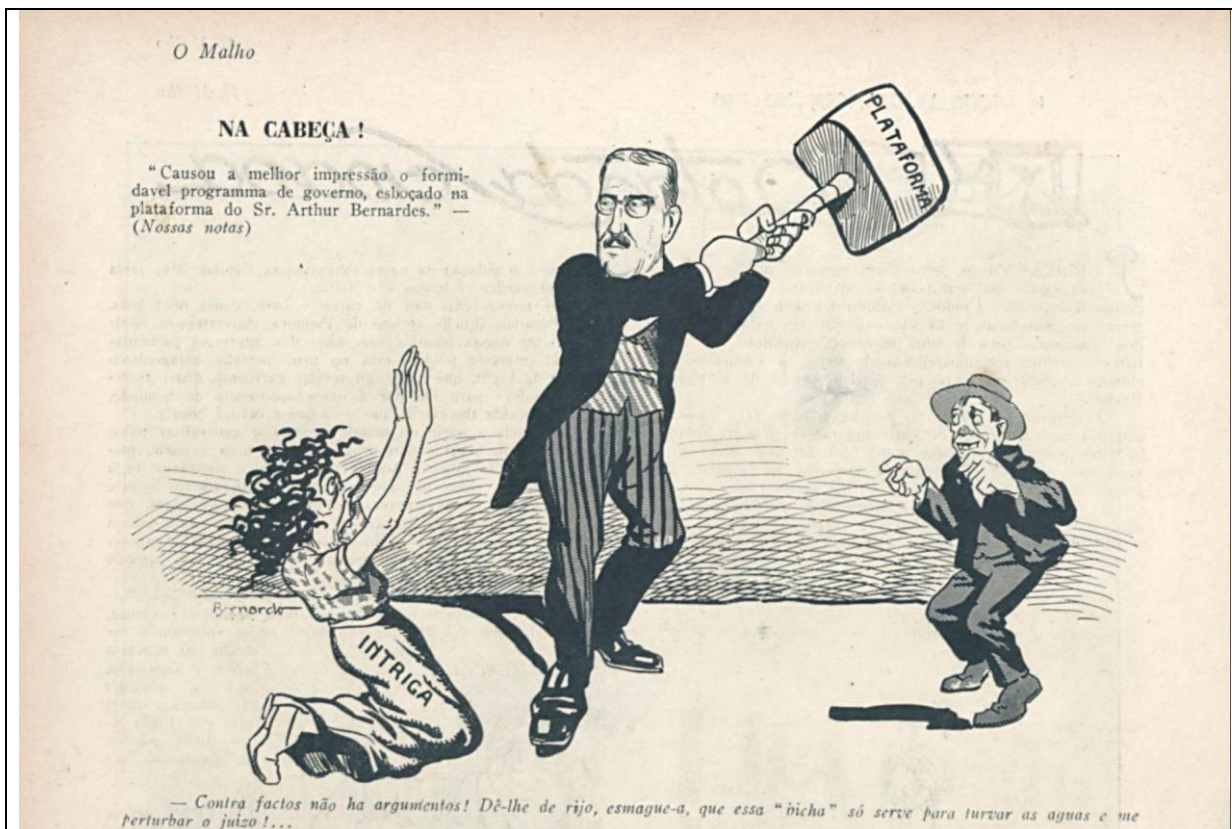
O CASO DA CARTA FALSA

Zé — Ora, ahi está o que você arranjou! Sabiu-lhe o tiro pela culatra!...

PREÇOS
NO RIO 400 réis
NOS ESTADOS . . . 500 réis

O MALHO. Rio de Janeiro, 22 out. 1921. O pivô do descontentamento militar para com a candidatura Artur Bernardes, que ficaria conhecido como o episódio das cartas falsas, foi desmentido pelo semanário que em sua capa representava tal correspondência como um enorme canhão disparado por Nilo Peçanha em direção a Bernardes, mas, conforme avisava o Zé Povo, o tiro teria saído pela culatra, trazendo a explosão que destruiu o lado da trincheira ocupado por Peçanha.

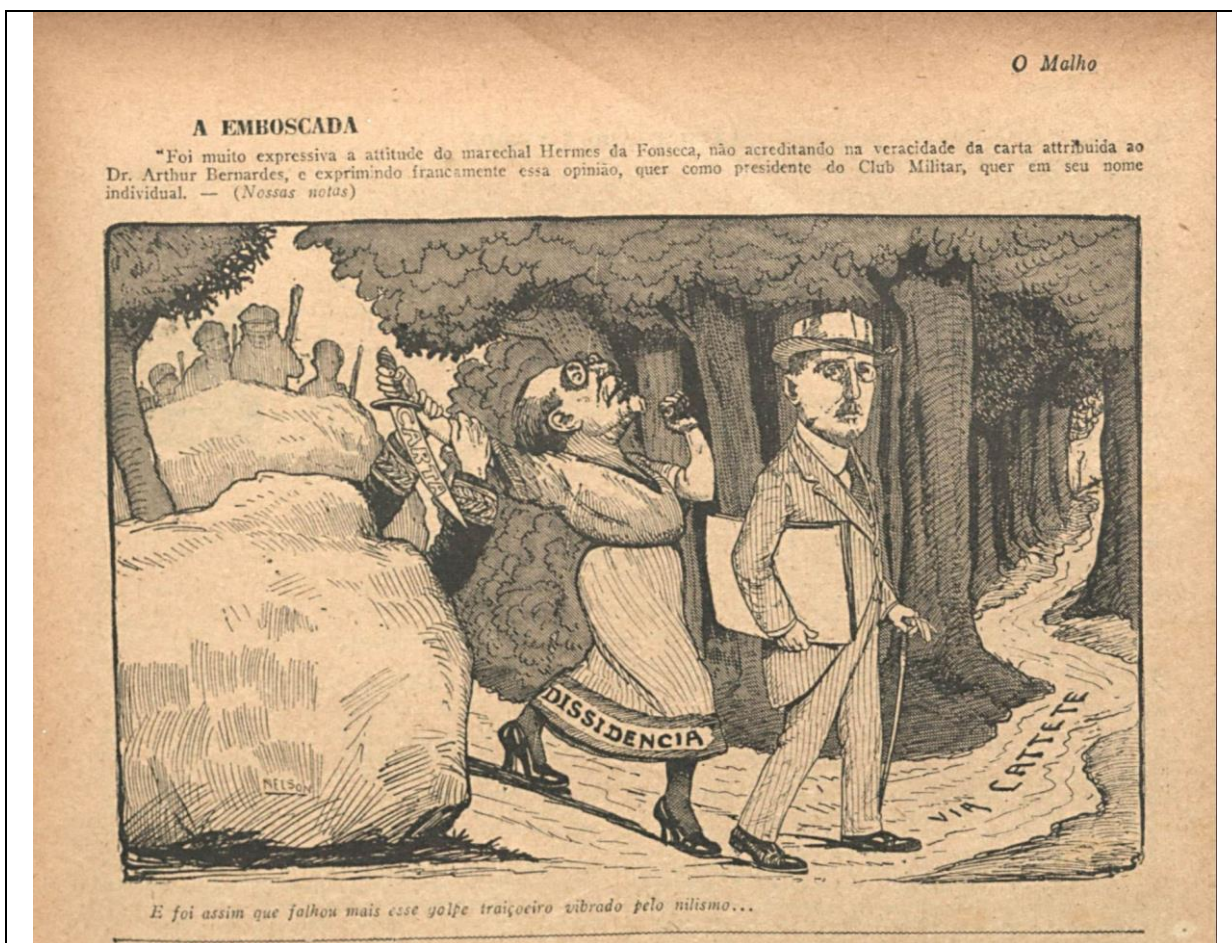




O MALHO. Rio de Janeiro, 22 out. 1921. A mulher que designava a “intriga”, presente na caricatura anterior, voltava a figurar, como a implorar pelo perdão de Artur Bernardes, que se preparava para aniquilá-la como uma marreta que representava sua “plataforma” de governo, a qual teria causado “a melhor impressão”, sendo o político incentivado pelo popular, que, ao considerar que os argumentos não teriam condições de sobrepujar os fatos, estimulava o candidato mineiro a completar sua ação, esmagando a tal figura feminina.



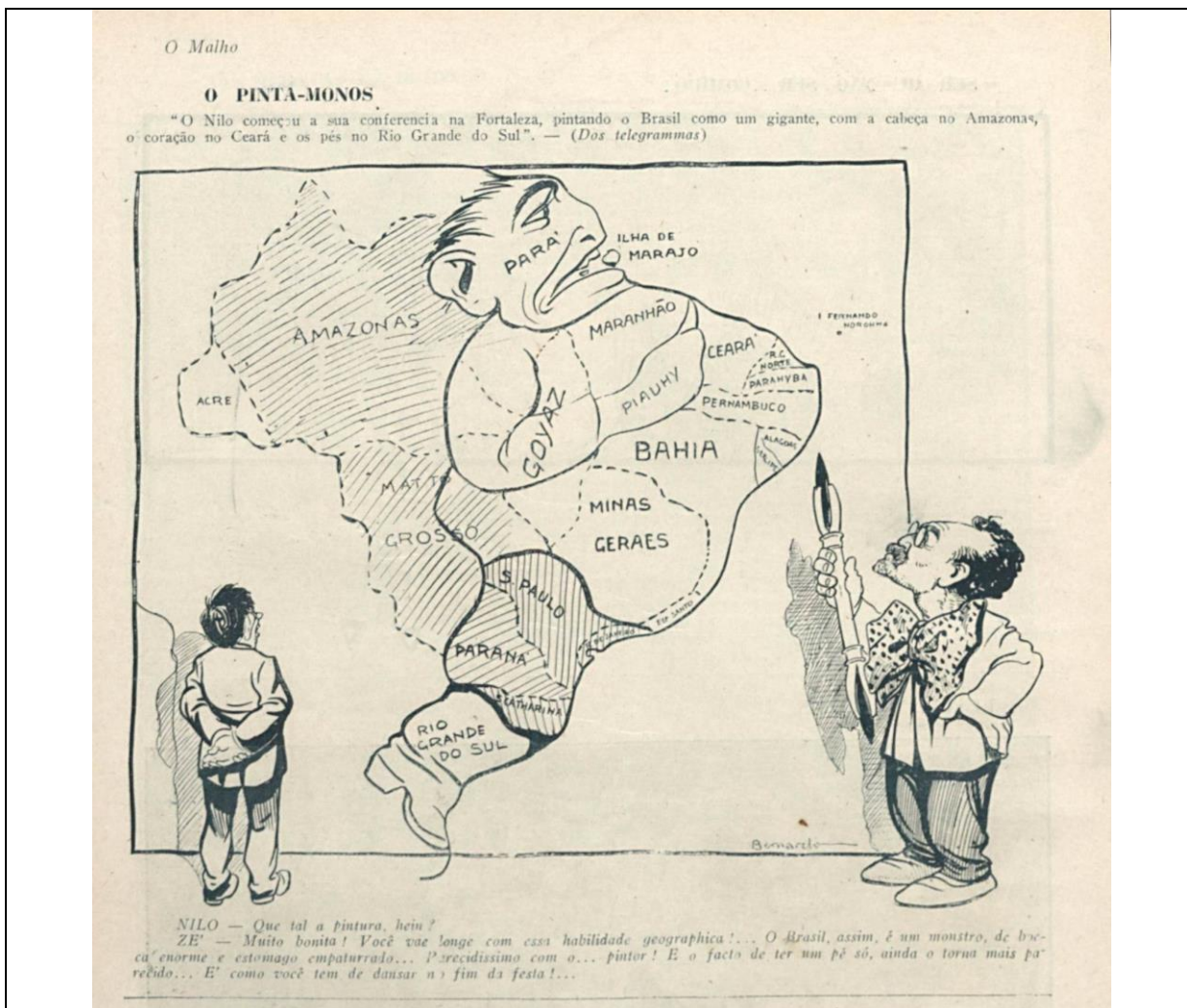
O MALHO. Rio de Janeiro, 22 out. 1921. A plataforma governamental de Bernardes foi também representada por uma alegoria feminina, que se apresentava em um palco, contando com o aplauso geral dos aliados, em um quadro pelo qual, o Zé Povo também aplaudia, com a ressalva de que desejava não estar sendo mais uma vez enganado.



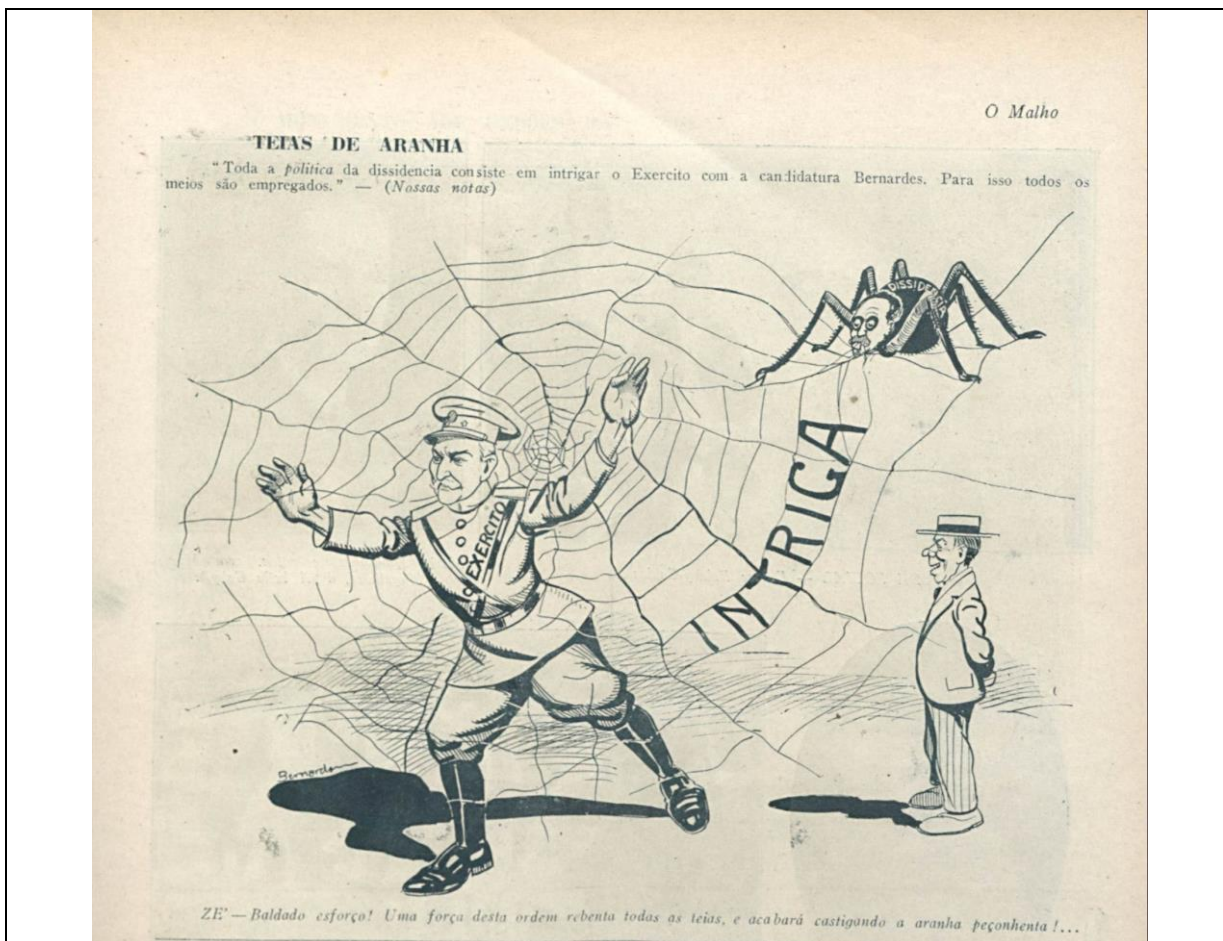
O MALHO. Rio de Janeiro, 22 out. 1921. Diante da nota segundo a qual Hermes da Fonseca não teria dado crédito às cartas falsas, no caminho que levava ao Catete, Nilo Peçanha, mais uma vez desprestigiado, ao aparecer vestido de mulher, tinha o punhal da “carta” contido pelas mãos do militar, enquanto Artur Bernardes prosseguia tranquilamente, levando seu programa de governo embaixo do braço.



O MALHO. Rio de Janeiro, 29 out. 1921. A “plataforma” de Bernardes tinha mais uma vez destaque, desta vez na forma de uma espada, com a qual ele atacava o dragão de sete cabeças da “dissidência”, uma delas representando o próprio Nilo Peçanha, enquanto outras simbolizavam males como a inveja, o despeito, a intriga, a infâmia, a calúnia e a chantagem. A atitude contava com o apoio do Zé Povo, ao destacar que o monstro apocalíptico estaria caindo porque a lâmina era de qualidade e o pulso era forte.




O MALHO. Rio de Janeiro, 29 out. 1921. Considerado como um pintor pouco hábil, Nilo Peçanha era criticado por ter desenhado o mapa do Brasil como se fosse um gigante, surgindo a figura do Zé Povo para apontar todos os erros cometidos pelo pinta-monos.



O MALHO. Rio de Janeiro, 29 out. 1921. A ação da dissidência de intrigar o candidato oficial com os militares era apresentada com Nilo Peçanha transmutado em uma aranha que tecia uma teia de intrigas, diante do que havia a esperança do Zé Povo de que a força do exército iria romper com aquela teia e castigaria aquela "aranha peçonhenta", fazendo referência à peçonha do animal e ao sobrenome do dissidente.

O MALHO
Rio de Janeiro, 5 de Novembro de 1921 ANNO XX — N. 999



A PRIMEIRA SAUDAÇÃO
Numa entrevista, ha dias publicada, o assassino Manoel de Paiva deu a entender claramente que assassinara o senador Pinheiro Machado, suggestionado por donheras que tivera com o Sr. Nilo Peçanha. Essa entrevista causou grande sensação.

NILO (DE VOLTA DA SUA EXCURSÃO AO NORTE) — Que horror!... Até o Pão d'Assucar me parece aquelle fantasma!!!...

PREÇOS
NO RIO : 400 réis
NOS ESTADOS : 500 réis

O MALHO. Rio de Janeiro, 5 nov. 1921. Frente a suspeitas de que Nilo Peçanha tivera envolvimento no assassinato do senador gaúcho José Gomes Pinheiro Machado, ocorrido em 1915, o retorno do candidato à Presidência pela Reação Republicana de sua excursão ao Norte, com a chegada ao Rio de Janeiro, teria sido marcado pelo horror, uma vez que chegara a ver na montanha conhecida como Pão de Açúcar a efígie do político sul-rio-grandense morto.



O MALHO. Rio de Janeiro, 5 nov. 1921. A recepção pela volta de Nilo Peçanha ao Rio de Janeiro foi representada pelo hebdomadário humorístico como tendo uma impressão funesta, com seus apoiadores de luto e o transporte providenciado em um carro fúnebre, enquanto o Zé Povo carregava uma "grinalda de arroz", em lembrança dos malfeitos administrativos que Peçanha teria cometido na região fluminense de Pendotiba.

O Malho

A RECEPÇÃO DE MINAS AO FILHO DILECTO



ARTHUR BERNARDES (ao regressar do Rio) — Eis-me de volta! Cumprir o meu dever, sempre com os olhos em ti e reconfortado por ti!

MINAS — Pois continúa a cumpril-o! Ter-me-ás sempre a teu lado!

JECA — Assim é que é! Barulho de sapo não vale nada...

O MALHO. Rio de Janeiro, 5 nov. 1921. Por outro lado, o retorno de Artur Bernardes para Minas Gerais era apresentado como de grande entusiasmo, com recepção de uma multidão e da figura feminina de Minas, que se formava a partir das rochas montanhosas e abraçava o candidato mineiro, cena que era observada com ciúme por parte dos "sapos" da dissidência, havendo ainda o aviso do Jeca de que o "barulho" daqueles animais não teria nenhum valor.

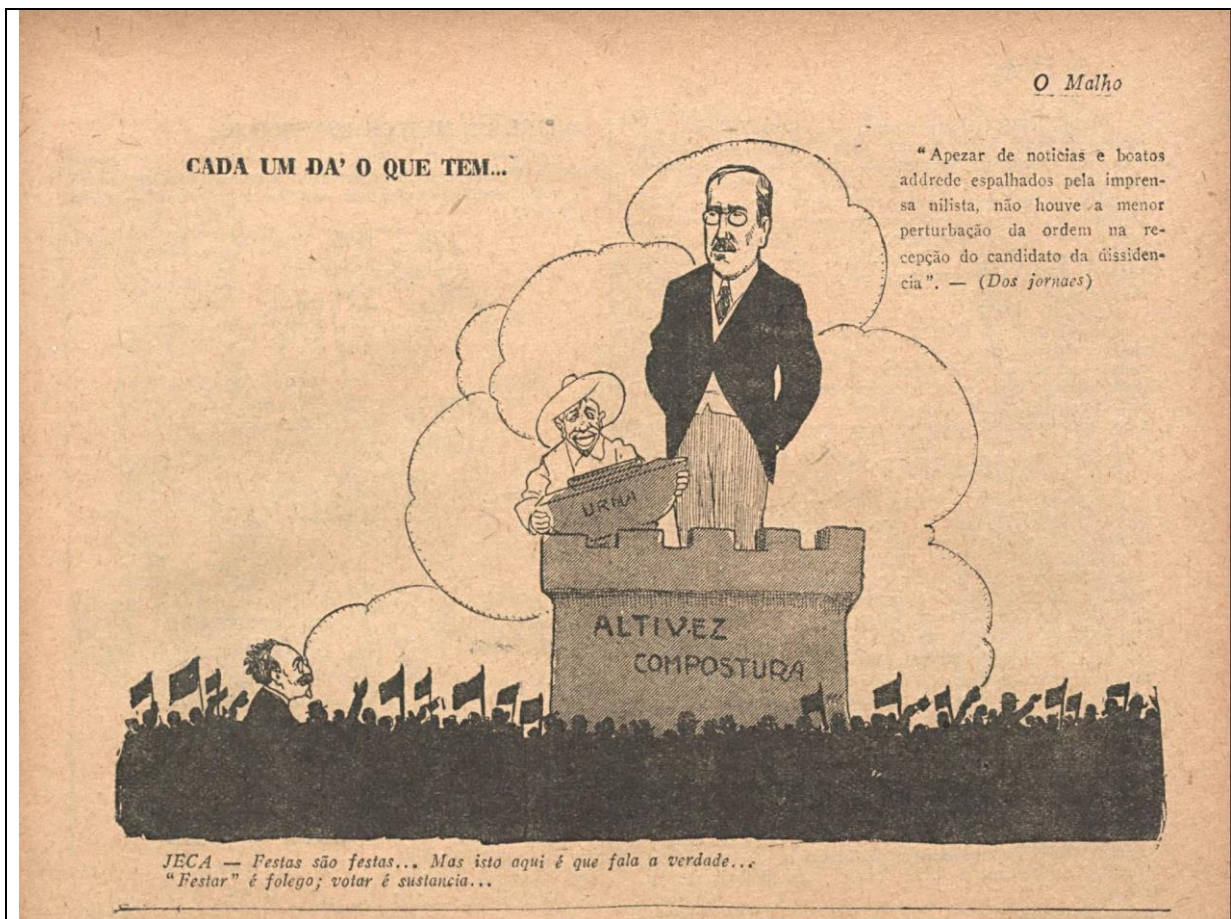


O MALHO. Rio de Janeiro, 12 nov. 1921. O sentido da caricatura anterior voltava na capa de *O Malho*, ao mostrar mais uma vez a dama que designava Minas Gerais utilizando-se de um bastão, no qual aparecia a inscrição da bandeira mineira, para defender Artur Bernardes de um pequeno cão que representava a dissidência, ocorrendo também a presença do Jeca, para o qual não haveria razão para preocupação, uma vez que "cão que ladra não morde".





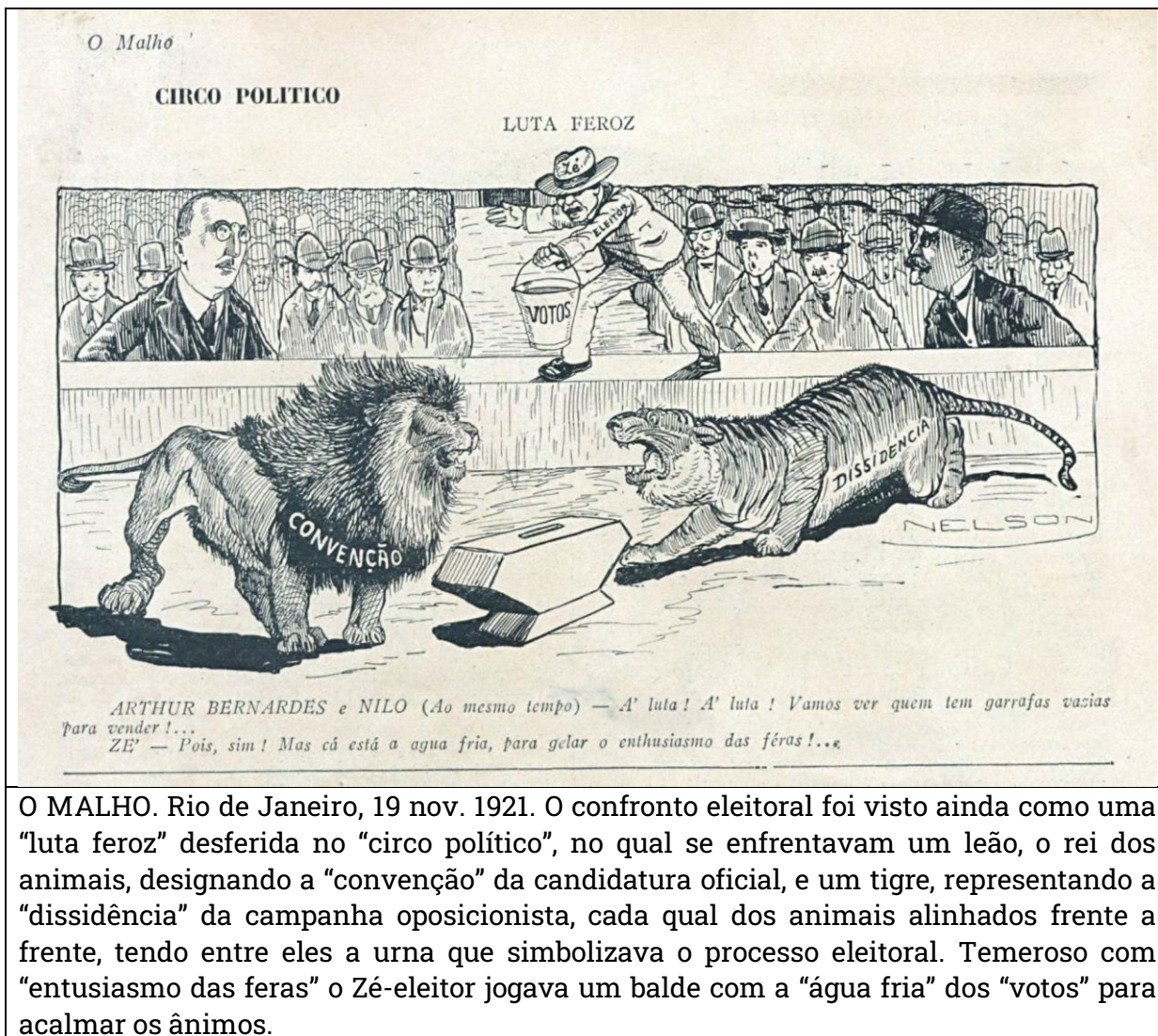




O MALHO. Rio de Janeiro, 12 nov. 1921. A respeito dos festejos dedicados aos candidatos em campanha, a publicação ilustrava mostrava Artur Bernardes como um gigante, que ficava no alto de uma torre de castelo identificada com as qualidades da “altivez” e da “compostura”, ao passo que Nilo Peçanha surgia em tamanho significativamente menor, perdendo-se em meio à multidão, enquanto o Jeca, com uma urna na mão, dizia que as festas seriam relevantes, mas que o fator decisivo era o voto.



O MALHO. Rio de Janeiro, 19 nov. 1921. Frente a um discurso proferido por Rui Barbosa quase um quarto de século antes, Nilo Peçanha se mostrava agraciado, considerando que os pontos ali apontados poderiam servir para afiançar a sua campanha, mas era desiludido pelo Zé Povo, segundo o qual aquelas “carapuças proféticas” não serviriam para o candidato dissidente.



O MALHO. Rio de Janeiro, 19 nov. 1921. O confronto eleitoral foi visto ainda como uma “luta feroz” desferida no “circo político”, no qual se enfrentavam um leão, o rei dos animais, designando a “convenção” da candidatura oficial, e um tigre, representando a “dissidência” da campanha oposicionista, cada qual dos animais alinhados frente a frente, tendo entre eles a urna que simbolizava o processo eleitoral. Temeroso com “entusiasmo das feras” o Zé-eleitor jogava um balde com a “água fria” dos “votos” para acalmar os ânimos.



O MALHO. Rio de Janeiro, 19 nov. 1921. O discurso do deputado mineiro Francisco de Campos Valadares acerca da derrota da dissidência, era explicado ao Zé Povo pelo também deputado e mineiro Júlio Bueno Brandão de que Nilo Peçanha estava vendo cada vez mais longe o Palácio do Catete por estar usando uma luneta de modo invertido, em alusão a uma suposta incapacidade política do candidato opositor..

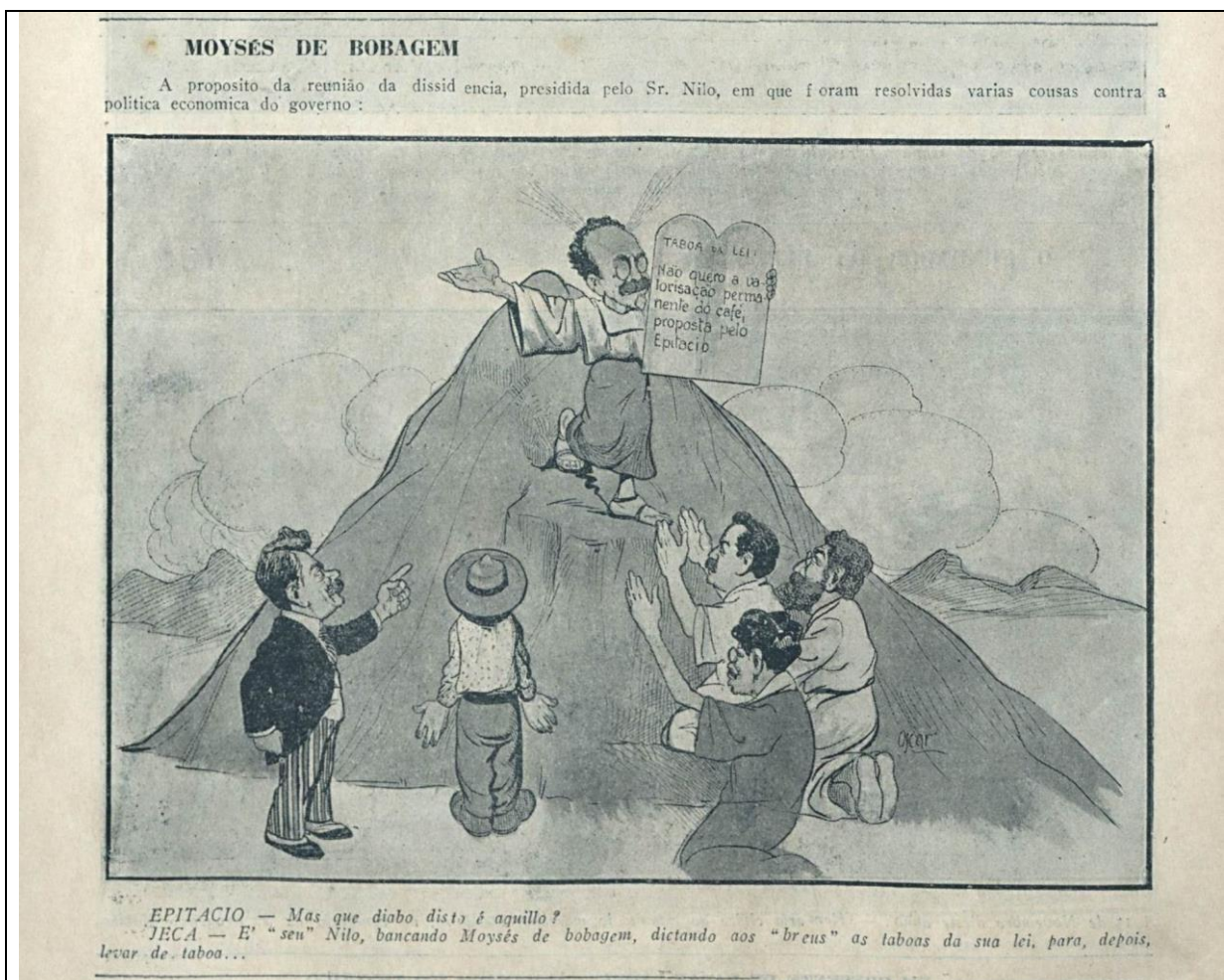


O MALHO. Rio de Janeiro, 26 nov. 1921. A disputa eleitoral foi também representada como um jogo de cartas, na qual Nilo Peçanha tinha por trunfo a moção do Clube Militar, vinculada ao episódio das cartas falsas, ao passo que o trunfo de Artur Bernardes era a carta que demonstrava o apoio do conjunto do exército, com a qual se considerava vencedor a partir daquela "última cartada", em constatação que contava com a aquiescência do Jeca, que elogiava a categoria do mineiro.

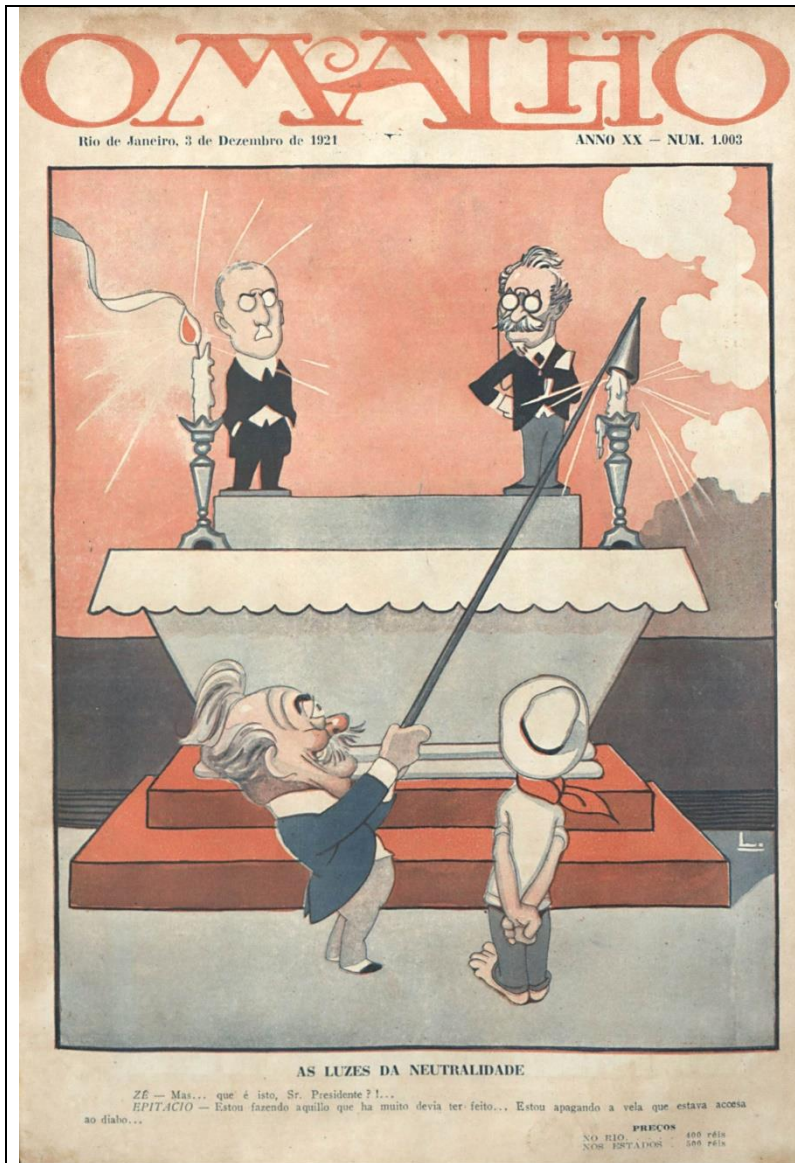


O MALHO. Rio de Janeiro, 26 nov. 1921 Quanto às “grandes cavações” dos dissidentes nas finanças estaduais, em sentido de um meio ilícito de obter vantagens ou proventos pecuniários e de um negócio ilegal, um arranjo ou um esquema, o Zé Povo alertava-os que, com aquele tipo de atitude, estariam comprometendo a estrutura das casas que representavam os Estados de Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro.





O MALHO. Rio de Janeiro, 26 nov. 1921. Nilo Peçanha chegava a ser comparado a um "Moisés de bobagem", que pregava o fim da política de valorização do café para conquistar mais adeptos, gerando dúvidas para o Presidente Epitácio, enquanto o Jeca o tranquilizava, recomendando que não levasse em conta as ações do dissidente.



O MALHO. Rio de Janeiro, 3 dez. 1921. No altar da pátria, desenhado em forma de urna, encontravam-se os candidatos Artur Bernardes e Nilo Peçanha, cada qual acompanhado por um castiçal com uma vela, e sob a irônica inspiração das “luzes da neutralidade”, Epitácio Pessoa apagava a vela correspondente ao oposicionista, explicando ao Zé Povo que sua atitude era a de apagar a vela que fora “acesa ao diabo”, demonstrando a plena discordância para com a dissidência.

VIGILIAS CIVICAS NO ALTAR... DO BODE PRETO

"O senador Nilo Peçanha vae todas semanas á rua José Bonifacio, em Nictheroy, consultar uma cartomante hespanhola, chamada Graziella". — (Reportagem d'"O Malho")



A CARTOMANTE — Pues es verdad! Las cosas estan ficando pretas...
NILO — Como?! Pois não é certo que eu serei o presidente?...
A CARTOMANTE — Cierito, cierito... solamente la muerte...
ZE' (A'parte) — Até ahí, morreu o Neves...

O MALHO. Rio de Janeiro, 3 dez. 1921. Com a presença de um bode preto, uma coruja e um gato preto, com toda a carga de misticismo e/ou azar que tais animais podem inspirar, Nilo Peçanha visitou uma cartomante para verificar as suas possibilidades de vitória, vindo a receber uma má notícia, perante a qual o Zé Povo, escondido ao fundo da cena, utilizava expressão que demarcava que ele já tinha certeza do que fora previsto.

PONTO FINAL NA BADERNA!

“Continuando as arruaças e conflitos provocados pelos *meetings* pró-isto e pró-aquillo, a policia resolveu, afinal, deitar energia para acabar com essas badernas”. — (*Dos jornaes*)

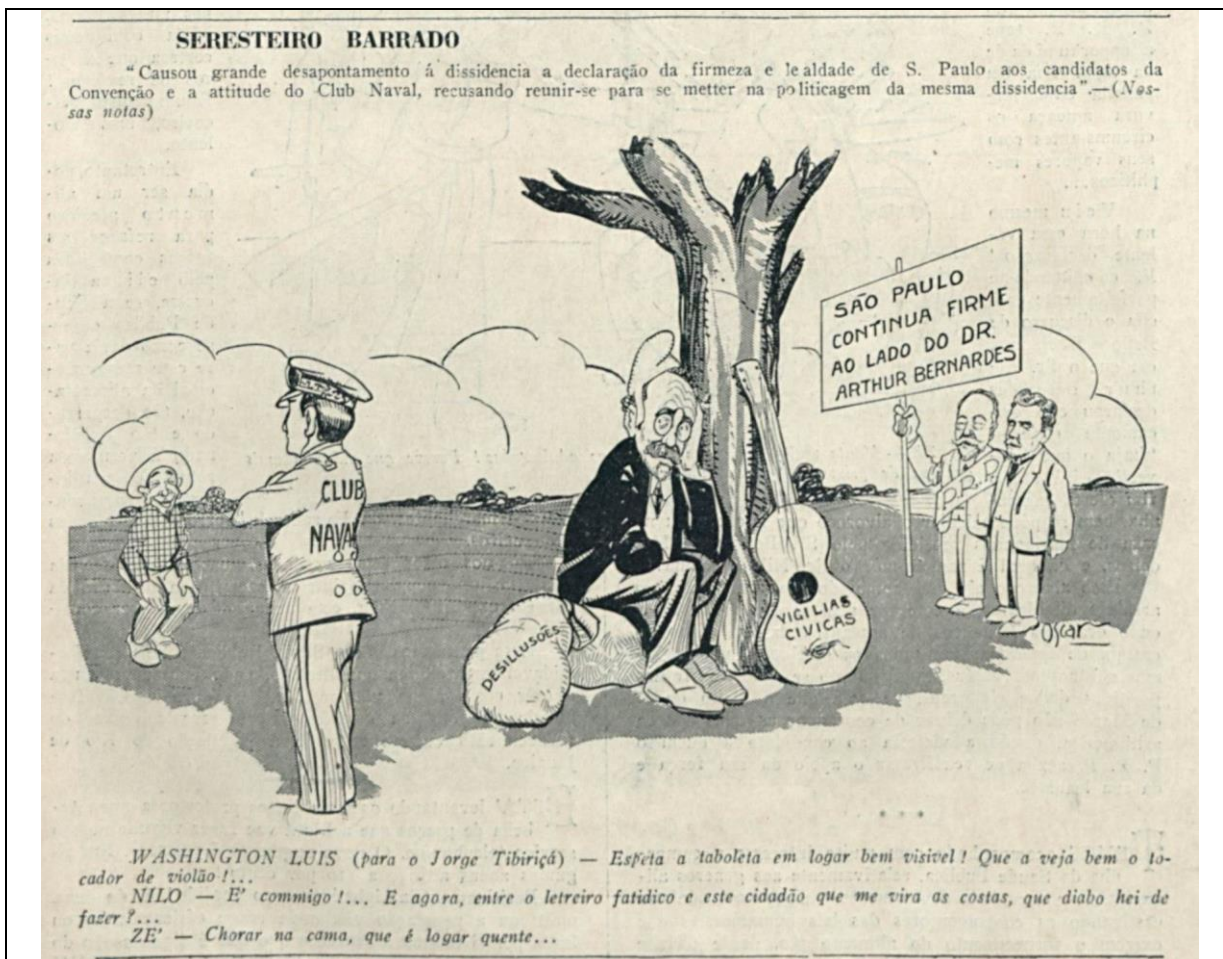


*GEMINIANO e GENERAL PESSOA — Nem mais um passo á frente! Ponto final! Para esse civismo arrua-
ceiro, vêm ahí os quatro dias de... Carnaval!...*

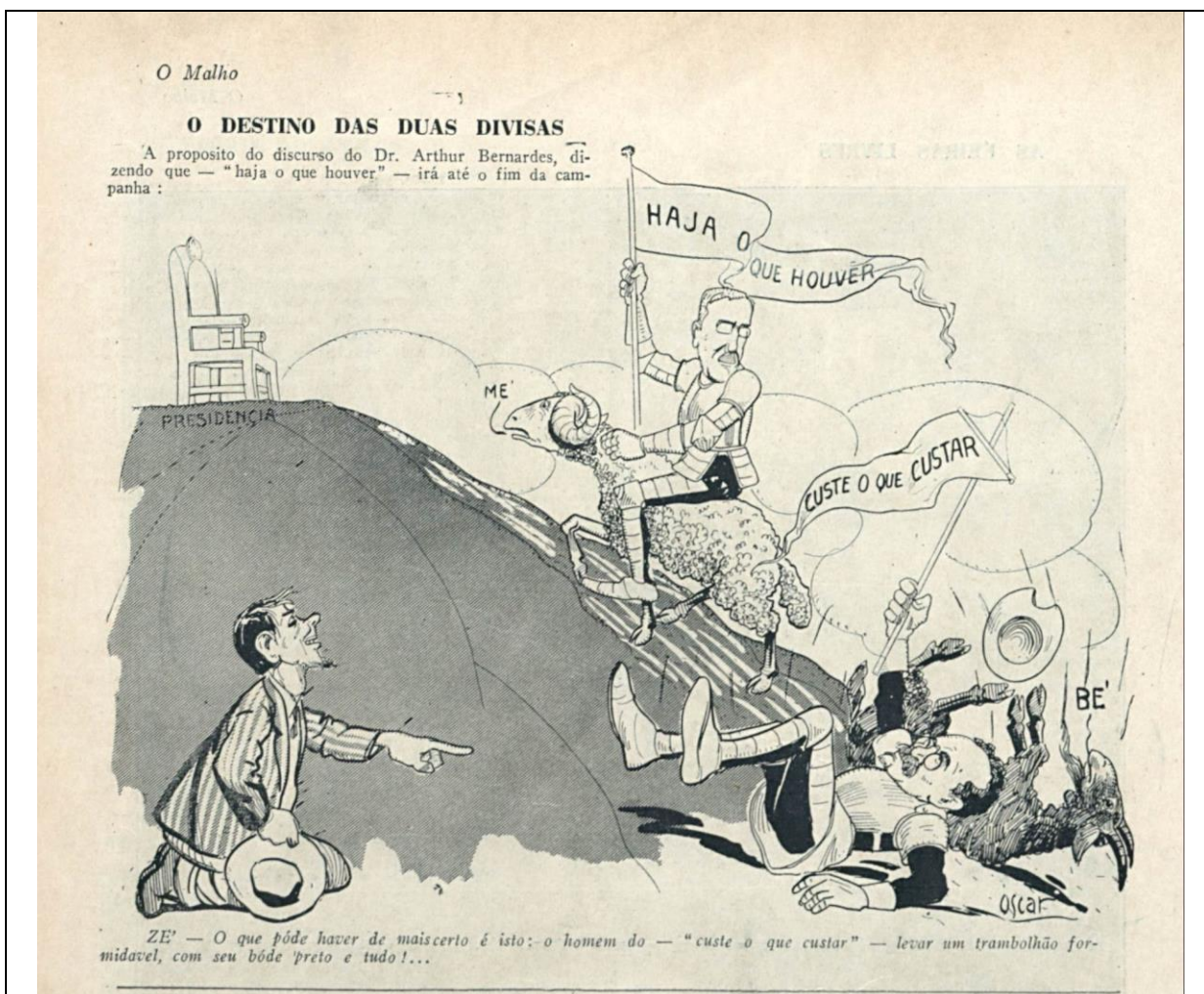
O MALHO. Rio de Janeiro, 3 dez. 1921. Com a agitação da campanha eleitoral, um indivíduo que se propunha a fazer propaganda política era considerado como arruaçeiro e desordeiro, vindo a sofrer a repressão por parte das autoridades policiais civis e militares, que estariam abrindo espaço para outro momento de confusão, com as festividades carnavalescas.



O MALHO. Rio de Janeiro, 10 dez. 1921. Diante das acusações de que os membros da Reação Republicana continuariam em seu intento de aproximarem-se das forças militares para fazer recrudescer seu combate aos governistas, a revista lançava dúvidas se tal frente teria capacidade para tanto. Nesse sentido, apresentava o exército como um leão que guardava a entrada de uma fortaleza identificada com a "defesa da pátria", frente ao qual Nilo Peçanha mostrava-se com profundo medo de avançar, ainda mais com o aviso do Zé Povo, para o qual o político não teria coragem o suficiente para imiscuir o exército em sua "politicagem".



O MALHO. Rio de Janeiro, 10 dez. 1921. Com o barrete frígido referenciando a sua reação “republicana”, Nilo Peçanha, junto da mochila de suas “desilusões” e da viola de suas “vigílias cívicas”, se mostrava devastado pela manutenção do apoio dos paulistas à candidatura oficial e a recusa de militares em participar de sua campanha, tendo ainda de contar com o escárnio por parte do Zé Povo.



O MALHO. Rio de Janeiro, 10 dez. 1921. Como dois cavaleiros medievais, Artur Bernardes cavalgava um carneiro e seguia impávido em direção à cadeira presidencial, enquanto Peçanha caía de seu bode, vendo-se impedido de prosseguir, rindo-se o Zé Povo daquele “trambolhão formidável”.

O MALHO

Rio de Janeiro, 17 de Dezembro de 1921 ANNO XX — NUM. 1.005

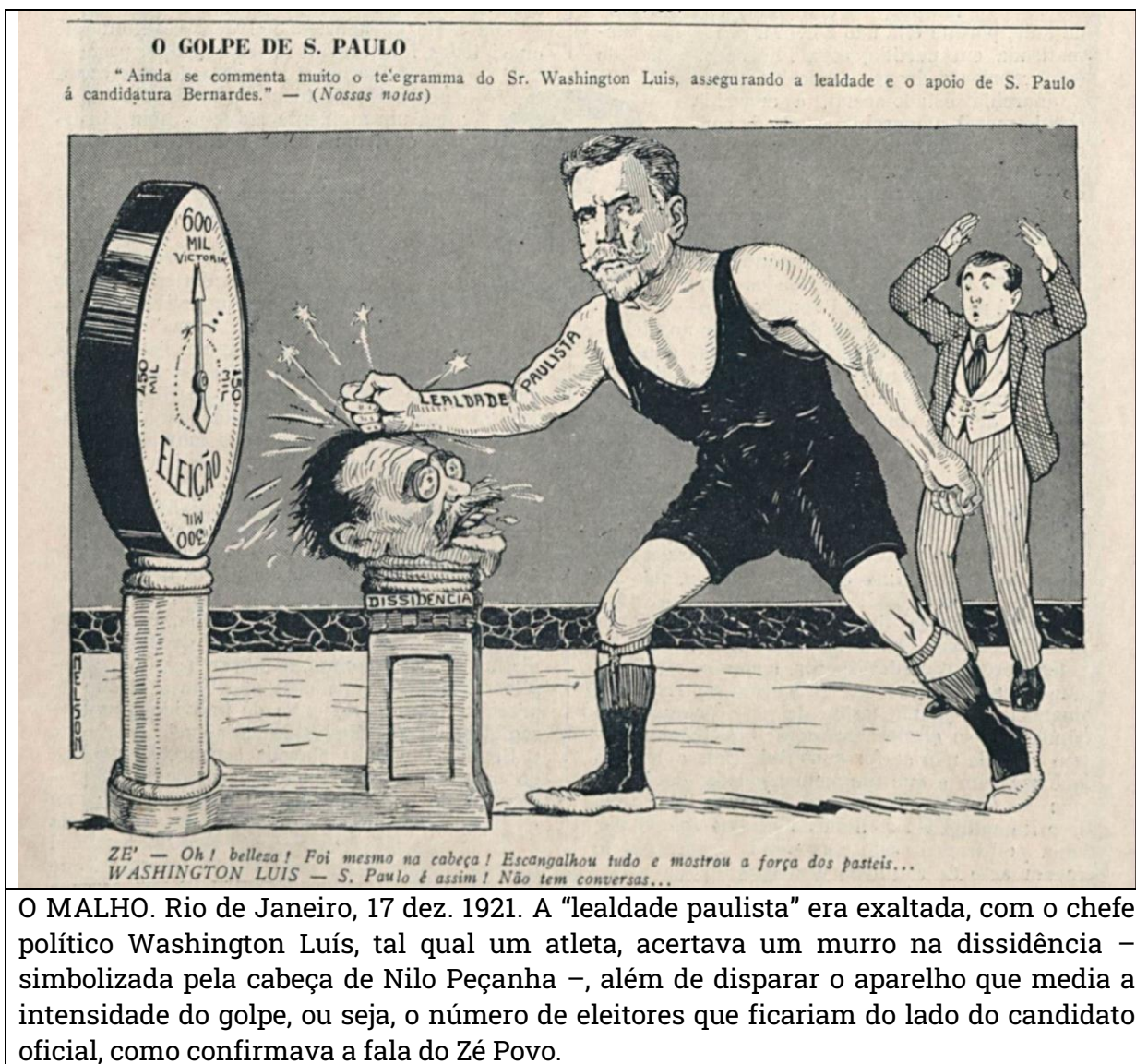


ESPADA DE DAMOCLES

NILO, BORGES DE MEDEIROS, SEABRA e ZÉ BEZERRA — Viva a nossa reacção! Hip! Hip! Hip! Hurrah!...
ZÉ — Pois, sim! Lá está por um fio o tira-eimas... É a espada de Damocles... Não tarda a coftar a cabeça que lhe fica por baixo, e a fazer baixar as outras cabeças!...

PREÇOS
 NO RIO 400 réis
 NOS ESTADOS 500 réis

O MALHO. Rio de Janeiro, 17 dez. 1921. Em mais uma capa do periódico dedicada à campanha presidencial, várias lideranças da Reação Republicana comemoravam em banquete à beira da mesa da "dissidência", fazendo um brinde, enquanto uma espada de Dâmocles — metáfora que designa um perigo iminente ou os riscos associados a uma posição de poder — com a data da eleição de 1º de março, pairava sobre a cabeça de Nilo Peçanha. Prevendo a derrota do opositor, o Zé Povo acreditava que aquela espada serviria para arrancar a cabeça de Nilo, eliminando suas pretensões políticas, enquanto os demais teriam de submeter-se aos vencedores.





O MALHO. Rio de Janeiro, 17 dez. 1921. A possibilidade de militares emitirem manifestações políticas, defendida pelos opositoristas, era desmentida, com um político governista enfiando o código disciplinar do exército goela abaixo de figura feminina que representava a dissidência, havendo ainda a constatação do Zé Povo que os dissidentes não teriam outra alternativa do que engolir aquele argumento.

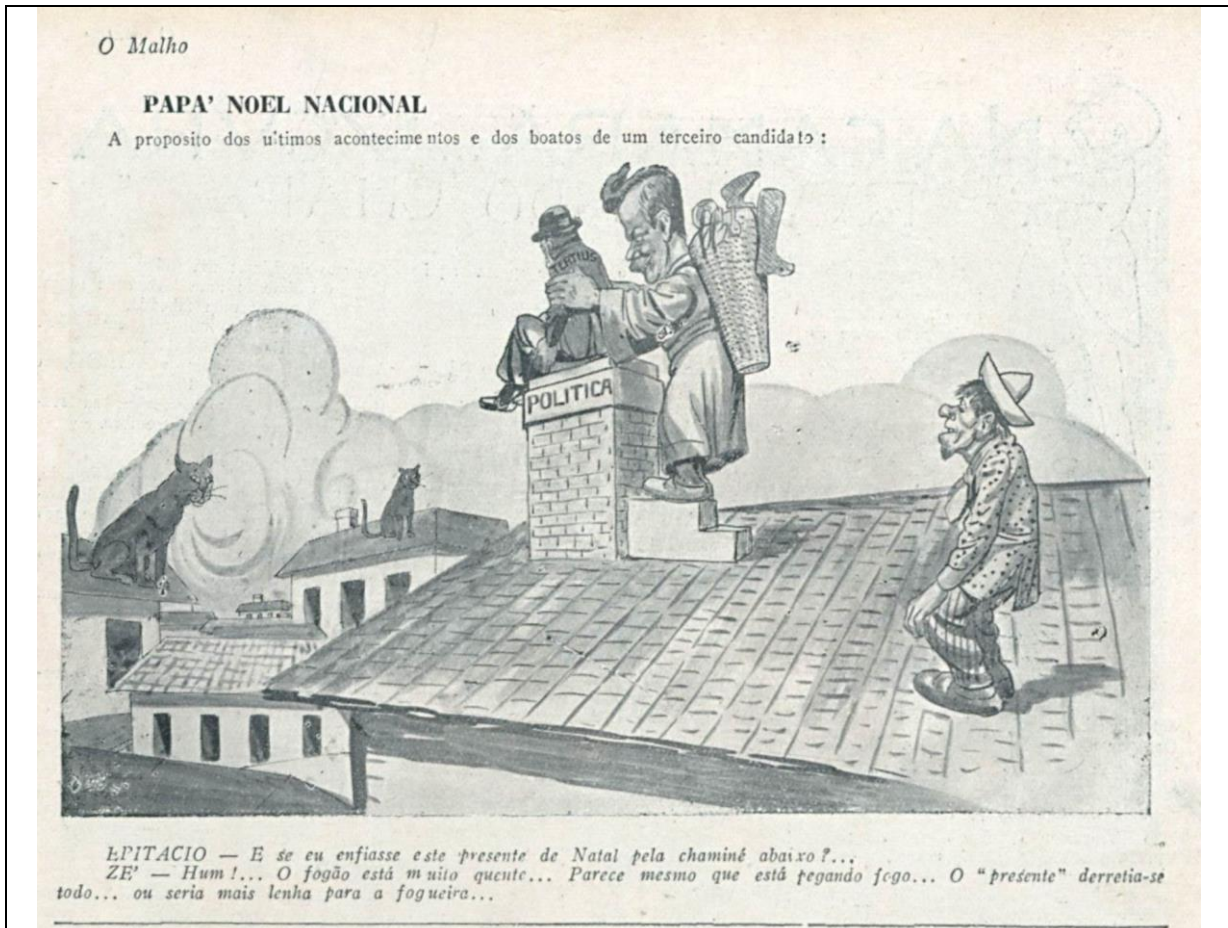
O MALHO
Rio de Janeiro, 24 de Dezembro de 1921 ANNO XX — NUM. 1006

NATAL POLITICO
OS PRESENTES DE BOAS-FESTAS

ARTHUR BERNARDES — Obrigado, Papá Noel! Não esperava outra coisa...
NILO PEÇANHA — Ora... bolas! Até este velho do diabo faz política contra mim!...

PREÇOS
NO RIO 400 réis
NOS ESTADOS 500 réis

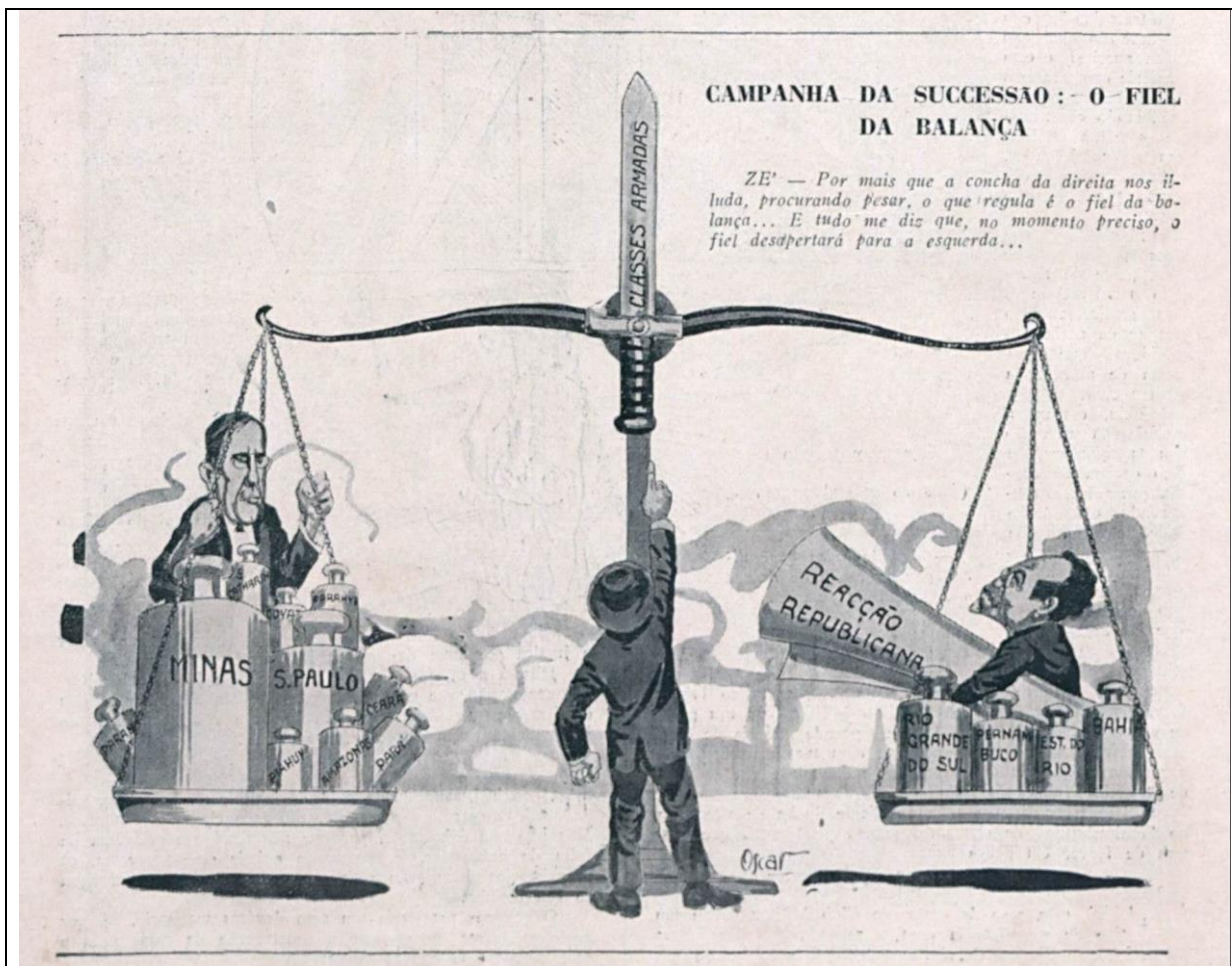
O MALHO. Rio de Janeiro, 24 dez. 1921. Por ocasião das festas natalinas, o Papai Noel deixava presentes para os candidatos à Presidência, de modo que no sapato de Artur Bernardes, identificado com a “convenção”, deixava o bastão que representava a vitória eleitoral do mineiro; ao passo que, na botina de Nilo Peçanha, associada à dissidência, o “bom velhinho” colocava um osso, associado ao ostracismo político que o candidato oposicionista viria a sofrer após a sua derrota nas urnas. Enquanto o primeiro agradecia, o outro esbravejava contra aquele “velho do diabo” que também estaria a fazer “política contra” o dissidente.



O MALHO. Rio de Janeiro, 24 dez. 1921. A respeito dos boatos em torno de um "tertius", ou seja um terceiro nome como candidato à Presidência, o semanário colocava Epitácio Pessoa no papel de Papai Noel, buscando colocar aquele que seria o candidato extra na disputa na chaminé da "política", frente ao que o Zé Povo alertava que tal indivíduo poderia ter o azar de enfrentar o fogo abaixo da chaminé, com o agravamento da "fogueira" de agitações, que marcava a vida nacional.



O MALHO. Rio de Janeiro, 31 dez. 1921. Na última edição de 1921, era apresentada na capa do periódico a tradicional passagem do ano, na qual o “novo”, simbolizado por uma criança exortava a “megera” da “política” que deixasse o “velho” – designado por um ancião desfalecido que perdera sua trouxa de “roupa suja”, em relação aos malfeitos realizados nos últimos trezentos e sessenta e cinco dias” – viesse a “morrer tranquilo”, aliviando a carga de problemas que carregava, inclusive aqueles oriundos da disputa eleitoral.

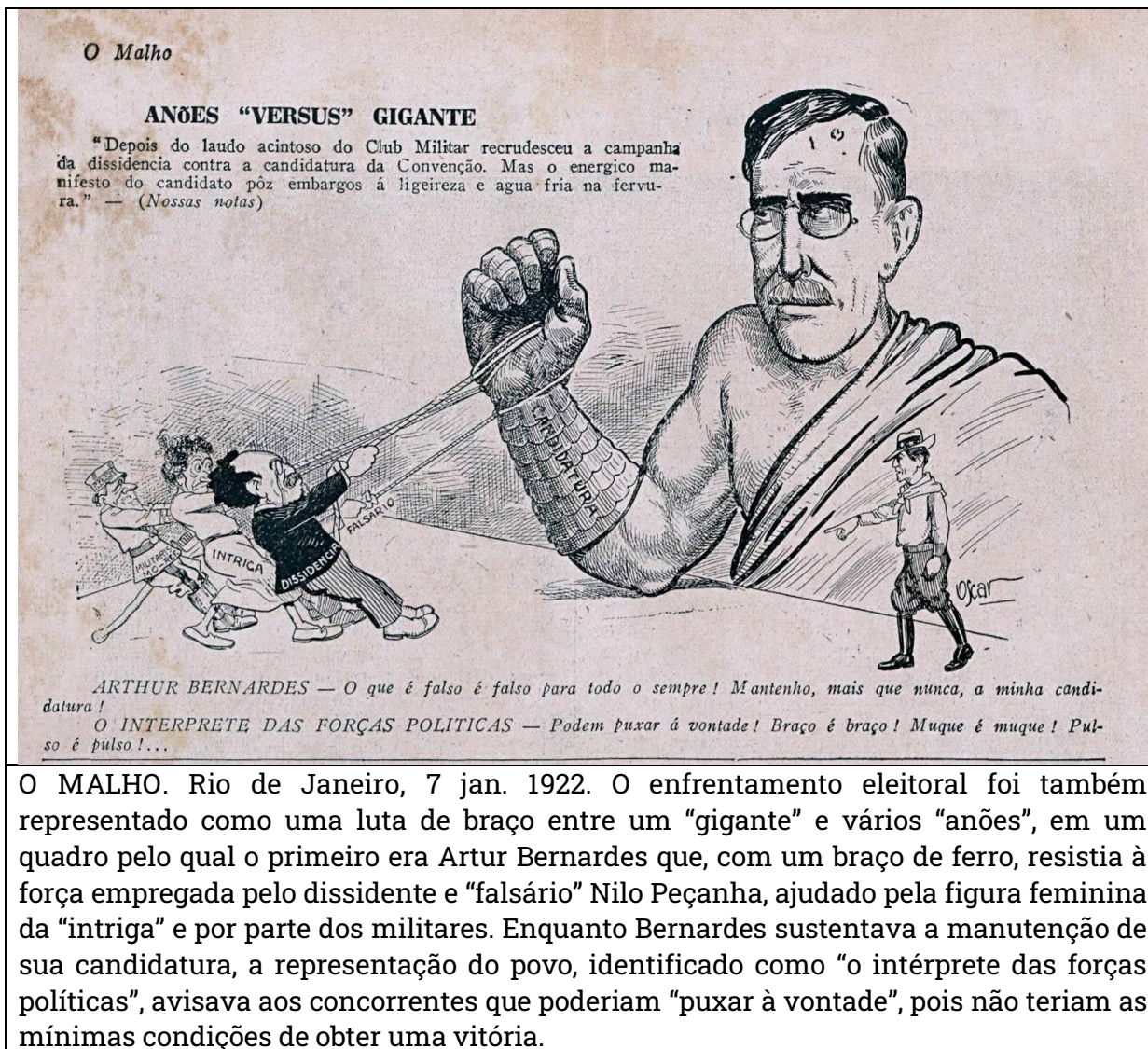


O MALHO. Rio de Janeiro, 31 dez. 1921. Na “balança” da disputa política, com cada candidato levando o peso dos Estados que lhe apoiavam, o Zé Povo conjeturava que o “fiel” seria representado pelas forças armadas, que, segundo, ele tenderiam a pender para o lado de Artur Bernardes.

A CAMPANHA PRESIDENCIAL DE 1921-1922 NAS CARICATURAS DE O MALHO



O MALHO. Rio de Janeiro, 31 dez. 1921. Em tom de conclamação patriótica textual e iconográfica, o hebdomadário mostrava a dama republicana – sustentando a Bandeira do Brasil, em sinal da nacionalidade, tendo à frente a criança que anunciava o ano vindouro e, ao fundo, os projetos que marcavam os festejos do centenário da independência brasileira – que enaltecia aquelas comemorações da passagem de um século que serviriam como oportunidade para que o país mostrasse sua grandeza ao mundo, embora lamentasse que a “presunção” e a “ambição” dos dissidentes poderia ofuscar tais festejos, diante do que exortava os representantes das forças armadas a fazerem “triumfar a ordem e o progresso”.



O MALHO
Rio de Janeiro, 14 de Janeiro de 1922 ANNO XXI — N. 1009



OS DOIS "ARTISTAS" E SEUS PRECIOSOS INSTRUMENTOS

NILO — Seabra, velho! Podemos partir para o Sul? O realejo está afinado...
ZÉ — E o pandeiro para o moçoço está pronto...
SEABRA — Pandeiro, não! Isto é a peneira para tapar o Sol...

PREÇOS
NO RIO . . . 400 réis
NOS ESTADOS . . . 300 réis

O MALHO. Rio de Janeiro, 14 jan. 1922. A intenção da revista de deslegitimar a Reação Republicana ficava expressa em mais uma capa, na qual os candidatos à Presidente e Vice da chapa oposicionista apareciam como "artistas" que preparavam seus "preciosos instrumentos" para apresentar-se no Sul do país. Enquanto Nilo dava manivela em seu realejo, o Zé Povo sugeria que J. J. Seabra estaria usando um pandeiro, sendo corrigido por tratar-se de uma "peneira para tapar o sol", expressão popular que alude a tentar esconder algo que é evidente, ou mesmo negar/ocultar, sem sucesso, uma evidência, exaltando, portanto, o que seria a falsidade dos dissidentes.

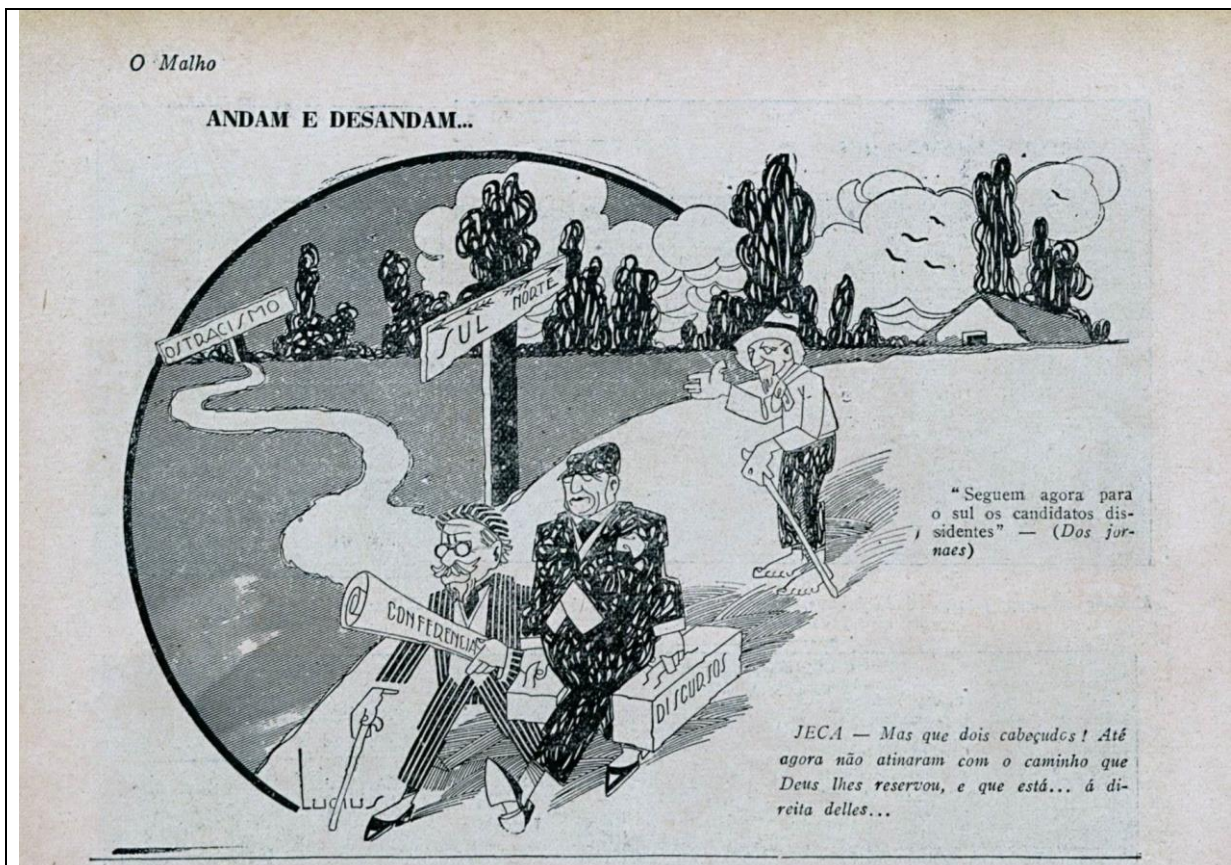
SERIEIA DE BOBAGEM. CONSELHO OPPORTUNO

“Tendo por base o laudo suspeito do Club Militar, continúa a exploração da dissidencia em torno das classes armadas”. — (Dos jornaes)



ZE' — Pôdes cantar á vontade, serieia de uma figa! Teu canto não entôa... Apenas embasbaca os gury's e os invalidos das armas... Eu fico com os que se afastam de ti... E onde eu estiver, ah! é que está a victoria... Convince-te disso, e mergulha... com uma pedra no pescoço!...

O MALHO. Rio de Janeiro, 14 jan. 1922. Sobre a continuidade da tentativa dos dissidentes que contarem com o apoio dos militares, ao menos do tenente, para a sua causa, o periódico desenhou Nilo Peçanha como uma sereia que, no mar da política, buscava enganar os jovens oficiais, aparecendo o Zé Povo para demarcar que tal atitude viria a ser inócua.



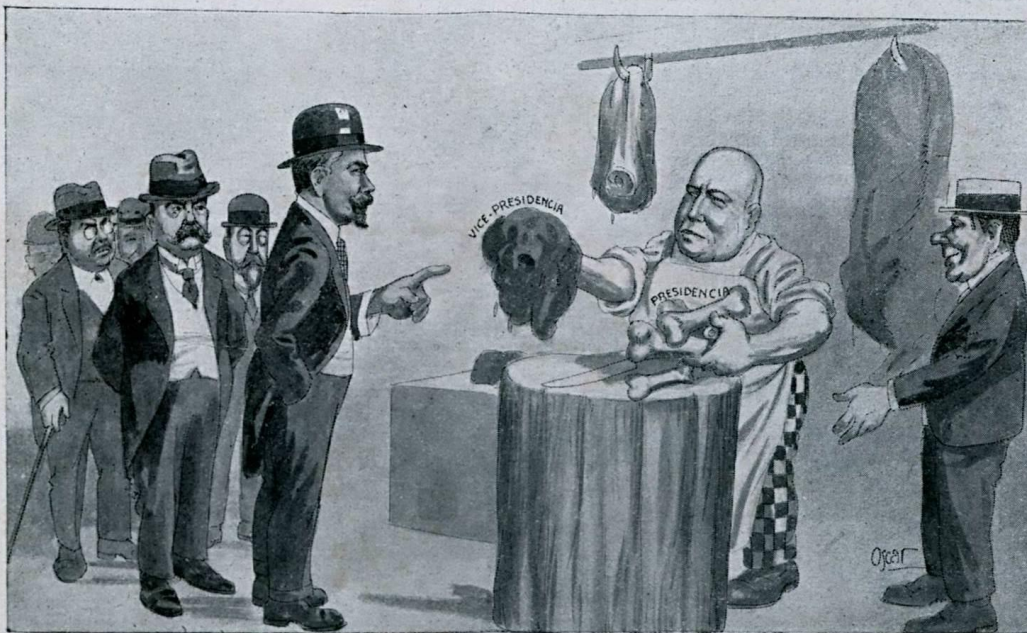
O MALHO. Rio de Janeiro, 14 jan. 1922. A outra representação do povo, o Jeca, surgia em meio à estrada que os dissidentes, carregando suas conferências e discursos, seguiam em direção ao Sul, afirmando que eles estavam a errar o caminho, pois deveriam seguir por um outro, alternativo, que lhes fora divinamente reservado, tendo por destino o ostracismo, em relação ao afastamento da vida política que tantas vezes previra para as dissidências oligárquicas, uma vez derrotadas.



O MALHO. Rio de Janeiro, 21 jan. 1922. O tema do deslocamento da dissidência para realizar campanha no Sul prosseguia, com a chegada de J. J. Seabra, apresentado como um “mascate político”, ou ainda como um “turco das bugigangas”, ou seja, um comerciante que negociava com produtos inúteis. Ao ser avistado pelos Presidentes dos Estados do Paraná e de São Paulo, os mesmos demarcavam certa ojeriza com aquela presença, imaginando que seria melhor que ele trouxesse, no lugar de suas quinquilharias, instrumentos úteis para a agricultura, ao que retorquia o Zé Povo, lembrando que os dissidentes preferiam a cavação, ou seja, utilizavam-se de ações ilícitas para obter algum tipo de vantagem.

AÇOUGUE AMBULANTE...

O Dr. J. J. Seabra anda a fazer conferencias pró-Nilo-Seabra no Estado de S. Pau'ó.



SEABRA — *Chega, freguesia! Senhores! Puro filé da Reação Democrática...*
WASHINGTON LUIS — *Não duvido, mas já está muito "passado"...*
ALVARO DE CARVALHO, CARLOS DE CAMPOS e TYBIRIÇA' — *Além disso, o contrapeso do Nilo torna o filé inaceitável...*
ZE' — *Ouvii, mestre Seabra? Você escangalha o seu "negocio" com os ossos... do officio! E' um osso impossível de roer...*

O MALHO. Rio de Janeiro, 21 jan. 1922. Ainda por ocasião de sua viagem, J. J. Seabra era apresentado como um açougueiro que tentava vender o "puro filé" de sua frente dissidente, comentando os "fregueses" apoiadores do candidato situacionista, que a tal carne estaria "muito passada", além do que o "contrapeso do Nilo" tornava a compara inaceitável. Diante da situação, o Zé Povo argumentava que o político baiano estaria estragando "o seu 'negócio'", ao tentar defender a Reação Republicana.



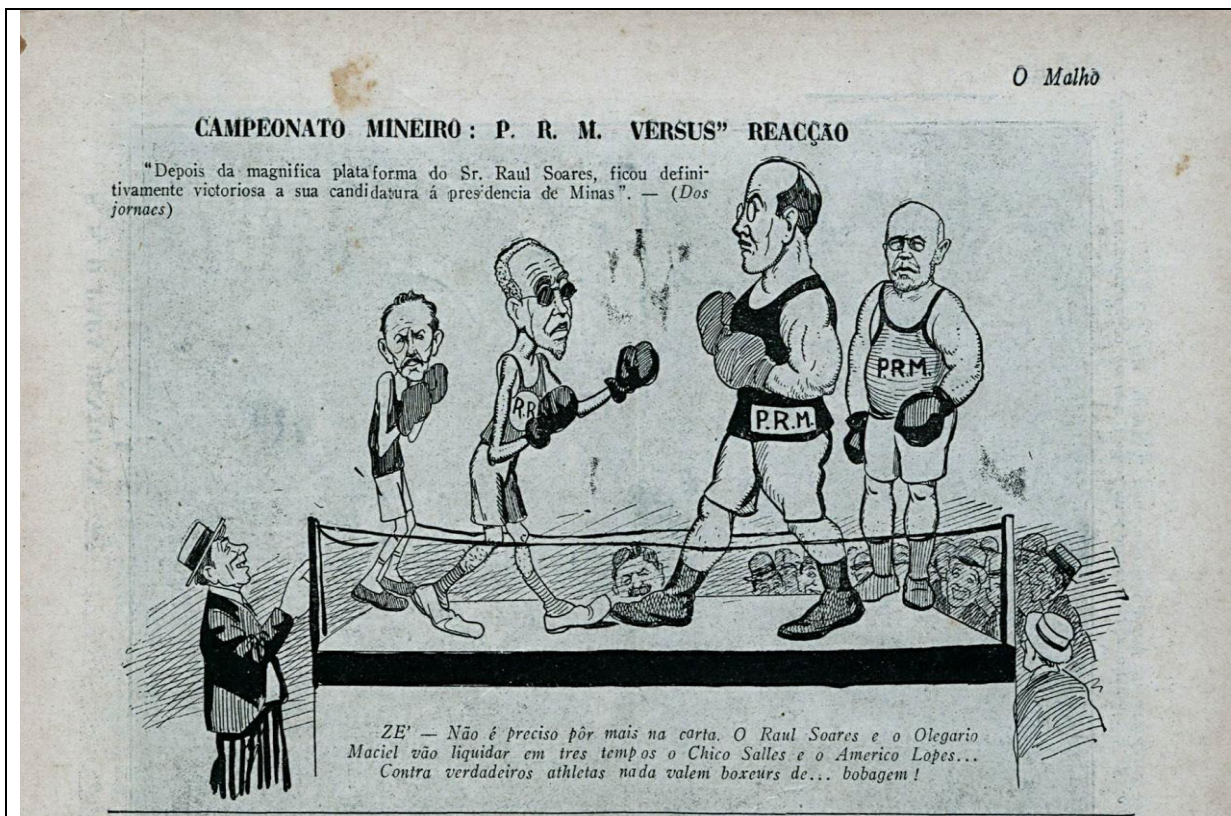
O MALHO. Rio de Janeiro, 21 jan. 1922. A folha reforçava a perspectiva de que os dissidentes continuavam utilizando-se dos militares como um baluarte para a sua campanha, construindo para tanto um monstro mítico que deveria assustar os situacionistas, ao que o Jeca tranquiliza Artur Bernardes, dizendo-lhe que a tal hydra não passava de um monstro de papelão.



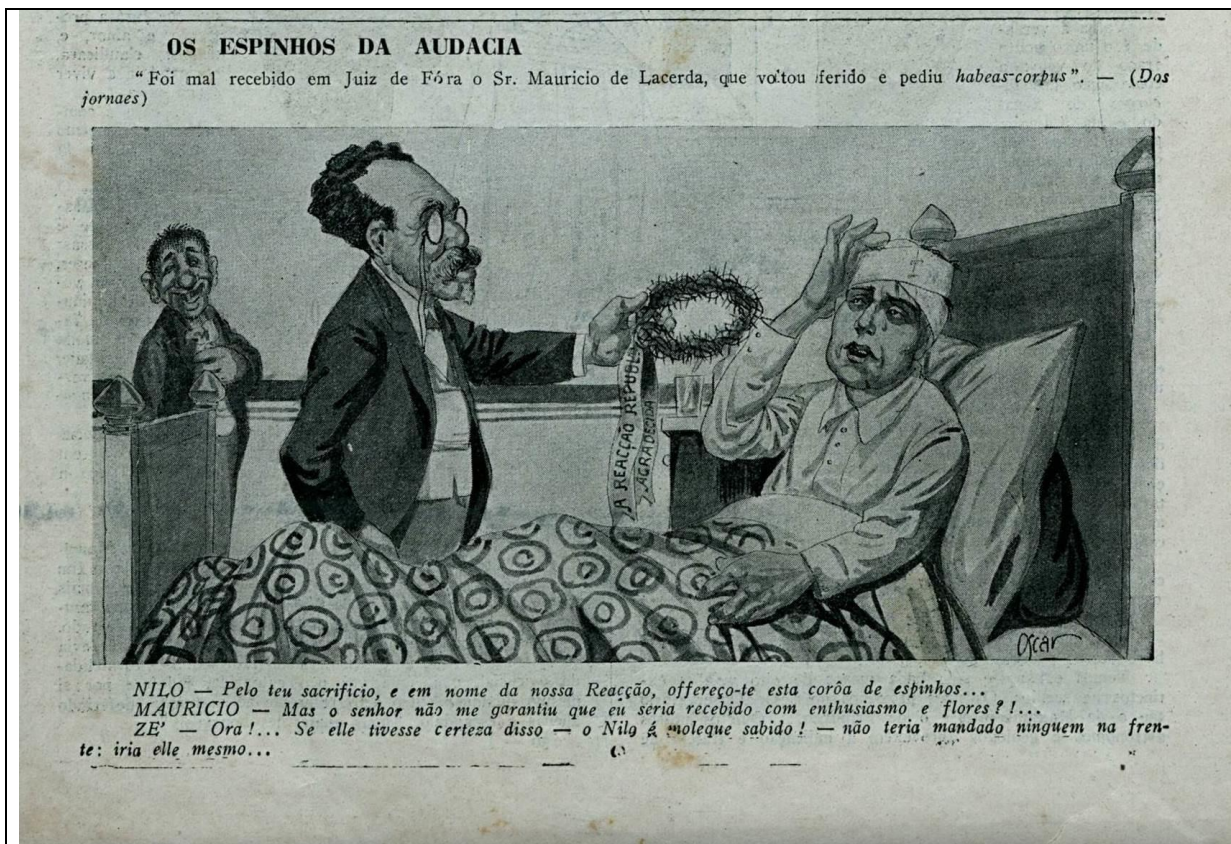
O MALHO. Rio de Janeiro, 28 jan. 1922. A campanha dissidente foi também comparada com um espetáculo circense, aparecendo Nilo Peçanha como um palhaço que tocava bumbo, anunciando o “Circo da Reação Republicana”. Questionado por Epitácio Pessoa se compareceria à apresentação, o Zé Povo negava, dizendo-se farto daquele tipo de diversão, que não mudava o programa, preferindo, portanto, esperar pelas festas carnavalescas.



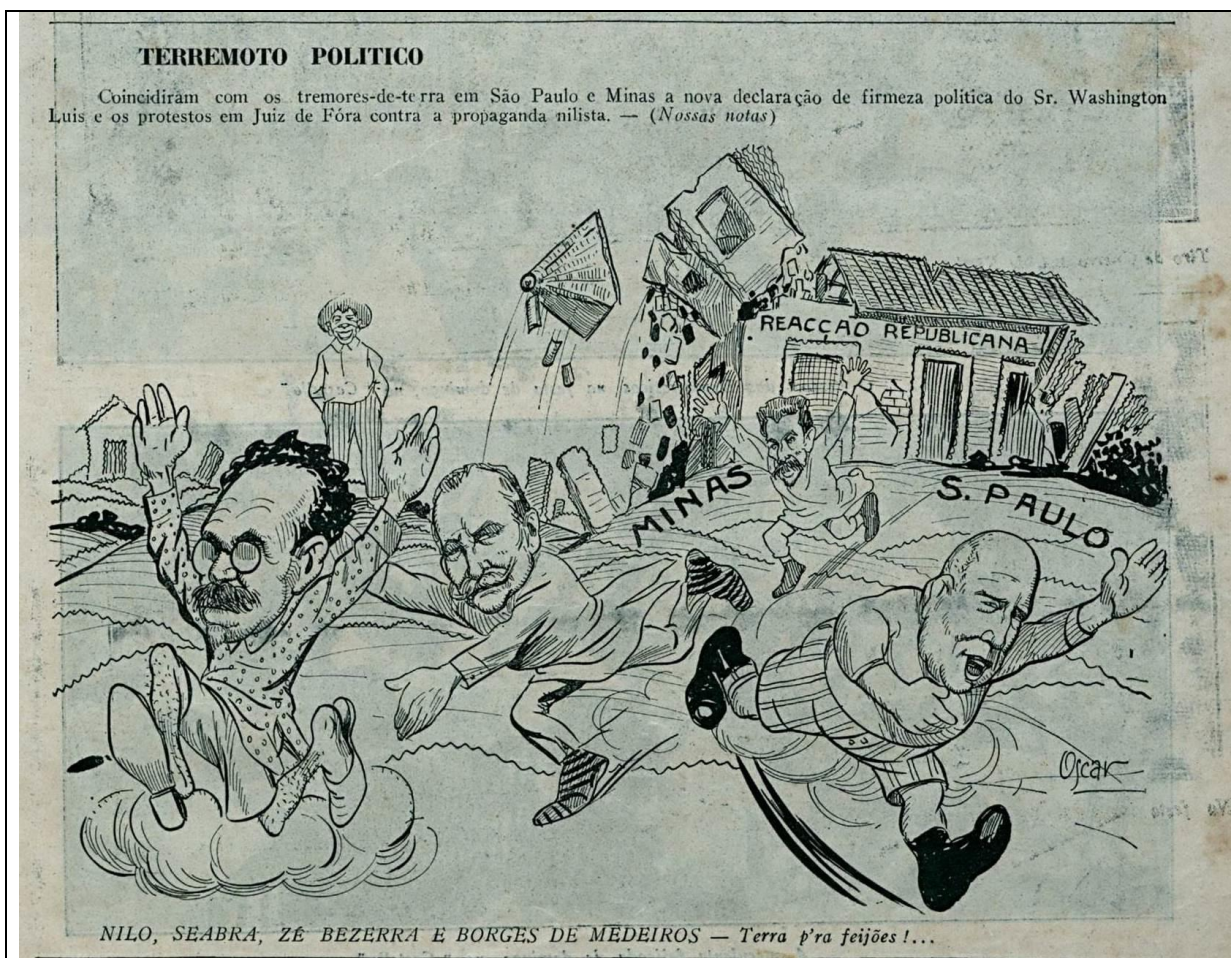
O MALHO. Rio de Janeiro, 28 jan. 1922. Frente ao intento dos dissidentes de entrarem em Minas Gerais para levar em frente sua campanha, Artur Bernardes se mostrava tranquilo, demarcando que não seria necessário um contra-ataque, pois os opositoristas nada conseguiriam em sua "fortaleza".



O MALHO. Rio de Janeiro, 4 fev. 1922. Em meio à sucessão presidencial na esfera federal, havia também os debates em termos regionais, como era o caso de Minas Gerais, Estado que deveria continuar fiel ao Partido Republicano Mineiro, que sustentava a candidatura de Artur Bernardes e levaria também à vitória de seu correligionário no âmbito estadual, infringindo assim mais uma derrota para a Reação Republicana.



O MALHO. Rio de Janeiro, 4 fev. 1922. Apoiador da Reação Republicana, o político fluminense Maurício Paiva de Lacerda teria sofrido lesões advindas da má recepção em Minas Gerais, vindo a receber a visita de Nilo Peçanha, de quem cobrou a garantia que lhe fora dada de que "seria recebido com entusiasmo e flores" em Minas Gerais. Sem obter resposta de Peçanha, Lacerda ouvia a fala do Zé Povo, que aparecia ao fundo da cena, afirmando que o candidato dissidente não era confiável, pois, se houvesse certeza de que os mineiros o receberiam de braços abertos, teria feito ele mesmo a viagem.



O MALHO. Rio de Janeiro, 4 fev. 1922. A má recepção recebida pelos dissidentes em São Paulo e Minas Gerais foi comparada a um “terremoto político” que sacudira o ambiente “nilista”, provocando a queda da casa da Reação Republicana, que ruía, fazendo com que seus líderes fugissem espavoridos.



O MALHO. Rio de Janeiro, 11 fev. 1922. O assessor de Artur Bernardes, João Luís Alves, aparecia como um “Hércules” que, com sua clava/discurso, espantava os líderes dissidentes e o “fantasma” do militarismo que eles estariam a propalar, contando com o aplauso do “Zé Mineiro”.

O Malho

Rio de Janeiro, 18 de Fevereiro de 1922 ANNO XXI — N. 1.014

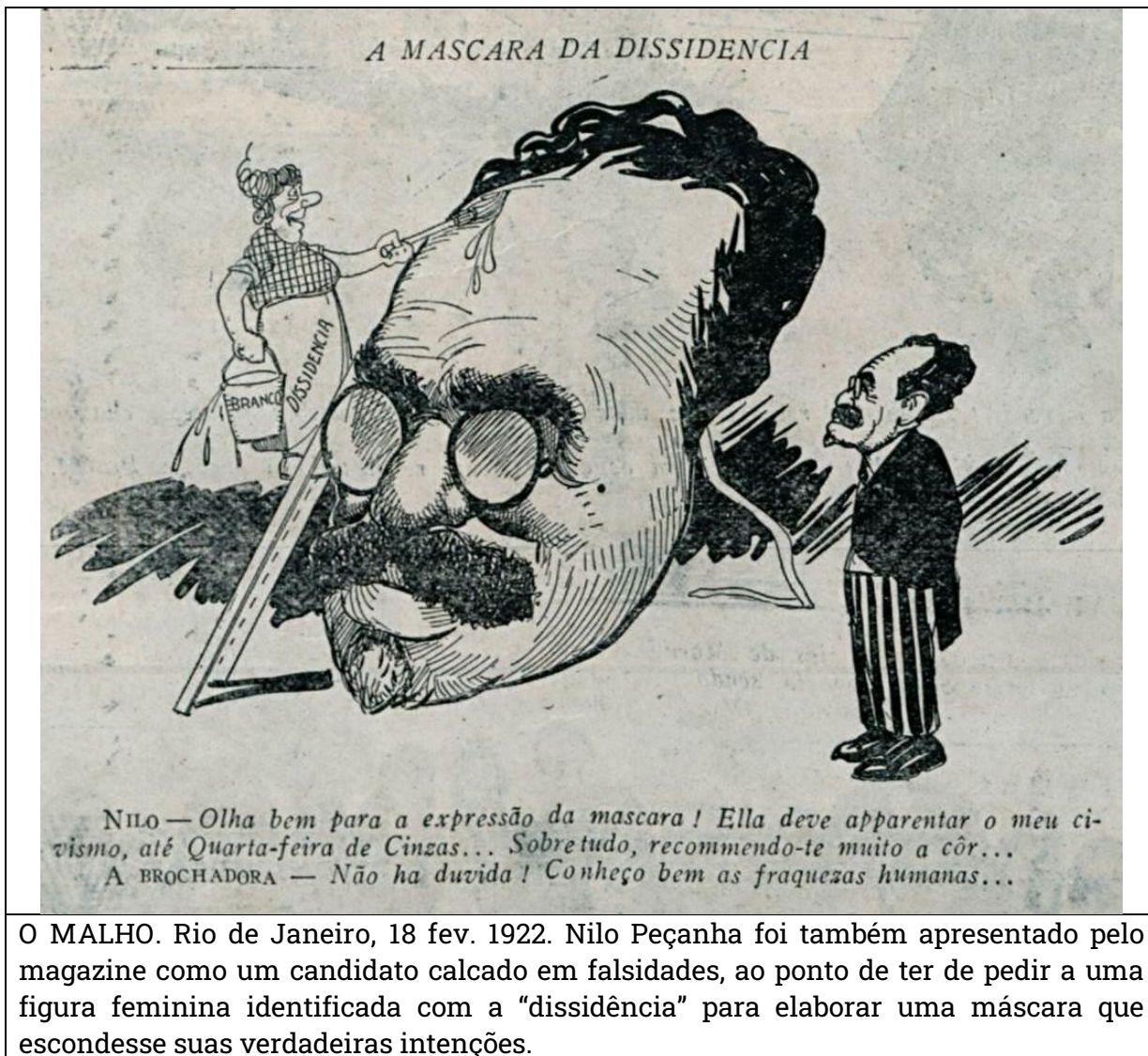
REALIDADE DE UM PESADELO

NILO (acordando sobresaltado) — Céus! Que vejo?! O symbolo da minha victoria... do meu throno?!...

ZE' — Sim! E' isso mesmo... Da urna eleitoral sahirá a tua... forca!...

PREÇOS
NO RIO. 400 réis
NOS ESTADOS. 500 réis

O MALHO. Rio de Janeiro, 18 fev. 1922. Levando em conta sua animosidade para com a chapa oposicionista, a revista imaginava que Nilo Peçanha acordava sobressaltado, pois, apesar do sonho de sua eleição em 1º de março de 1922, tivera um pesadelo que não só anunciava a sua derrota, como também a sua morte política, uma vez que, na urna aparecia uma forca, como avisava o Zé Povo, trazendo o político mais uma triste e temerária realidade.





O MALHO. Rio de Janeiro, 18 fev. 1922. A partir do veredito expresso por Rui Barbosa a respeito da falsidade das cartas depreciativas aos militares atribuídas a Artur Bernardes, o periódico apresentou a figura feminina da verdade que fazia a luz sobre tal assunto, espantando as intenções da “dissidência” e do “Clube Militar”, além de contar com o apoio e o aplauso do Zé Povo.



O MALHO. Rio de Janeiro, 18 fev. 1922. O pleito eleitoral foi também representado por uma prova turfística, em um "grande prêmio" cuja conclusão seria a chegada ao palácio governamental do Catete, sendo os jockeys Bernardes e Peçanha, e contando a disputa com dois juizes, um apoiador dos convencionais, outro dos dissidentes, além de observadores que ficavam ao largo. Diante disso, o Zé Povo verificava a qualidade dos concorrentes e dava certeza de que a vitória caberia ao situacionismo.



O MALHO. Rio de Janeiro, 18 fev. 1922. Com Nilo Peçanha à frente, escrevendo em um quadro negro, vários membros da dissidência realizavam contas, notadamente quanto aos Estados dissidentes para verificar as possibilidades de vitória, no que eram desiludidos pelo Zé Povo, para quem, só os números de Minas Gerais já seriam suficientes para derrubar o projeto oposicionista.

O MALHO

Rio de Janeiro, 25 de Fevereiro de 1922 ANNO XXI — NUM. 1.015

CARNIVAL POLITICO

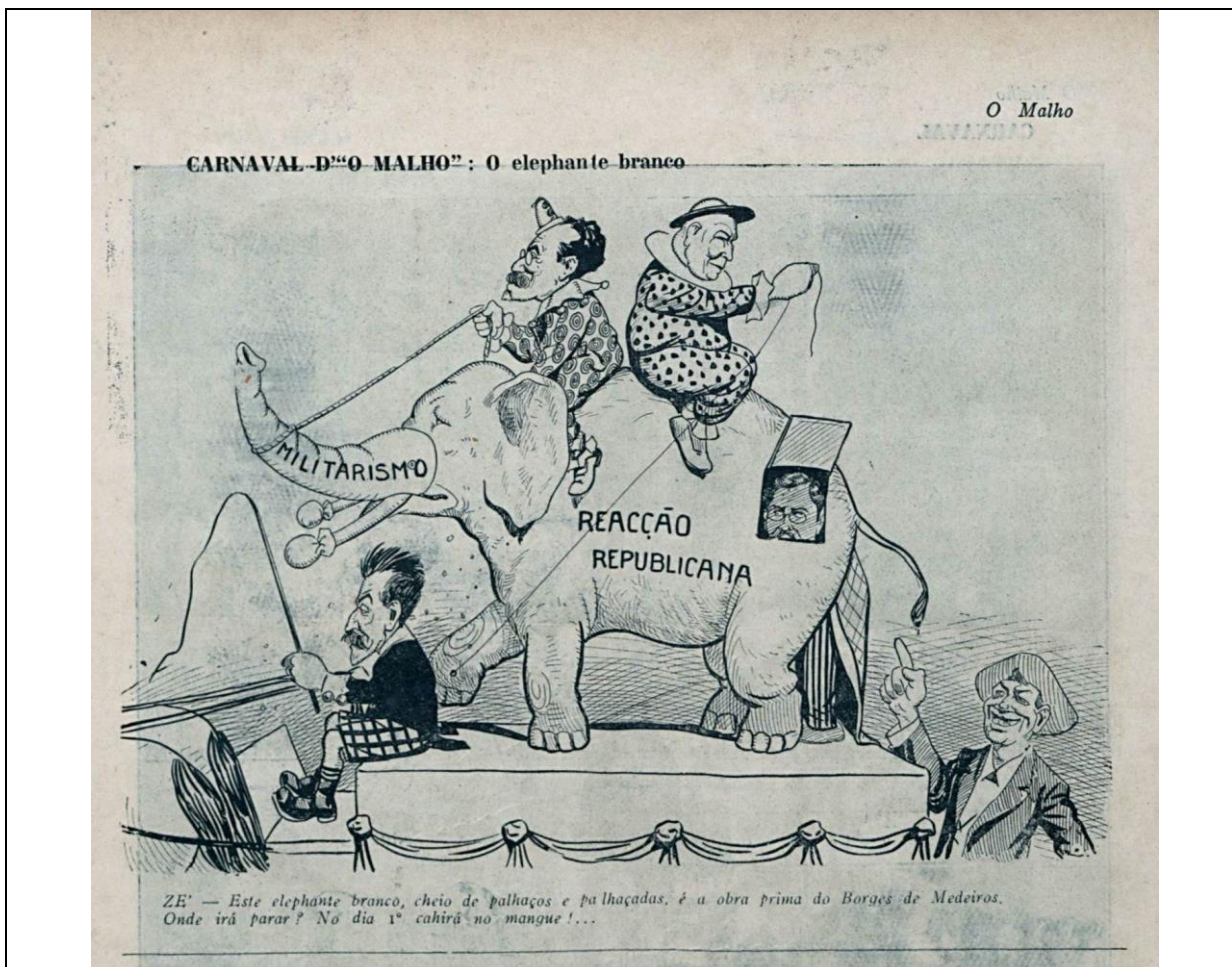
NILO (cantando) — O' abre ala, de'xa nós passá!
 SEABRA — Semos a pró deste Carnavá!
 BORGES DE MEDEIROS, ZE' BEZERRA, CHICO SALLES, IRINEU MACHADO e FRONTIN — E as inleção vamos nós ganhá!
 ZE' (no mesmo tom) — Blóco mambembe, tudo vae gorá! Vocês têm geito só p'ra rateá!...

PREÇOS
 NO RIO 400 réis
 NOS ESTADOS .. 200 réis

O MALHO. Rio de Janeiro, 25 fev. 1922. A partir da proximidade de datas entre as festividades carnavalescas e a eleição presidencial, os dissidentes, alguns deles fantasiados, formavam o “Bloco Reação Republicana”, que saía à rua para angariar votos, em pleno “carnaval político”. No tal bloco parecia prevalecer um certo otimismo quanto ao resultado obtido nas urnas, o que era contradito pelo Zé Povo, segundo o qual, aquele se tratava de um grupo medíocre, cujo resultado eleitoral seria frustrado, sendo tal derrota representada por um rato, tradicionalmente apresentado como sinônimo de corrupção, mas que também iria “ratear”, ou seja, vacilar ou errar.



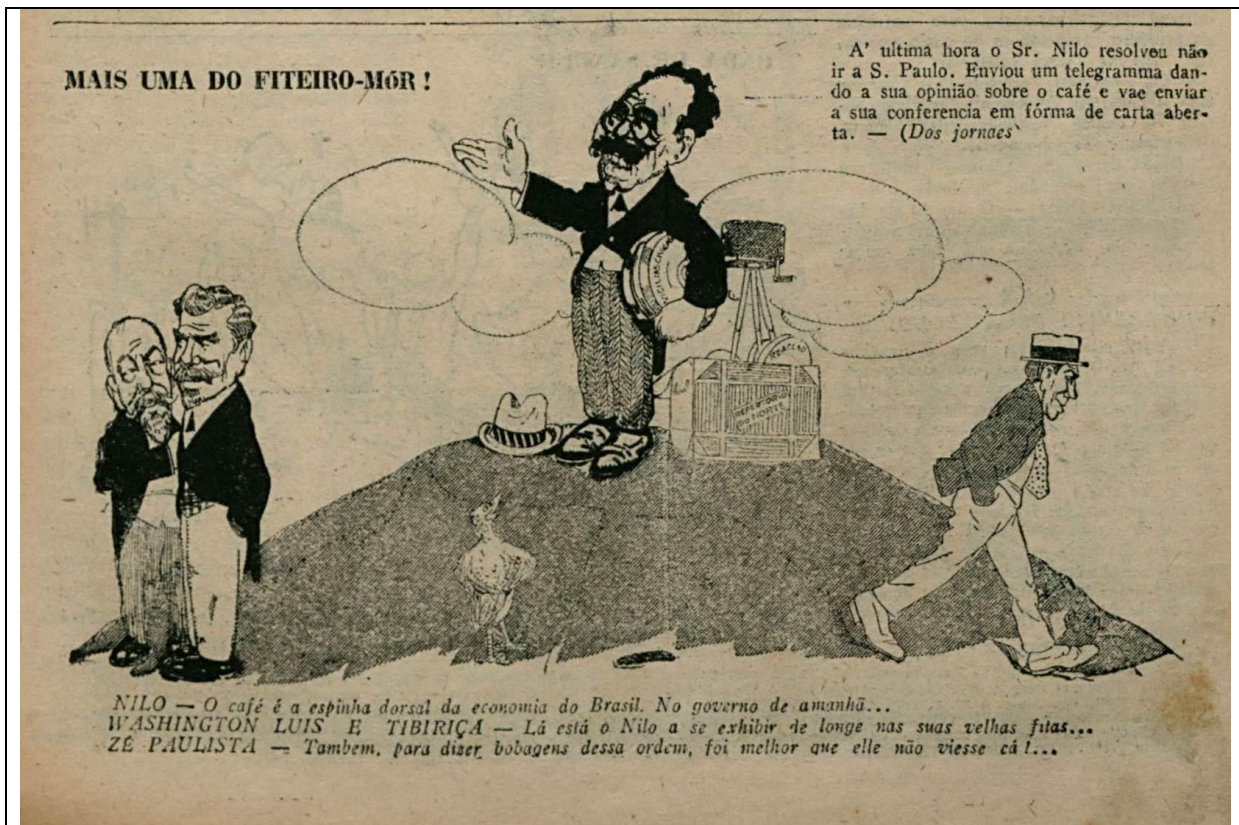
O MALHO. Rio de Janeiro, 25 fev. 1922. A intenção dissidente de agravar as discordâncias entre os militares e a candidatura Artur Bernardes permanecia, tanto que o periódico mostrou que a mesma não passava de um tiro que saía pela culatra, com a derrocada dos opositoristas, conforme anunciado pelo Zé Povo.



O MALHO. Rio de Janeiro, 25 fev. 1922. As atitudes dos dissidentes buscando agitar o militarismo foi vista como uma espécie de Cavalo de Troia, só que falho, pois assumia a feição de um "elefante branco", montado pelos candidatos opositoristas vestidos de palhaços e conduzido pelo gaúcho Borges de Medeiros, prevendo o Zé Povo o pleno desastre de tal projeto.





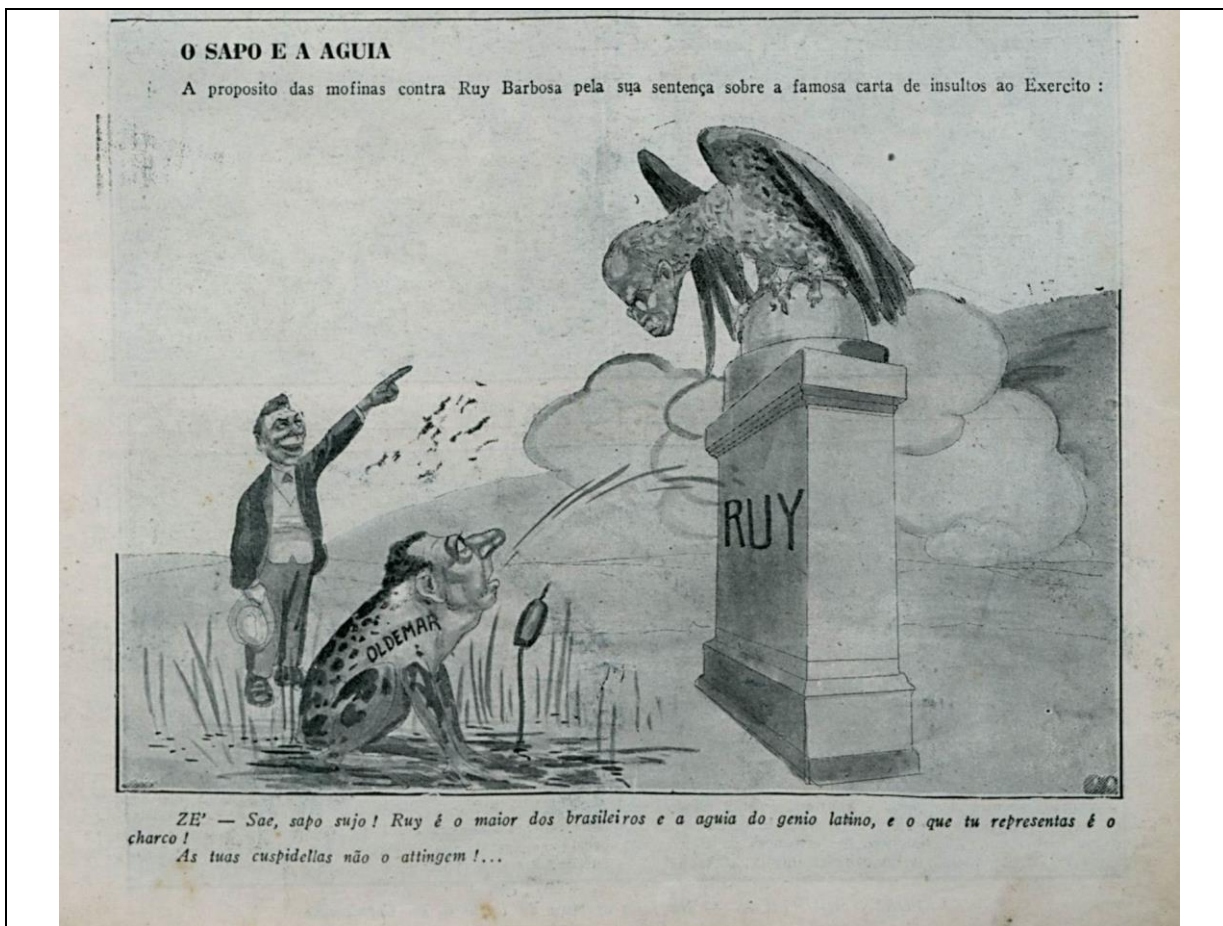


O MALHO. Rio de Janeiro, 25 fev. 1922. Desistindo de sua viagem para São Paulo, Nilo Peçanha teria optado por redigir carta aberta, discorrendo acerca de seu apoio à política de valorização do café, no que era desacreditado pelos políticos paulistas, enquanto o Zé Povo de São Paulo afirmava que, “para dizer bobagens”, o ideal fora que o dissidente resolvera sequer se deslocar para a capital paulista. No título da caricatura, o candidato dissidente era qualificado como o maior dos “fiteiros”, ou seja, um fingido, enganador, exibicionista, ostentoso e charlatão.

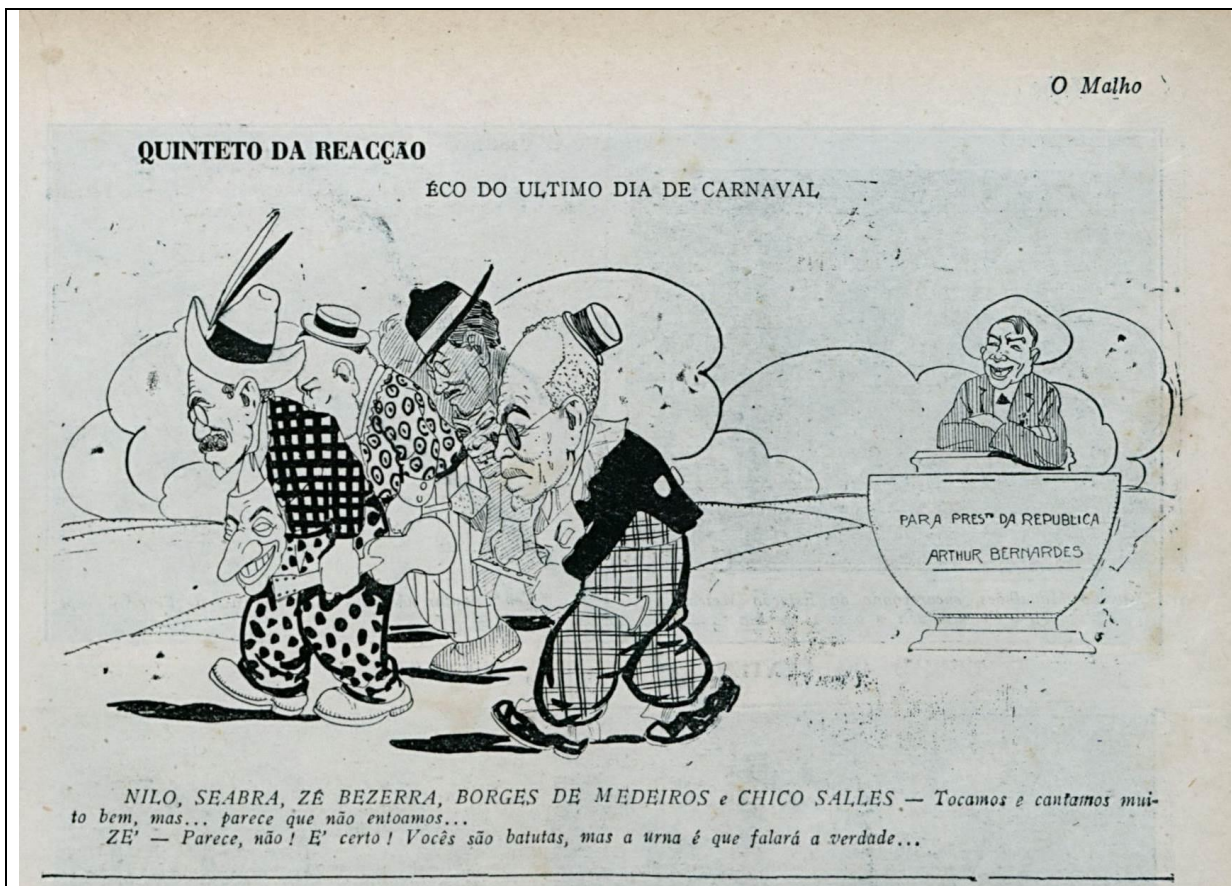




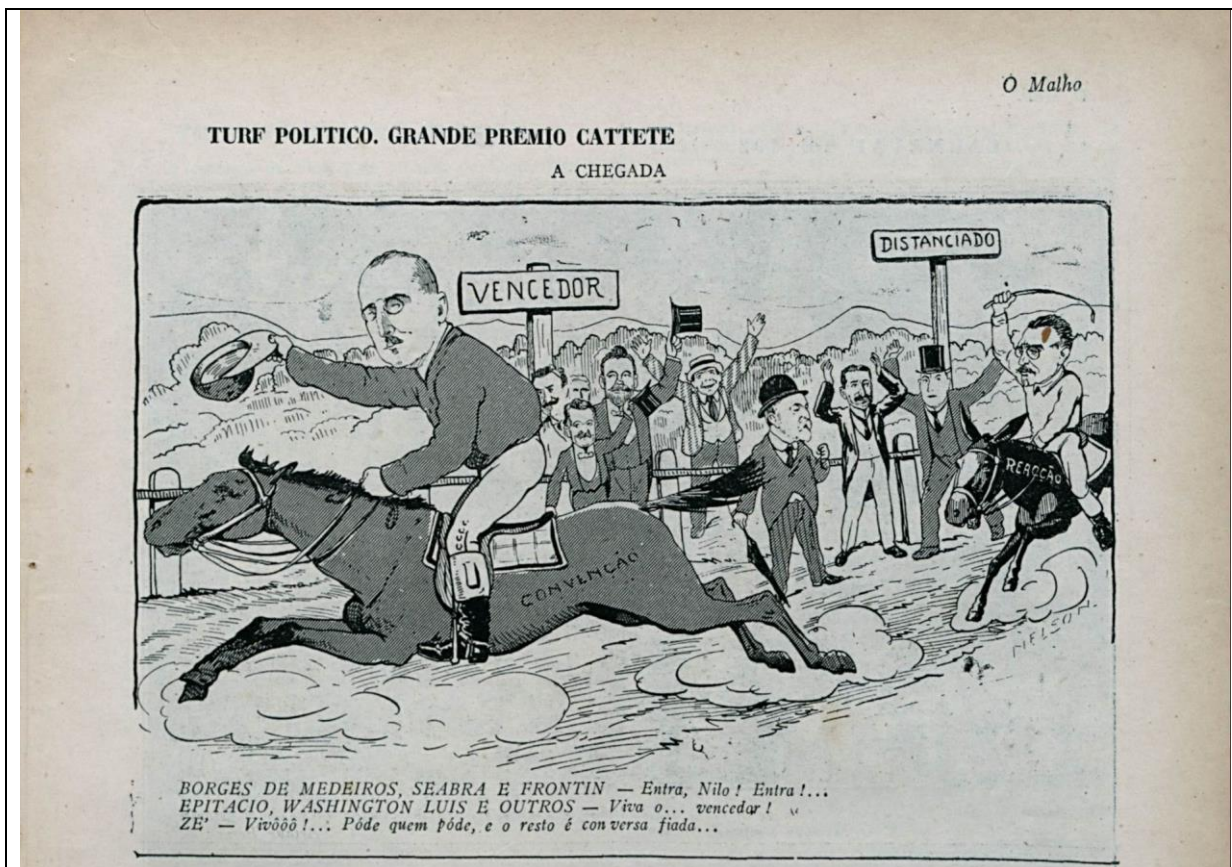
O MALHO. Rio de Janeiro, 4 mar. 1922. Passada a data da realização da eleição, enquanto Artur Bernardes aparecia altivo, recebendo uma enxurrada de votos, Nilo Peçanha era transmutado em um cobra – com toda a carga simbólica negativa que tal animal inspira – que sofria com o “peso a urna”, pois tal objeto, em tamanho avantajado, esmigalhava o corpo do ofídio/candidato opositor. Frente à cena, o Zé Povo apontava que se tratava de “um resultado esmagado”, no caso literal e figurativamente, bem como caracterizava Bernardes como um candidato “batuta”, ou seja, hábil, perito, sagaz, entendido ou valente.



O MALHO. Rio de Janeiro, 4 mar. 1922. Ao passo que o Zé Povo enaltecia uma espécie de monumento alusivo a Rui Barbosa, identificado por uma águia, tendo em vista a denominação que recebera de "Águia de Haia" e mesmo pela altivez simbólica do animal, também atacava Oldemar Lacerda, um dos responsáveis pela confecção das cartas falsas, sendo apontado como um desprezível sapo, que não teria nenhuma condição de atingir a outra personalidade.



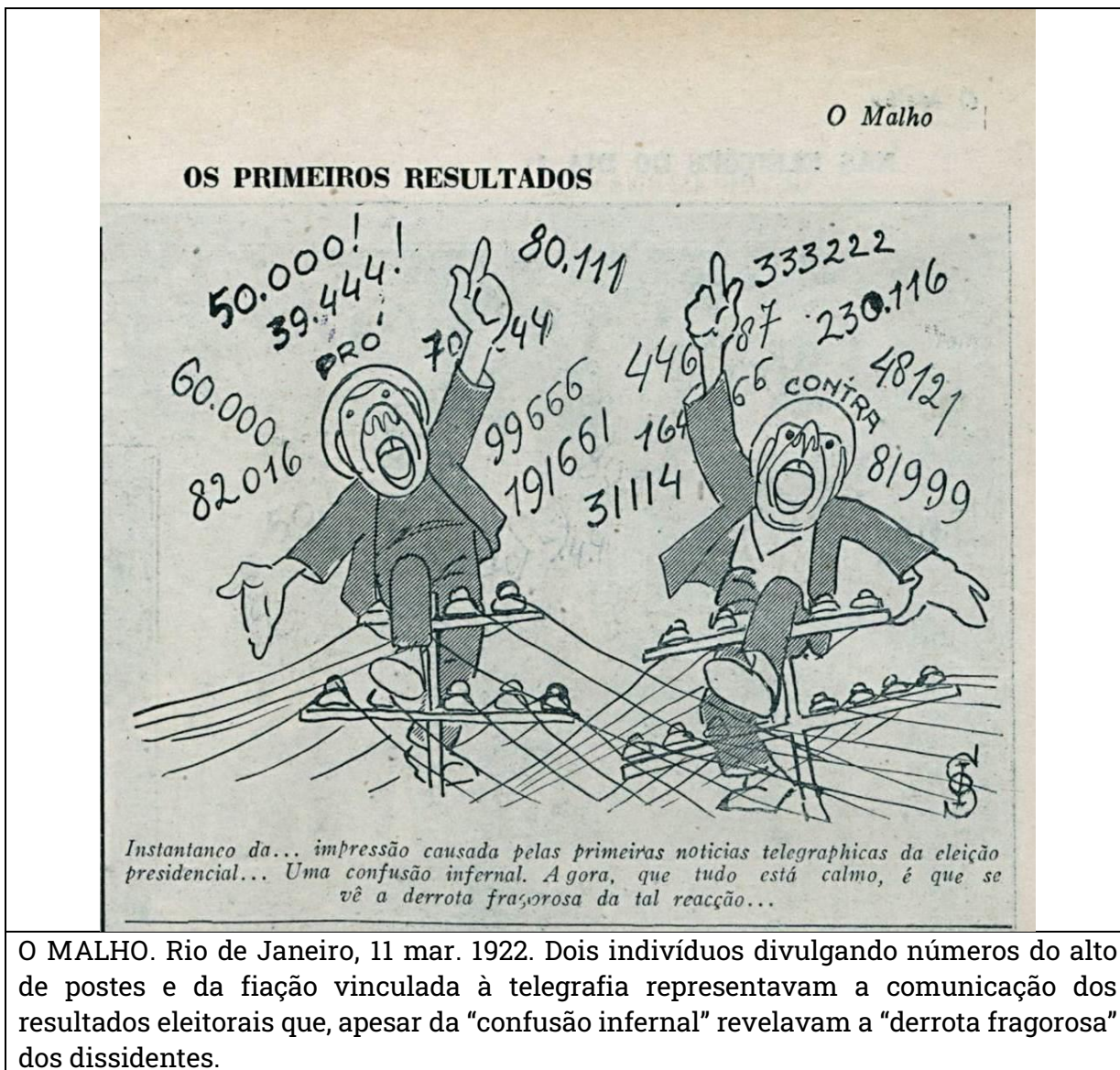
O MALHO. Rio de Janeiro, 4 mar. 1922. O bloco carnavalesco da Reação Republicana aparecia mais uma vez, com seus integrantes entristecidos, cabisbaixos e derrotados, lamentando que, apesar da performance musical, não havia atingido o êxito desejado, o que era confirmado pelo Zé Povo, que se apoiava em uma urna vinculada à candidatura de Artur Bernardes, com a representação popular até reconhecendo que os opositoristas haviam sido espertos, mas lhes faltara conteúdo para a vitória eleitoral.



O MALHO. Rio de Janeiro, 4 mar. 1922. O “turfe político”, com o “grande prêmio Catete”, voltou a figurar, agora mostrando a chegada, na qual Artur Bernardes, com o cavalo da “Convenção”, ganhava com grande vantagem de Nilo Peçanha, montando a mula da “Reação”, parecendo dissidentes e governistas como torcedores, ao passo que o Zé Povo comemorava efusivamente a vitória situacionista, sem deixar de escarnecer os opositores.



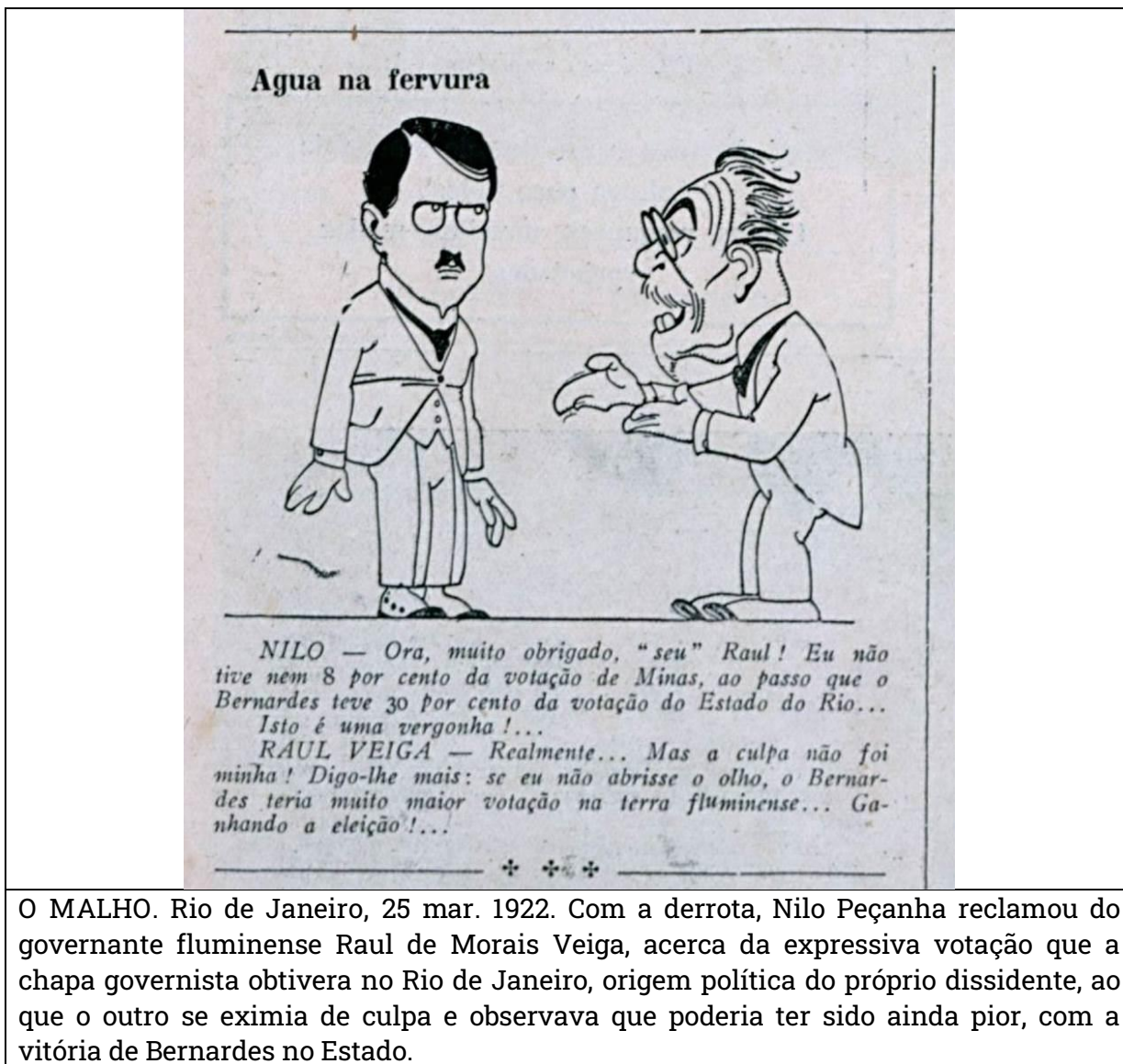
O MALHO. Rio de Janeiro, 11 mar. 1922. Diante das reações dos dissidentes à eminente derrota, o periódico mostrava o controle que o Presidente Epitácio Pessoa tinha do Congresso Nacional, oferecendo aos papagaios/parlamentares uma enorme espiga de milho representando o "subsídio" pago a cada um deles, enquanto o Zé Povo verificava que tal influência decisiva provocara pavor no candidato opositor Nilo Peçanha.

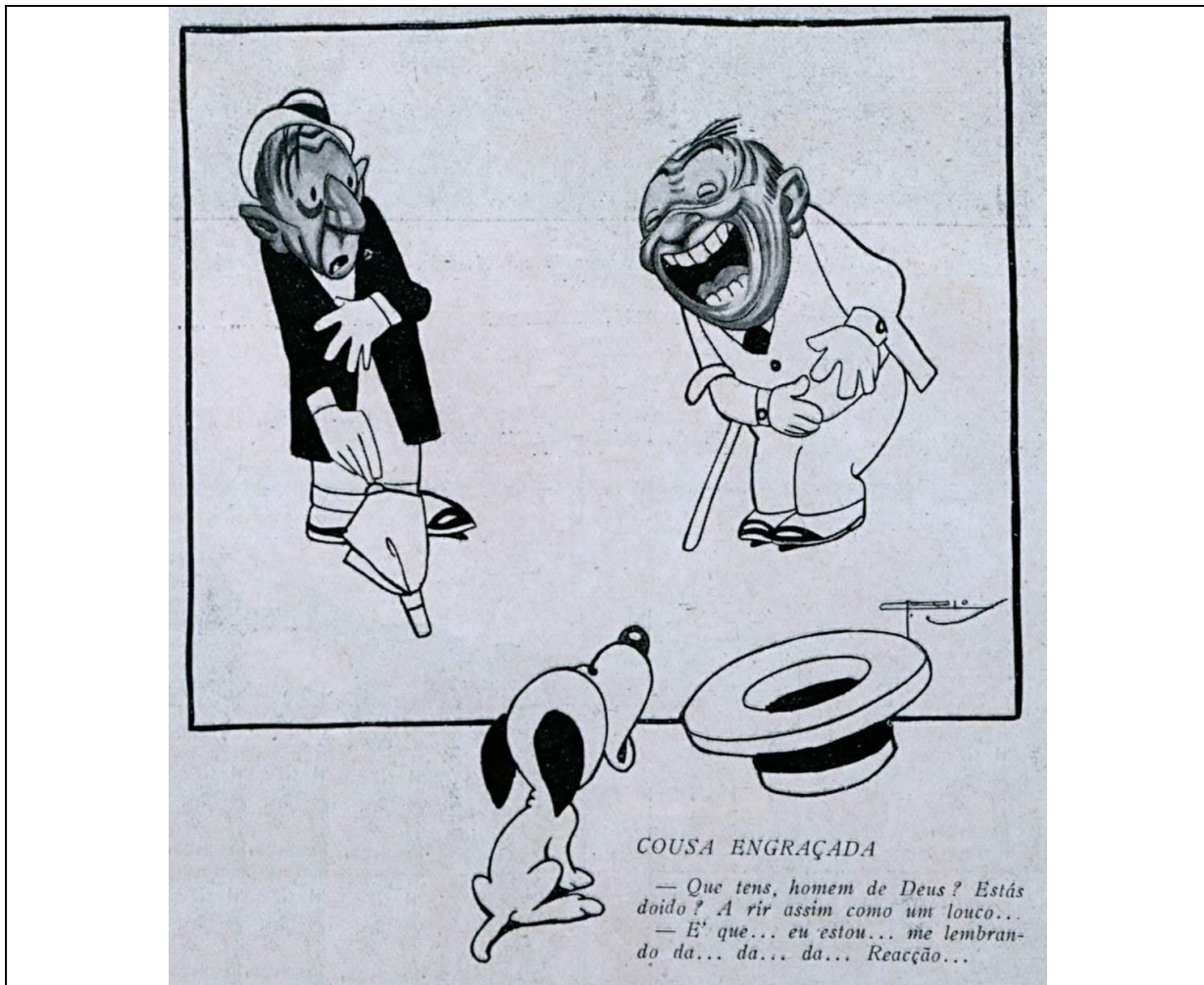






O MALHO. Rio de Janeiro, 25 mar. 1922. As lideranças da Reação Republicana também foram apresentadas em trajes de marinheiro, cujo bote da frente dissidente encontrava-se encalhado à junto à praia, enquanto eles manifestavam suas “tristezas à beira mar”, cantarolando em forma de queixume quanto a uma suposta traição do “Seu Zé”, ou seja, da falta de apoio do povo, que não teria lhe dedicado os votos suficientes para a vitória, diante do que, o semanário, com ironia, reproduzia o ditado popular segundo o qual “quem canta seus males espanta”, ou seja, ao menos poderiam assim aliviar suas tristezas.

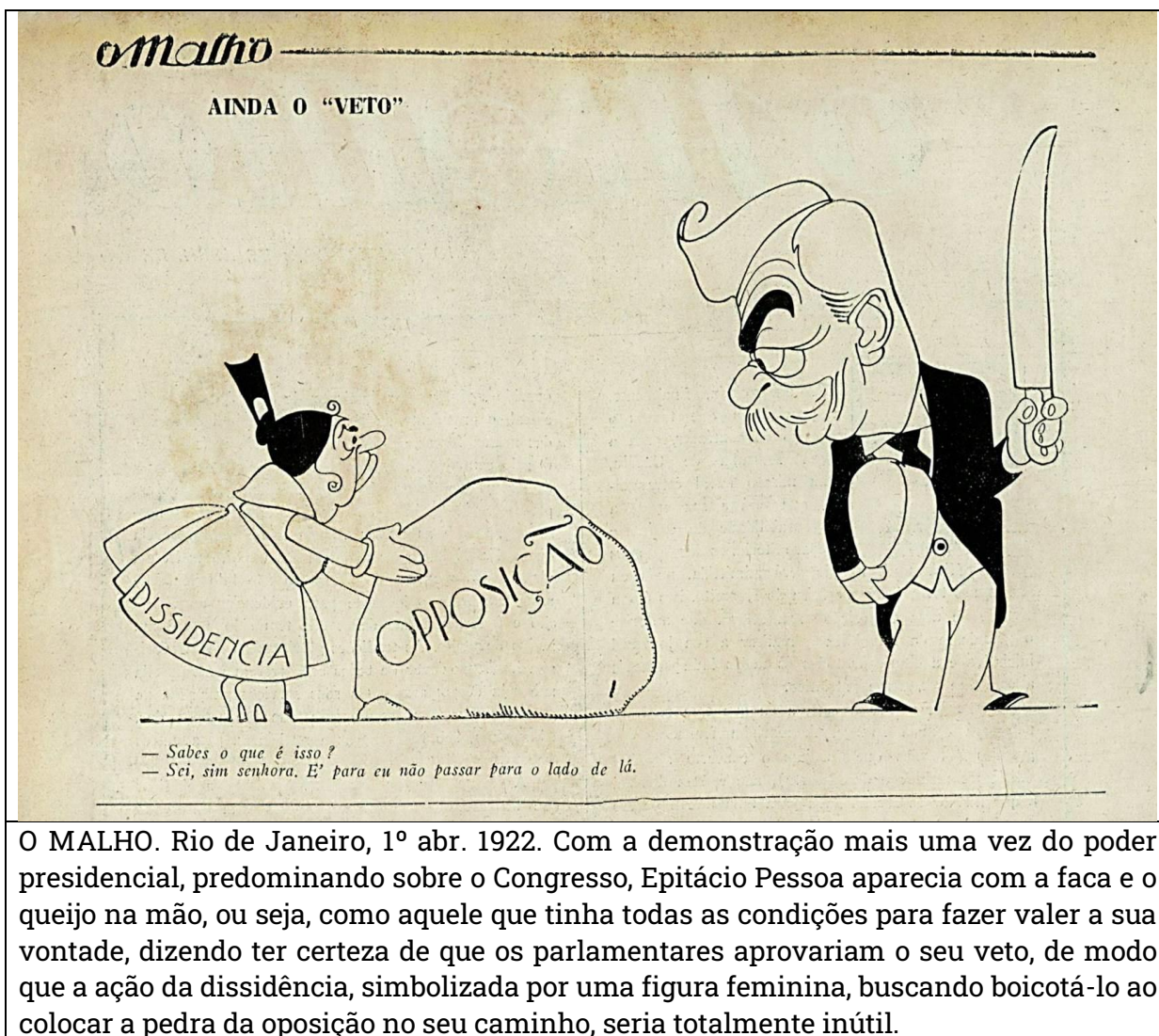




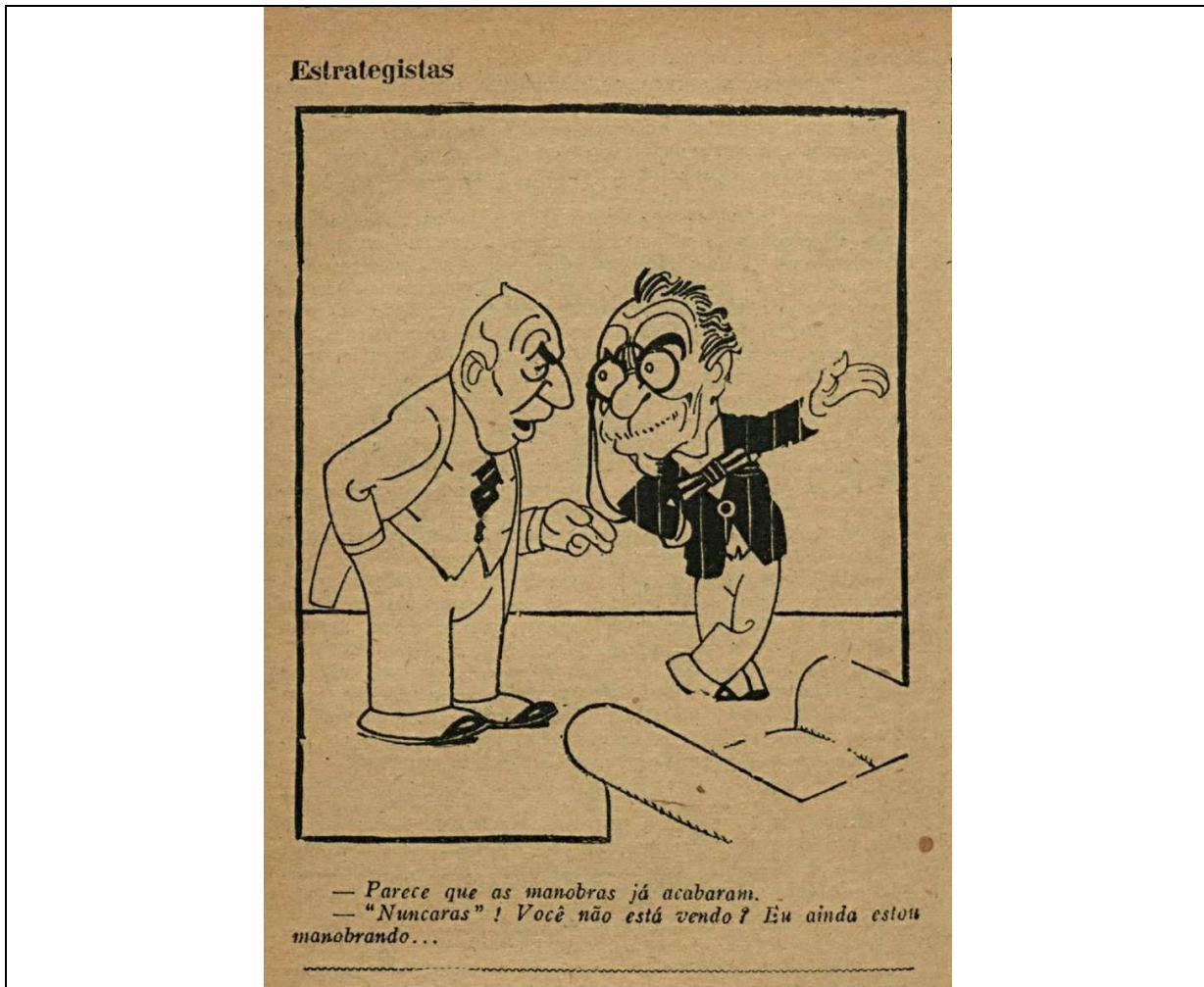
O MALHO. Rio de Janeiro, 25 mar. 1922. A revista ilustrada chegava a fazer zombaria com a candidatura dissidente, ao mostrar a conversa entre dois indivíduos, na qual um deles estranhava o motivo do outro rir de maneira incontrolável, enquanto o outro explicava que estava a lembrar-se da derrota da Reacção Republicana.



O MALHO. Rio de Janeiro, 25 mar. 1922. Referindo-se a uma "democracia *sui generis*", na qual o derrotado pretendia ser reconhecido como vencedor, o magazine mostrava um enlouquecido Nilo Peçanha exigindo que o Jeca reivindicasse os seus direitos e puxasse uma carroça esfarrapada levando o político para a sua posse no Palácio do Catete.



O MALHO. Rio de Janeiro, 1º abr. 1922. Com a demonstração mais uma vez do poder presidencial, predominando sobre o Congresso, Epitácio Pessoa aparecia com a faca e o queijo na mão, ou seja, como aquele que tinha todas as condições para fazer valer a sua vontade, dizendo ter certeza de que os parlamentares aprovariam o seu veto, de modo que a ação da dissidência, simbolizada por uma figura feminina, buscando boicotá-lo ao colocar a pedra da oposição no seu caminho, seria totalmente inútil.



O MALHO. Rio de Janeiro, 1º abr. 1922. A respeito das possíveis estratégias adotadas pelos dissidentes frente à derrota, J. J. Seabra observava que todas as “manobras” estariam encerradas, não havendo mais o que fazer, ao que reagia Nilo Peçanha, de certo modo transtornado, imaginando que ainda poderia haver alguma alternativa.

ANNO XXI
—
NUM. 1.021

o Malho

RIO DE JANEIRO, 8 DE ABRIL DE 1922

Mea culpa
Mea culpa
Mea maxima culpa.

CAMARA

SENADO

OPPOSICAO

FOGO NA CANGICA

A OPPOSICAO. — Isso é demais! Estou eu aqui ha longo tempo, a gritar como uma doida, e você a fazer ouvidos de mercador!

EPITACIO. — Desculpe, minha senhora. Eu não tinha ouvido. O que é que deseja? Um logarzinho ali entre os dois?

PREÇOS

No Rio . . . \$400

Nos Estados.. \$500

O MALHO. Rio de Janeiro, 8 abr. 1922. O amplo poder do presidencial foi novamente retratado, com caricatura de capa na qual o “velho” Senado e a dama “Câmara dos Deputados” prostravam-se diante de Epitácio Pessoa, enquanto o Zé Povo maliciosamente assumia a culpa por aquela circunstância e a oposição – simbolizada por uma mulher de tamanho diminuto – se manifestava em altos brados, com uma matraca na mão, para ampliar o barulho que fazia, reclamando que o Presidente fazia que não escutava a figura feminina, ao que ele, com uma vara na mão, designando o seu domínio da situação, com ironia pedia desculpas por não tê-la ouvido, oferecendo-lhe um lugar em meio ao submisso parlamento.

ANNO XXI
NUM. 1.023

O Malho

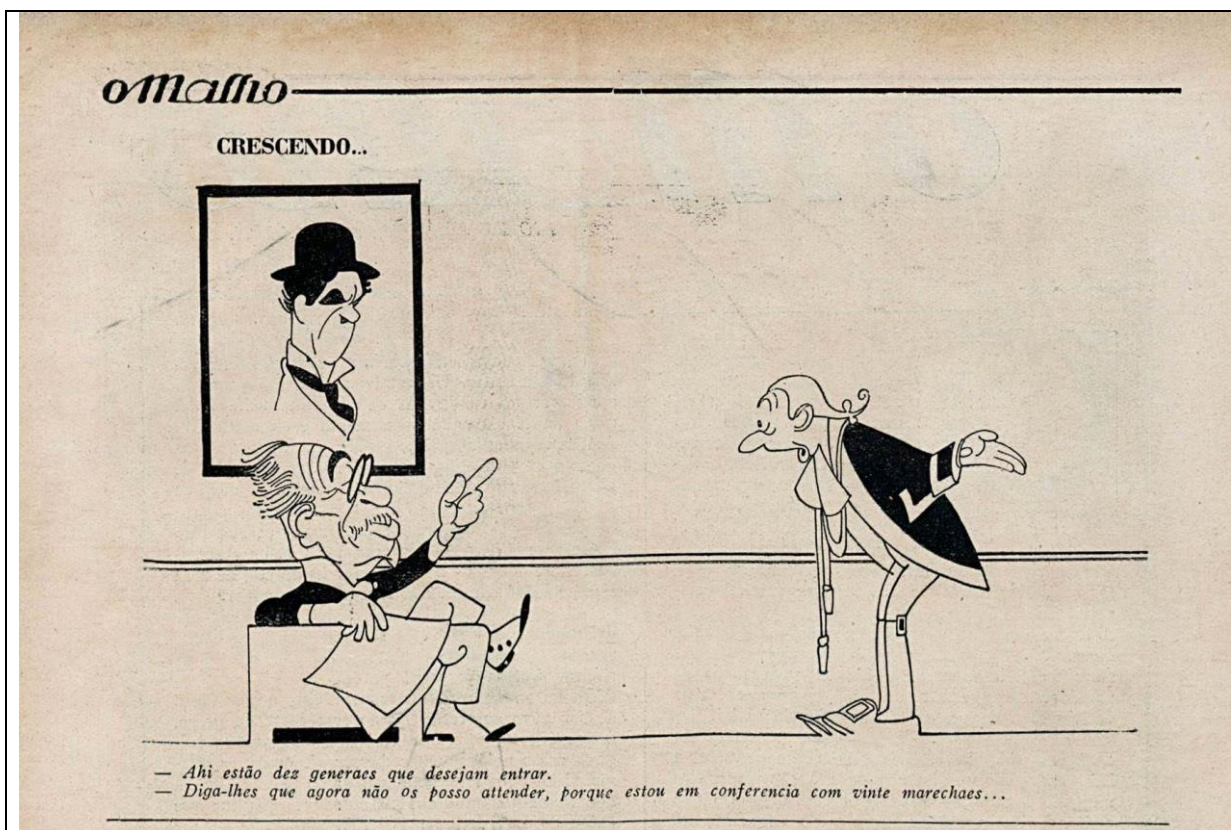
RIO DE JANEIRO, 22 DE ABRIL DE 1922

O SOVIET DE MÃE JOANNA

EPITACIO — E' notavel esse defensor dos principios republicanos. E fui eu quem desacatou o Congresso Nacional...

PREÇOS
No Rio . . . \$400
Nos Estados.. \$500

O MALHO. Rio de Janeiro, 22 abr. 1922. Os apelos de Nilo Peçanha sugerindo a formação de um tribunal de honra, que fizesse uma revisão do resultado eleitoral, de modo que assim estaria desbancando o Congresso Nacional, a quem cabia tal função, foi comparado a um “sovieta da Mãe Joana”, em referência a um imaginado regime soviético no qual valeria tudo, não havendo ordem e predominando a confusão. Frente à cena, o Presidente Epitácio, ironicamente, estranhava aquele tipo de atitude, ainda mais por supostamente tratar-se de um “notável defensor dos princípios republicanos”, ao passo que, jocosamente, o Zé Povo lia as “Aventuras de Lênin”.



O MALHO. Rio de Janeiro, 22 abr. 1922. A folha ilustrado-humorística considerava risíveis as atitudes de Nilo Peçanha visando a demonstrar que ainda tinha algum tipo de poder notadamente no meio militar, tanto que, diante do anúncio por parte do criado de que dez generais desejam falar com o político, ele inventava que não teria condições de recebê-los por estar na presença imaginária de vinte marechais, ficando a troça na perspectiva irônica de que ele estaria “crescendo” em termos de abrangência, ao mesmo tempo que o periódico se referia a tal presunção como uma comédia inverossímil, perspectiva confirmada pela presença do retrato do ator e comediante Charles Chaplin.

O sabido

O senador Francisco Salles raspou agora, de uma vez, a barba e os vestígios de um vago bigode que lhe embelezavam a face noutros tempos...



NILO — A moda é bonita, mas eu é que não vou na onda. Positivamente, não seria reconhecido por ninguém...

O MALHO. Rio de Janeiro, 22 abr. 1922. A sátira, a ironia e o deboche se faziam mais uma vez presentes no tratamento dado ao candidato que estivera à frente da Reação Republicana, com a notícia de que o dissidente Francisco Sales, mudara de aparência quanto aos pelos faciais, diante do que Nilo Peçanha teria se negado a fazer o mesmo, pois, apesar de reconhecer até que tal "moda" seria "bonita", se ele o fizesse deixaria de ser reconhecido, o que, segundo a publicação carioca, já não estaria naturalmente acontecendo, como teria revelado o acachapante resultado das urnas.

ANNO XXI
—
NUM. 1.025

o Malho

RIO DE JANEIRO, 6 DE MAIO DE 1922

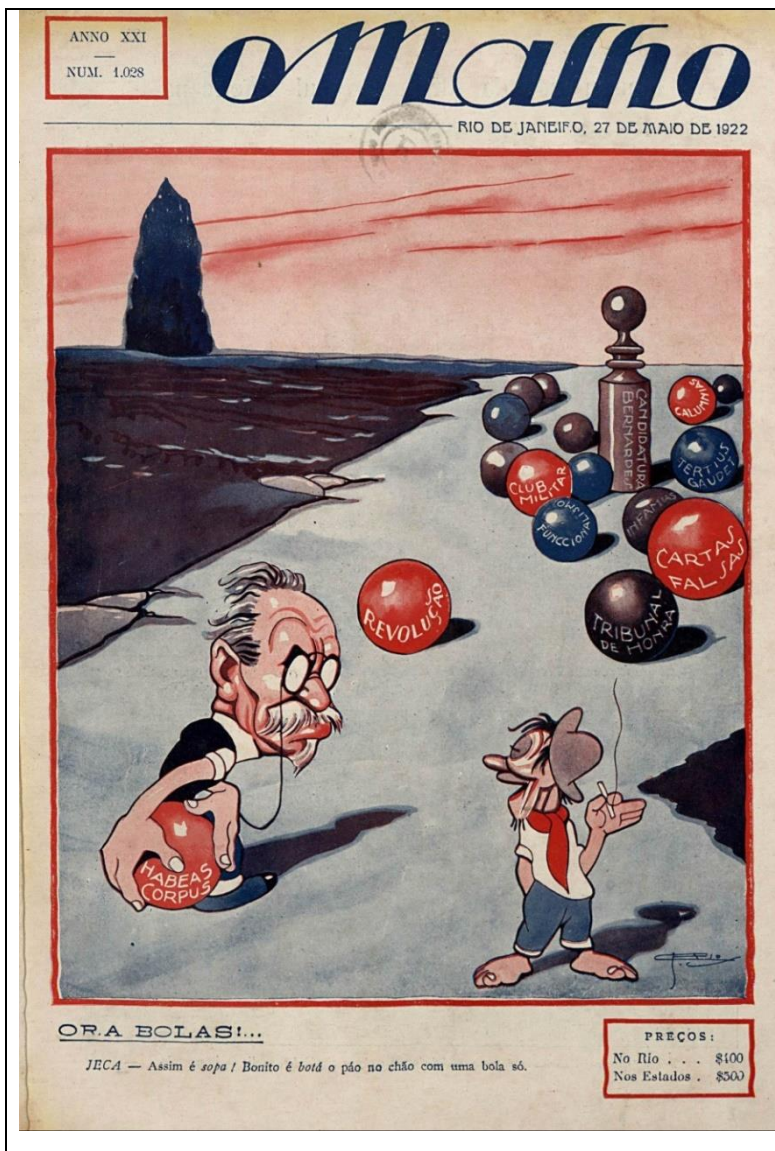
O PRATO DO DIA

A REVOLUÇÃO — Então, Jeca; você esqueceu sua velha?
JECA — Agora não tem mais lugar. A pagina já está cheia. Dá o fóra.

PREÇOS

No Rio . . . \$400
Nos Estados.. \$500

O MALHO. Rio de Janeiro, 6 maio 1922. A possibilidade de revolta motivada pela vitória de Artur Bernardes era descartada pelo hebdomadário, conforme o desenho que trazia em uma de suas capas, no qual o Jeca fazia o papel de pintor, retratando os principais episódios dos últimos tempos, incluindo o predomínio do Presidente sobre o Congresso, os preparativos para a comemoração do centenário da independência, a visita de aviadores lusos, a boataria e a carestia. Diante disso, uma figura feminina designando a “revolução” reclamava que não estava a figurar no quadro, vindo a ser dispensada pela representação do povo, dizendo que não havia mais lugar na pintura para ela.



O MALHO. Rio de Janeiro, 27 maio 1922. As múltiplas tentativas dos dissidentes para interferir ou anular o resultado das urnas foi representada de maneira crítica por parte da revista ao mostrar um jogo no qual o objetivo era derrubar um pino identificado com a candidatura Bernardes e, para executar tal intento, Nilo Peçanha utilizava-se de diversas bolas referentes às estratégias até então empregadas como as “calúnias”, o anúncio do lançamento de uma terceira candidatura alternativa, a busca do apoio militar, a manipulação do funcionalismo público, as “infâmias”, as “cartas falsas”, o “tribuna de honra”, a “revolução” e, finalmente, a bola que tinha em mãos, a do “*habeas corpus*”. Diante de tanto esforço, o Jeca chacoteava, duvidando que ele conseguisse algum resultado utilizando-se apenas de uma bola.

A postura de *O Malho* de franco apoio à candidatura governista de Artur Bernardes e de intenso antagonismo para com à dissidência oposicionista de Nilo Peçanha vinha ao encontro de uma posição que se tornaria tradicional do periódico no momento de apoiar os candidatos situacionistas. Já bem colocada no rol das publicações ilustradas brasileiras, o semanário primava pela manutenção da estabilidade política, pois, com ela, poderia advir a estabilidade econômica, fundamental para um projeto editorial. Na sua concepção, tal estabilidade não se coadunava com mudanças ou rupturas, daí o apoio ao situacionismo e a resistência para com o oposicionismo. Nesse sentido, segundo a revista, a oposição dissidente servira para promover uma campanha acirrada, que deixara “de ser doutrinária para ser combativa”, de modo que transformava “os adversários em inimigos figadais”, vindo a acabar “por se circunscrever na órbita sangrenta das agressões covardes e das bárbaras eliminações”. Nesse sentido, considerava que tal “campanha não serve ao regime, porque o está atribulando de sobressaltos, o está fazendo apreensivo, minando-o nas suas energias e ameaçando retardá-lo no rumo das suas conquistas”²⁶. Além disso, o magazine apontava que a “dissidência pôs a intriga e a mazorca a serviço da sua formação”, de maneira que, “de ameaça em ameaça, de violência em violência, os pregoeiros da anarquia e da dissolução dos costumes nacionais, os chamados diretores dessa campanha inglória”, estariam “arrastando o país a um precipício, que eles próprios, talvez, não conheçam bem para avaliarem da profundidade”²⁷.

²⁶ O MALHO. Rio de Janeiro, 14 jan. 1922.

²⁷ O MALHO. Rio de Janeiro, 28 jan. 1922.

Entre a continuidade supostamente estável do governismo e qualquer possibilidade de alteração/ruptura com a oposição, o hebdomadário optava incondicionalmente pela primeira opção.



A Coleção Documentos tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.



Coleção Documentos

A **Coleção Documentos** tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.

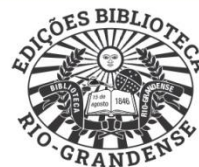
CENTRO DE
LITERATURAS
E CULTURAS
LUSÓFONAS
E EUROPEIAS
CLEPUL
Faculdade de Letras da
Universidade de Lisboa



FCT
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia



**BIBLIOTECA
RIO-GRANDENSE**



edicoesbibliotecariograndense.com



9 786589 557913

IBSN: 978-65-89557-91-3